



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V.7 - SAFRA 2019/20 - N. 6 - Sexto levantamento | **MARÇO 2020**



Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Guilherme Soria Bastos Filho

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Cláudio Rangel Pinheiro

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor - Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Bruno Scalon Cordeiro (Diretor Interino)

Superintendente de Informações do Agronegócio (Suinf)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Candice Mello Romero Santos

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Carlos Eduardo Gomes de Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Jeferson Alves de Aguiar

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Leticia Bandeira Araújo (estagiária)

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Andrezza Lima Coelho Cardoso (estagiária)

Davi de Paula Granato Valin (estagiário)

Fernando Arthur Santos Lima

Giuseppe Fernandes Martins Cortizo (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Thiago Lima de Oliveira (menor aprendiz)

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 7 - SAFRA 2019/20- N. 6 - Sexto levantamento | **MARÇO 2020**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 7 - Safra 2019/20 - Sexto levantamento, Brasília, p. 1-89 março 2020.

Copyright 2020 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho); Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo).

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Getúlio Moreno, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Słomoszynski, Rafael Arruda (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Allan Salgado, Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça (PR); Hélcio de Melo Freitas, Thiago Pires de Lima Miranda, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sousa Sobrinho (PI); Ana Paula Pereira de Lima; Cláudio Chagas Figueiredo; Olavo Franco de Godoy Neto (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Augusto Rubin, Luana Schneider, Marcelo Siste Campos, Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Marco Antonio Garcia Martins Chaves, Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agropecuária do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bônco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater/RJ); Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac) / Gerência de Eventos e Promoção Institucional

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Marília Malheiro Yamashita

Fotos

Início: Lavoura de arroz Sureg MS - Final: Lavoura de soja- MS

Normalização

Thelma das Graças Fernandes Souza – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad) / Gerência de Protocolo, Arquivos e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n. 1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título

SUMÁRIO



1. Resumo executivo	8
----------------------------------	----------



2. Introdução	10
----------------------------	-----------



3. Estimativa de área, produtividade e produção	11
--	-----------



4. Crédito rural	19
-------------------------------	-----------



5. Análise climática - Inmet	23
---	-----------



6. Análise das culturas	28
--------------------------------------	-----------

6.1. Culturas de verão	29
------------------------------	----

6.1.1. Algodão	29
----------------------	----

6.1.2. Amendoim	33
-----------------------	----

6.1.3. Arroz	36
--------------------	----

6.1.4. Feijão	42
---------------------	----

6.1.5. Gergelim	57
-----------------------	----

6.1.6. Girassol	58
-----------------------	----

6.1.7. Mamona	59
---------------------	----

6.1.8. Milho	60
--------------------	----

6.1.9. Soja	69
-------------------	----

6.1.10. Sorgo	75
---------------------	----

6.2. Culturas de inverno -----	76
6.2.1. Aveia -----	76
6.2.2. Canola -----	77
6.2.3. Centeio -----	77
6.2.4. Cevada -----	78
6.2.5. trigo -----	78
6.2.5. triticales -----	79



7. Balanço de oferta e demanda -----	80
7.1. Algodão -----	80
7.2. Arroz -----	81
7.3. Feijão -----	81
7.4. Milho -----	82
7.5. Soja -----	82
7.6. Trigo -----	83



8. Calendário agrícola de plantio e colheita -----	85
---	-----------





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2019/20

A sexta estimativa, para a safra 2019/20, aponta crescimento de 4,1% na produção de grãos em comparação à temporada passada. O indicativo atual é de um volume total na ordem de 251,9 milhões de toneladas, ou crescimento de 9,9 milhões de toneladas em relação a 2018/19.

Para a área semeada, a expectativa é que sejam cultivados 64,78 milhões de hectares, ou seja, uma variação positiva de 2,4% em comparação àquela área utilizada na safra anterior. As condições climáticas vêm favorecendo as lavouras, e a perspectiva é que os níveis de produtividade apresentem bom desempenho nesta temporada.

Algodão: após crescimentos significativos de área nas duas últimas safras, nesta, apesar do contínuo crescimento, verificou-se uma menor variação de 3,3%, atingindo 1.670,8 mil hectares, contra 1.618,2 mil hectares em 2018/19.

Arroz: a safra apresenta redução de 2,4% na área cultivada, totalizando 1.656,8 mil hectares, e uma produção de 10,5 milhões de toneladas.

Feijão primeira safra: apesar da menor área semeada, a produtividade maior deverá resultar em uma produção de 1,05 milhão de toneladas, 6,1% superior que na última safra, que sofreu com os problemas decorrentes das adversidades climáticas.

Feijão segunda safra: lavouras em implantação. Há

expectativa de cultivo de 1.442,3 mil hectares, crescimento de 2,5% sobre a área cultivada na safra anterior. Paraná, Mato Grosso e Minas Gerais estão entre as maiores áreas plantadas nesse período.

Milho primeira safra: influenciada pelas boas condições do cereal, houve crescimento de 3,2% na área semeada, totalizando 4,23 milhões de hectares, e a produção está estimada em 25,6 milhões de toneladas, 0,3% superior a 2018/19. Com relação à segunda safra, a semeadura iniciada em janeiro vem acontecendo de acordo com o avanço da colheita da soja. A área apresenta crescimento de 2,1%, tendo em vista a sua rentabilidade atual e as

condições climáticas favoráveis. Para a produção total do milho primeira e segunda safras estima-se uma produção de 100,1 milhões de toneladas, 0,3% acima da safra passada.

Soja: a cultura manteve a tendência de crescimento na área cultivada e, nesta safra, a estimativa aponta para acréscimo na produção de 8% em relação ao ciclo passado, produzindo 124,2 milhões de toneladas.

Safra inverno 2020

Trigo: o plantio tem início a partir de abril. Há perspectivas de manutenção da área.





2. INTRODUÇÃO

O compromisso da Conab com o acompanhamento da safra de grãos é fornecer informações e conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

Em março, a Companhia divulga o Sexto Levantamento da Safra Brasileira de Grãos 2019/20, referente às pesquisas da safra de verão para as culturas de algodão, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho e soja. São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, câmbio, exportações, monitoramento agrícola, quadro de oferta e demanda e preços dos principais produtos avaliados, com dados de evolução e desenvolvimento das culturas.

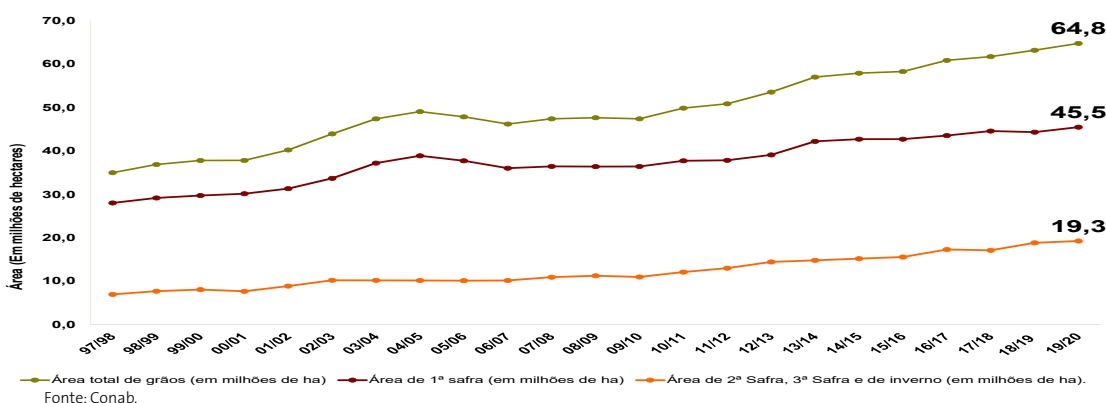
Também consta, pela primeira vez, o acompanhamento da safra de gergelim, produto que vem ganhando espaço na produção brasileira.



3. ESTIMATIVA DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

Na safra 2019/20 está previsto incremento de 2,4% na área plantada em comparação à safra passada. São estimados cerca de 64.778,8 mil hectares para esse ciclo, correspondendo a uma variação absoluta de 1.516,6 mil hectares, influenciado principalmente pelo crescimento da área de soja e milho.

Gráfico 1 – Brasil - Comportamento da área cultivada



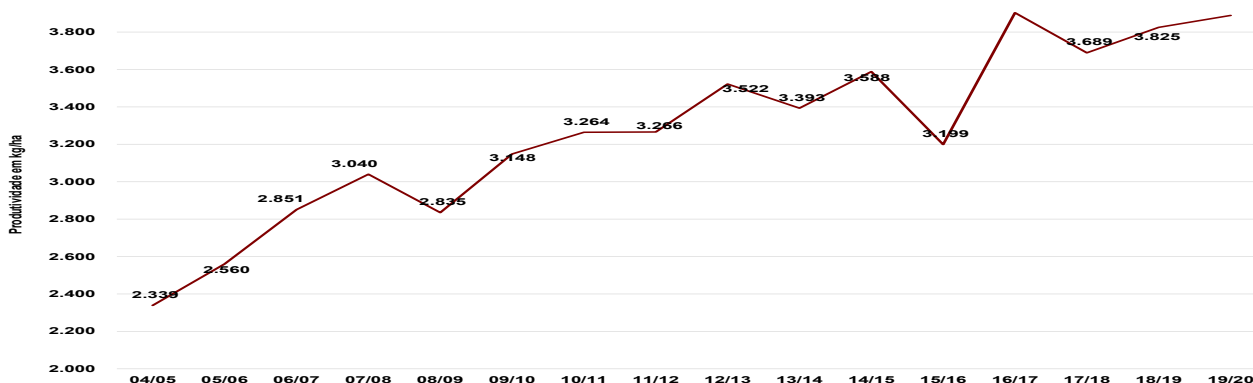
Desse montante, as culturas de primeira safra ocupam uma área de 46,5 mil hectares, enquanto as culturas de segunda e terceira safras e de inverno são cultivadas em 18,3 mil hectares, a maior parte aproveitando áreas já cultivadas.

As condições climáticas apresentadas, até o momento, indicam bom desempenho e, de maneira geral, superior ao da safra passada, recuperando o ocorrido na última temporada, quando importantes estados

produtores sofreram com a estiagem em dezembro de 2018 e janeiro de 2019.

Apesar do início de safra sem chuvas, as lavouras de soja recuperaram e começam a ser colhidas com uma boa produtividade. Já o milho no Rio Grande do Sul sofreu com a estiagem em dezembro e início de janeiro, reduzindo a produtividade em relação à safra passada.

Gráfico 2 – Comportamento da produtividade – Total Brasil



Neste sexto levantamento, o retrato das lavouras mostra que a colheita da soja está em andamento e juntamente vem a semeadura do milho segunda safra e algodão, tornando esses produtos os grandes destaques. Com a estimativa de aumento de área de milho segunda safra e o bom desempenho da soja, a produção de grãos deverá atingir 251,9 milhões de toneladas, apresentando variação positiva de 4,1% em relação à temporada anterior, equivalendo a um aumento absoluto de 9,9 milhões de toneladas. O aumento da produ-

ção de algodão, arroz e feijão também explicam esse recorde de produção.

A Conab, neste levantamento, passa a monitorar o gergelim, produto que vem ganhando espaço em mercados internacionais, provocando o aumento do interesse dos produtores na cultura. Mato Grosso, Tocantins e Goiás já apresentam uma dinâmica de cultivo consolidada, e a estimativa é que sejam produzidos, neste exercício, 127,8 mil toneladas dessa oleaginosa.



3.1. ALGODÃO

A área estimada para esta temporada é de 1.670,8 mil hectares, indicando incremento de 3,3% em relação aos 1.618,2 mil hectares efetivados na safra passada. Nas principais regiões produtoras, o cultivo ganha velocidade, neste momento, após a colheita da soja.

3.2. ARROZ

Nas últimas safras, a área cultivada com arroz vem diminuindo, sobretudo em áreas de sequeiro. Apesar da redução nos últimos anos, a maior proporção do plantio em áreas irrigadas, que geram maiores produtividades, e o contínuo investimento do rizicultor em tecnologias, vêm permitindo a manutenção da produção, ajustada ao consumo nacional.

3.3. FEIJÃO

Por ser uma cultura de ciclo curto, o feijão possibilita o plantio em até três momentos durante a temporada, na busca pelo equilíbrio no abastecimento. Na primeira safra deste ano, a área é estimada em 924,8 mil hectares, aumento de 0,2% em relação à safra passada. Apesar da menor área semeada, a produtividade maior deverá resultar em produção de 1,05 milhão de toneladas, 6,1% maior que na última safra, que sofreu com os problemas decorrentes das adversidades climáticas e prejudicaram a produção.

3.4. MILHO

A estimativa de milho primeira safra, na temporada 2019/20, é de 4,23 milhões de hectares, 3,2% maior que a área cultivada na safra 2018/19, influenciada pelas boas cotações atuais do cereal.

Problemas climáticos na Região Sul, sobretudo no Rio Grande do Sul, prejudicaram o potencial produtivo das lavouras, o que deverá resultar em um rendimento 24,3% menor que na última safra. O processo e colheita foi iniciado em janeiro na região, somando 48% no final de fevereiro

Enquanto isso, ainda há áreas sendo semeadas no Mato-piba, mesmo com substituição de lavouras de soja por milho, nesta safra.

A segunda safra de milho tem a semeadura acontecendo de acordo com o avanço da colheita da soja. Mato Grosso, principal estado produtor, é o mais adiantado no plantio do milho, com mais de 92% semeado até o fim de fevereiro, e uma expectativa de um incremento

Influenciada pelos grandes investimentos feitos no setor e pela expansão de área cultivada, especialmente em Mato Grosso e Bahia, a produção estimada para esta temporada é considerada a maior dentro da série histórica, estimada em 2,85 milhões de toneladas de algodão em pluma.

A expectativa de produção para esta safra é de 10,52 milhões de toneladas, aumento de 0,8% em relação à safra passada. A produção nacional de arroz tem sua maior concentração na Região Sul, responsável por mais de 80% da oferta nacional. No Rio Grande do Sul, o início da colheita está próximo, e as condições meteorológicas têm favorecido o bom rendimento da cultura.

A área de feijão primeira safra vem diminuindo ao longo das últimas safras, principalmente pela competição com outras culturas, como soja e milho, e também devido ao momento de a colheita coincidir, muitas vezes, com o período chuvoso, acarretando problemas de qualidade do produto.

Já o feijão segunda safra, em início de cultivo, deverá ter uma área plantada de 1,44 milhão de hectares, 2,5% acima da área da safra passada.

de 9% na área de milho, tendo em vista sua rentabilidade atual e as condições climáticas favoráveis ao cultivo.

Por outro lado, o atraso no plantio da soja em todo o país, por conta da falta e desuniformidade das chuvas em outubro passado, criou uma expectativa de risco por conta do ciclo da soja, que poderá ter sua evolução avançando sobre fevereiro, encurtando a janela de plantio favorável ao milho segunda safra, fato que ajuda explicar a estimativa de redução de área em Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Paraná.

Para o milho de terceira safra a produção estimada é de 1,16 milhão de toneladas. Esse milho, que tem sua oferta, principalmente, na região da Sealba (Sergipe, Alagoas e nordeste da Bahia), além de Pernambuco e Roraima, é produzido num calendário parecido com o do Hemisfério Norte, concentrando-se no período entre maio e junho.

Dessa forma, a estimativa nacional de produção de mi-



Iho, considerando a primeira, segunda e terceira safras, na temporada 2019/20, deverá apresentar um volume semelhante ao da safra 2018/19, e resultar numa pro-

dução de 100,1 milhões de toneladas.

3.5. SOJA

A safra 2019/20 de soja tem crescimento na área 2,6% maior que na última temporada, continuando a tendência de crescimento das últimas safras. A produção é estimada em 124,2 milhões de toneladas, um recorde na série histórica, sobretudo pelas melhores condições climáticas nesta safra, que apresentou um começo difícil, com a semeadura ocorrendo de maneira desuniforme em diversos estados produtores em virtude do atraso das chuvas.

A colheita avança em Mato Grosso, com aproximadamente 87% da área já colhida até o final de fevereiro e 47% em Mato Grosso do Sul, baixo desempenho por conta do atraso do plantio. Em Goiás, a colheita avança para 52%, e muitas lavouras tardias foram beneficiadas pelo bom regime de chuvas neste mês.

Na Região Sul, nas lavouras do Paraná, as chuvas ocorreram de forma regular em quase todo o ciclo dessa cultura, porém, nas últimas duas semanas, houve déficit

hídrico, que pode prejudicar o rendimento das lavouras em fase de frutificação. Cerca de metade das lavouras foram colhidas apresentando ótimas produtividades e qualidade de grãos.

No Rio Grande do Sul, fevereiro apresentou chuvas abaixo do esperado, agravando a situação das lavouras, que sofrem com estiagem desde o início de dezembro. Mais um agravante nessa situação foi a ocorrência de altas temperaturas, que contribuíram para a redução da produtividade, situando-se em 2.860 quilos por hectare, 12% abaixo da obtida em 2018/19.

Na Região Nordeste, particularmente no Matopiba, as condições climáticas não foram boas no início da safra, causando a necessidade de replantio em algumas regiões. Esse quadro melhorou no fim de dezembro, e as chuvas vieram com mais intensidade em janeiro, favorecendo o desenvolvimento da cultura.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1.000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018/19 (a)	2019/20		Percentual		Absoluta	
		Fev/2020 (b)	Mar/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO	1.618,2	1.703,2	1.670,8	(1,9)	3,3	(32,4)	52,6
AMENDOIM TOTAL	146,8	157,4	157,6	0,1	7,4	0,2	10,8
AMENDOIM 1ª SAFRA	139,8	150,4	150,2	(0,1)	7,4	(0,2)	10,4
AMENDOIM 2ª SAFRA	7,0	7,0	7,4	5,7	5,7	0,4	0,4
ARROZ	1.697,4	1.679,3	1.656,8	(1,3)	(2,4)	(22,5)	(40,6)
ARROZ SEQUEIRO	346,6	387,5	369,2	(4,7)	6,5	(18,3)	22,6
ARROZ IRRIGADO	1.350,8	1.291,8	1.287,6	(0,3)	(4,7)	(4,2)	(63,2)
FEIJÃO TOTAL	2.927,3	2.921,4	2.964,9	1,5	1,3	43,5	37,6
FEIJÃO TOTAL CORES	1.311,6	1.302,6	1.289,5	(1,0)	(1,7)	(13,1)	(22,1)
FEIJÃO TOTAL PRETO	340,4	332,9	329,6	(1,0)	(3,2)	(3,3)	(10,8)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.275,3	1.285,9	1.345,8	4,7	5,5	59,9	70,5
FEIJÃO 1ª SAFRA	922,6	921,4	924,8	0,4	0,2	3,4	2,2
CORES	376,2	373,2	374,1	0,2	(0,6)	0,9	(2,1)
PRETO	169,8	161,0	163,4	1,5	(3,8)	2,4	(6,4)
CAUPI	376,6	387,2	387,3	-	2,8	0,1	10,7
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.406,9	1.402,2	1.442,3	2,9	2,5	40,1	35,4
CORES	442,2	436,2	422,2	(3,2)	(4,5)	(14,0)	(20,0)
PRETO	153,5	154,8	149,1	(3,7)	(2,9)	(5,7)	(4,4)
CAUPI	811,2	811,2	871,0	7,4	7,4	59,8	59,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	597,8	597,8	597,8	-	-	-	-
CORES	493,2	493,2	493,2	-	-	-	-
PRETO	17,1	17,1	17,1	-	-	-	-
CAUPI	87,5	87,5	87,5	-	-	-	-
GERGELIM	53,0	160,0	160,5	0,3	202,8	0,5	107,5
GIRASSOL	62,8	62,1	59,6	(4,0)	(5,1)	(2,5)	(3,2)
MAMONA	46,6	48,4	46,3	(4,3)	(0,6)	(2,1)	(0,3)
MILHO TOTAL	17.492,9	17.991,2	17.893,3	(0,5)	2,3	(97,9)	400,4
MILHO 1ª SAFRA	4.103,9	4.245,3	4.233,2	(0,3)	3,2	(12,1)	129,3
MILHO 2ª SAFRA	12.878,0	13.229,9	13.150,0	(0,6)	2,1	(79,9)	272,0
MILHO 3ª SAFRA	511,0	511,0	511,0	-	-	-	-
SOJA	35.874,0	36.803,1	36.820,8	-	2,6	17,7	946,8
SORGO	732,3	708,3	736,4	4,0	0,6	28,1	4,1
SUBTOTAL	60.651,3	62.229,4	62.167,9	(0,1)	2,5	(61,5)	1.516,6
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2019 (a)	2020		Percentual		Absoluta	
		Jan/2020 (b)	Fev/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	398,0	398,0	398,0	-	-	-	-
CANOLA	34,0	34,0	34,0	-	-	-	-
CENTEIO	4,0	4,0	4,0	-	-	-	-
CEVADA	118,8	118,8	118,8	-	-	-	-
TRIGO	2.040,5	2.040,5	2.040,5	-	-	-	-
TRITICALE	15,6	15,6	15,6	-	-	-	-
SUBTOTAL	2.610,9	2.610,9	2.610,9	-	-	-	-
BRASIL	63.262,2	64.840,3	64.778,8	(0,1)	2,4	(61,5)	1.516,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2020.



Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018/19 (a)	2019/20		Percentual		Absoluta	
		Fev/2020 (b)	Mar/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.575	2.485	2.560	3,0	(0,5)	75,0	(14,1)
ALGODÃO EM PLUMA	1.717	1.658	1.708	3,0	(0,5)	49,9	(9,3)
AMENDOIM TOTAL	2.962	3.281	3.270	(0,4)	10,4	(11,8)	307,9
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.021	3.349	3.343	(0,2)	10,6	(6,4)	321,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.775	1.829	1.787	(2,3)	0,7	(41,8)	12,0
ARROZ	6.153	6.259	6.352	1,5	3,2	93,3	198,9
ARROZ SEQUEIRO	2.354	2.407	2.355	(2,2)	-	(51,8)	0,8
ARROZ IRRIGADO	7.128	7.415	7.499	1,1	5,2	84,0	370,3
FEIJÃO TOTAL	1.032	1.047	1.059	1,2	2,6	12,4	26,6
FEIJÃO TOTAL CORES	1.439	1.458	1.476	1,2	2,6	18,2	37,2
FEIJÃO TOTAL PRETO	1.461	1.645	1.807	9,8	23,6	161,9	345,3
FEIJÃO TOTAL CAUPI	500	475	476	0,2	(4,7)	1,1	(23,6)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.072	1.174	1.135	(3,4)	5,8	(39,6)	62,4
CORES	1.498	1.633	1.529	(6,3)	2,1	(103,6)	31,6
PRETO	1.513	1.901	1.937	1,9	28,0	35,8	423,7
CAUPI	448	430	415	(3,5)	(7,5)	(14,9)	(33,4)
FEIJÃO 2ª SAFRA	917	886	941	6,2	2,6	55,0	24,2
CORES	1.474	1.433	1.579	10,2	7,1	146,1	105,1
PRETO	1.491	1.491	1.800	20,7	20,8	308,6	309,3
CAUPI	504	476	484	1,8	(3,9)	8,3	(19,9)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.244	1.227	1.227	-	(1,3)	-	(16,3)
CORES	1.363	1.348	1.348	-	(1,1)	-	(15,0)
PRETO	684	621	621	-	(9,2)	-	(63,0)
CAUPI	680	665	665	-	(2,1)	-	(14,4)
GERGELIM	780	796	796	-	2,1	0,0	16,2
GIRASSOL	1.669	1.581	1.587	0,4	(4,9)	6,1	(82,0)
MAMONA	658	642	647	0,8	(1,7)	5,1	(11,1)
MILHO TOTAL	5.719	5.587	5.593	0,1	(2,2)	6,2	(126,0)
MILHO 1ª SAFRA	6.249	6.138	6.038	(1,6)	(3,4)	(100,0)	(211,2)
MILHO 2ª SAFRA	5.682	5.538	5.579	0,7	(1,8)	40,9	(103,2)
MILHO 3ª SAFRA	2.385	2.263	2.263	-	(5,1)	-	(121,7)
SOJA	3.206	3.349	3.373	0,7	5,2	24,3	166,7
SORGO	2.973	2.943	2.963	0,7	(0,3)	20,2	(10,0)
SUBTOTAL	3.883	3.927	3.944	0,4	1,6	17,0	61,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2019 (a)	2020		Percentual		Absoluta	
		Jan/2020 (b)	Fev/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	2.209	2.263	2.263	-	2,4	-	54,0
CANOLA	1.429	1.418	1.418	-	(0,8)	-	(11,0)
CENTEIO	2.083	2.125	2.125	-	2,0	-	42,0
CEVADA	3.612	3.167	3.167	-	(12,3)	-	(445,0)
TRIGO	2.526	2.620	2.620	-	3,7	-	94,0
TRITICALE	2.904	2.756	2.756	-	(5,1)	-	(148,0)
SUBTOTAL	2.488	2.575	2.575	-	3,5	-	87,0
BRASIL (2)	3.825	3.873	3.889	0,4	1,7	15,8	63,7

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2020.



Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018/19 (a)	2019/20		Percentual		Absoluta	
		Jan/2020 (b)	Fev/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	4.166,4	4.233,5	4.278,1	1,1	2,7	44,6	111,7
ALGODÃO - PLUMA	2.778,8	2.824,0	2.853,7	1,1	2,7	29,7	74,9
AMENDOIM TOTAL	434,6	516,5	515,2	(0,3)	18,5	(1,3)	80,6
AMENDOIM 1ª SAFRA	422,2	503,7	502,0	(0,3)	18,9	(1,7)	79,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	12,4	12,8	13,2	3,1	6,5	0,4	0,8
ARROZ	10.445,1	10.510,7	10.524,5	0,1	0,8	13,8	79,4
ARROZ SEQUEIRO	816,1	932,5	869,4	(6,8)	6,5	(63,1)	53,3
ARROZ IRRIGADO	9.629,0	9.578,2	9.655,1	0,8	0,3	76,9	26,1
FEIJÃO TOTAL	3.022,5	3.058,0	3.140,4	2,7	3,9	82,4	117,9
FEIJÃO TOTAL CORES	1.888	1.900	1.904	0,2	0,9	4,5	16,3
FEIJÃO TOTAL PRETO	497	548	596	8,8	19,8	48,1	98,4
FEIJÃO TOTAL CAUPI	637	611	641	4,9	0,6	30,1	3,6
FEIJÃO 1ª SAFRA	989,1	1.082,0	1.049,5	(3,0)	6,1	(32,5)	60,4
CORES	563,4	609,6	572,3	(6,1)	1,6	(37,3)	8,9
PRETO	256,9	306,2	316,6	3,4	23,2	10,4	59,7
CAUPI	168,8	166,4	160,6	(3,5)	(4,9)	(5,8)	(8,2)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.289,6	1.242,0	1.357,1	9,3	5,2	115,1	67,5
CORES	652,0	625,0	666,8	6,7	2,3	41,8	14,8
PRETO	228,7	230,8	268,5	16,3	17,4	37,7	39,8
CAUPI	408,9	386,1	422,0	9,3	3,2	35,9	13,1
FEIJÃO 3ª SAFRA	743,5	733,8	733,8	-	(1,3)	-	(9,7)
CORES	672,4	665,0	665,0	-	(1,1)	-	(7,4)
PRETO	11,7	10,6	10,6	-	(9,4)	-	(1,1)
CAUPI	59,6	58,3	58,3	-	(2,2)	-	(1,3)
GERGELIM	41,3	127,4	127,8	0,3	209,4	0,4	86,5
GIRASSOL	104,9	98,1	94,6	(3,6)	(9,8)	(3,5)	(10,3)
MAMONA	30,6	31,1	30,0	(3,5)	(2,0)	(1,1)	(0,6)
MILHO TOTAL	100.042,7	100.485,9	100.083,3	(0,4)	-	(402,6)	40,6
MILHO 1ª SAFRA	25.646,7	26.058,2	25.560,5	(1,9)	(0,3)	(497,7)	(86,2)
MILHO 2ª SAFRA	73.177,7	73.271,2	73.366,3	0,1	0,3	95,1	188,6
MILHO 3ª SAFRA	1.218,7	1.156,5	1.156,5	-	(5,1)	-	(62,2)
SOJA	115.029,9	123.249,9	124.205,1	0,8	8,0	955,2	9.175,2
SORGO	2.177,0	2.084,3	2.181,9	4,7	0,2	97,6	4,9
SUBTOTAL	235.495,0	244.395,4	245.180,9	0,3	4,1	785,5	9.685,9
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2019 (a)	2020		Percentual		Absoluta	
		Jan/2020 (b)	Fev/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	809,9	900,6	900,6	-	11,2	-	90,7
CANOLA	48,2	48,2	48,2	-	-	-	-
CENTEIO	9,4	8,5	8,5	-	(9,6)	-	(0,9)
CEVADA	429,1	376,2	376,2	-	(12,3)	-	(52,9)
TRIGO	5.154,7	5.346,8	5.346,8	-	3,7	-	192,1
TRITICALE	45,3	43,0	43,0	-	(5,1)	-	(2,3)
SUBTOTAL	6.496,6	6.723,3	6.723,3	-	3,5	-	226,7
BRASIL (2)	241.991,6	251.118,7	251.904,2	0,3	4,1	785,5	9.912,6

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em março/2020.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.096,5	3.220,8	4,0	3.281	3.331	1,5	10.160,6	10.727,7	5,6
RR	72,4	69,1	(4,6)	3.913	4.135	5,7	283,3	285,7	0,8
RO	576,7	603,8	4,7	3.802	3.825	0,6	2.192,4	2.309,5	5,3
AC	47,5	45,9	(3,4)	2.042	2.068	1,3	97,0	94,9	(2,2)
AM	17,9	18,7	4,5	2.162	2.230	3,1	38,7	41,7	7,8
AP	24,1	24,4	1,2	2.506	2.574	2,7	60,4	62,8	4,0
PA	905,5	929,8	2,7	2.907	2.920	0,4	2.632,1	2.714,7	3,1
TO	1.452,4	1.529,1	5,3	3.344	3.413	2,1	4.856,7	5.218,4	7,4
NORDESTE	8.019,7	8.148,4	1,6	2.414	2.453	1,6	19.358,7	19.987,4	3,2
MA	1.572,5	1.616,1	2,8	3.152	3.325	5,5	4.956,2	5.373,5	8,4
PI	1.499,6	1.559,4	4,0	2.950	2.869	(2,7)	4.424,4	4.474,5	1,1
CE	872,6	899,0	3,0	593	573	(3,4)	517,8	515,4	(0,5)
RN	106,6	106,6	-	596	487	(18,3)	63,5	51,9	(18,3)
PB	188,1	201,0	6,9	396	444	12,2	74,5	89,3	19,9
PE	452,3	454,5	0,5	497	604	21,4	224,9	274,3	22,0
AL	65,9	65,9	-	1.332	1.055	(20,8)	87,8	69,5	(20,8)
SE	157,3	157,3	-	5.097	4.148	(18,6)	801,7	652,5	(18,6)
BA	3.104,8	3.088,6	(0,5)	2.644	2.748	3,9	8.207,9	8.486,5	3,4
CENTRO-OESTE	26.881,4	27.947,5	4,0	4.140	4.229	2,1	111.285,4	118.185,7	6,2
MT	16.183,5	17.079,8	5,5	4.171	4.261	2,2	67.494,4	72.777,7	7,8
MS	4.871,2	4.948,8	1,6	3.760	4.045	7,6	18.318,0	20.016,0	9,3
GO	5.665,0	5.756,8	1,6	4.349	4.262	(2,0)	24.638,2	24.535,4	(0,4)
DF	161,7	162,1	0,2	5.163	5.284	2,4	834,8	856,6	2,6
SUDESTE	5.656,6	5.795,2	2,5	4.032	4.187	3,8	22.809,0	24.264,0	6,4
MG	3.453,1	3.479,1	0,8	4.114	4.198	2,1	14.206,2	14.606,7	2,8
ES	26,3	25,9	(1,5)	1.749	1.799	2,9	46,0	46,6	1,3
RJ	3,0	3,0	-	1.967	2.133	8,5	5,9	6,4	8,5
SP	2.174,2	2.287,2	5,2	3.933	4.199	6,8	8.550,9	9.604,3	12,3
SUL	19.608,0	19.666,9	0,3	3.997	4.004	0,2	78.377,9	78.739,4	0,5
PR	9.649,5	9.603,6	(0,5)	3.757	4.188	11,5	36.251,2	40.218,8	10,9
SC	1.255,7	1.264,0	0,7	5.264	5.325	1,2	6.609,6	6.731,4	1,8
RS	8.702,8	8.799,3	1,1	4.089	3.613	(11,6)	35.586,3	31.789,2	(10,7)
NORTE/NORDESTE	11.116,2	11.369,2	2,3	2.656	2.702	1,7	29.519,3	30.715,1	4,1
CENTRO-SUL	52.146,0	53.409,6	2,4	4.075	4.141	1,6	212.472,3	221.189,1	4,1
BRASIL	63.262,2	64.778,8	2,4	3.825	3.889	1,7	241.991,6	251.904,2	4,1

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2020.



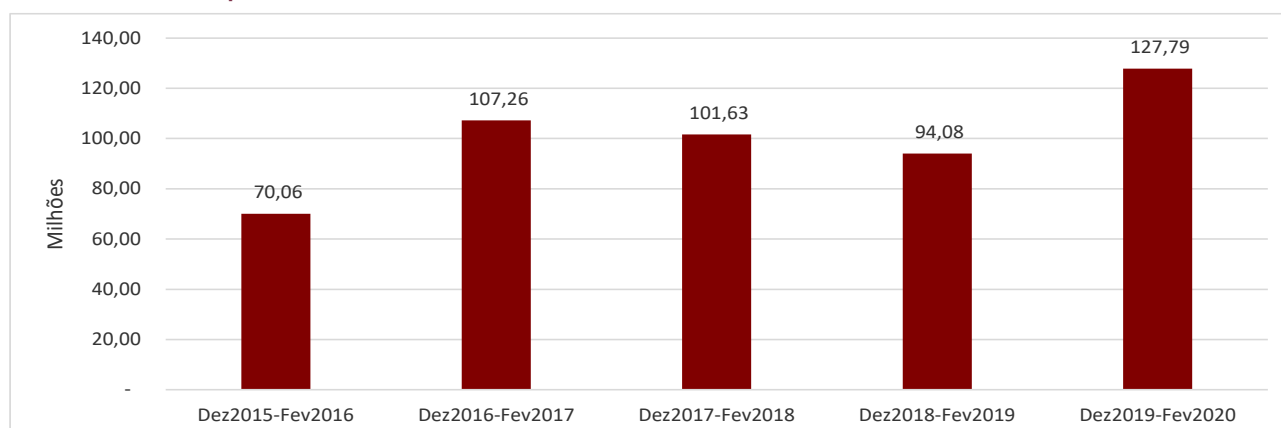


4. CRÉDITO RURAL

Neste sexto levantamento apresentaremos as informações acerca da cultura do milho e do feijão, especificamente para a Região Nordeste, compreendidas no recorte temporal de trimestres, sejam eles: dezembro, janeiro e fevereiro, para os períodos de 2015/16 até 2019/20.

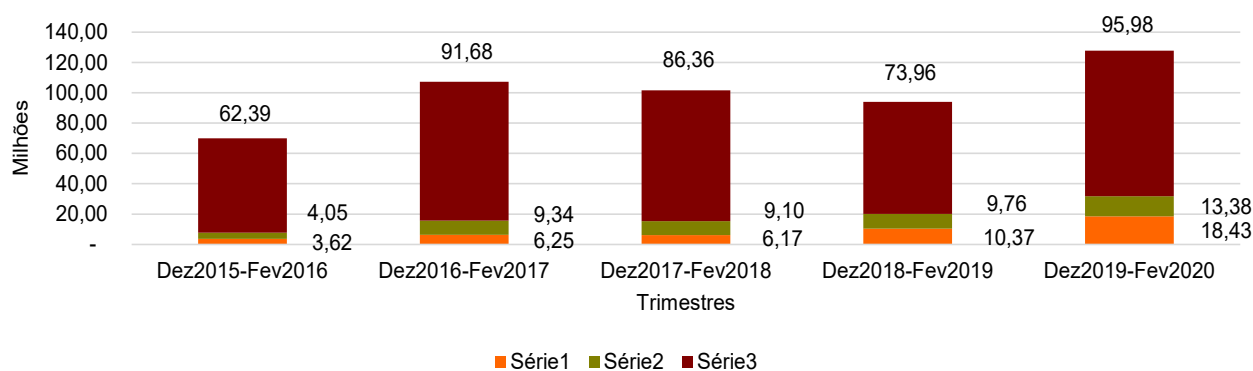
Apresentar-se-ão dados agregados de acordo com os programas fontes do aporte para cada uma das culturas. Será lançado esclarecimento acerca dos dados sobre a área financiada e também nas agregações supracitadas.

Gráfico 3 - Total aportado - Nordeste - Milho - Trimestres dez/fev - 2015/2016 a 2019/2020



Fonte: Conab.

Gráfico 4 - Total aportado - Nordeste - Milho - Por programa - Trimestres dez/fev - 2015/2016 a 2019/2020

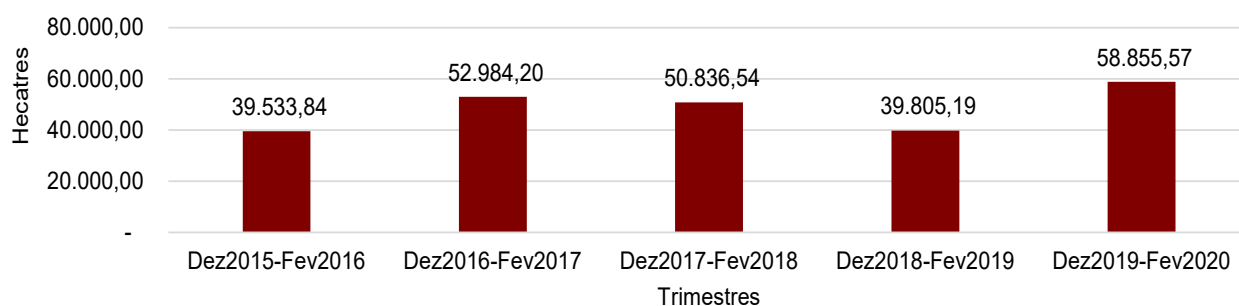


Fonte: Conab.

Outro enfoque para a informação acerca de crédito rural, compreende as informações de área financiada, também disponibilizada pelo Bacen. Isso

posto, de maneira análoga, serão representadas as informações sobre a área e possíveis agregações já elencadas.

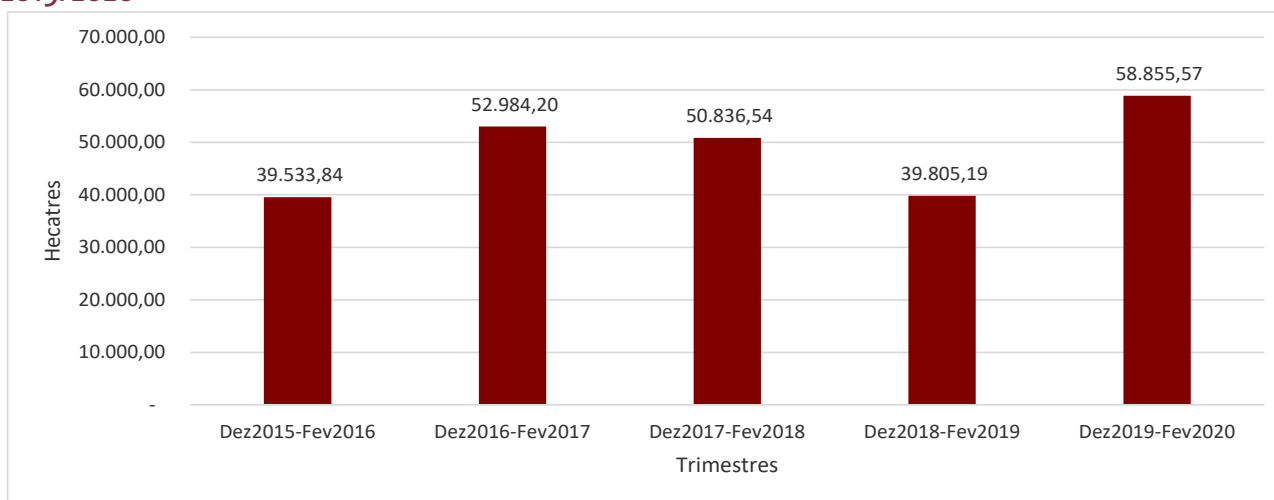
Gráfico 5 - Área financiada - Nordeste - Milho - Trimestres dez/fev - 2015/2016 a 2019/2020



Fonte: Conab.

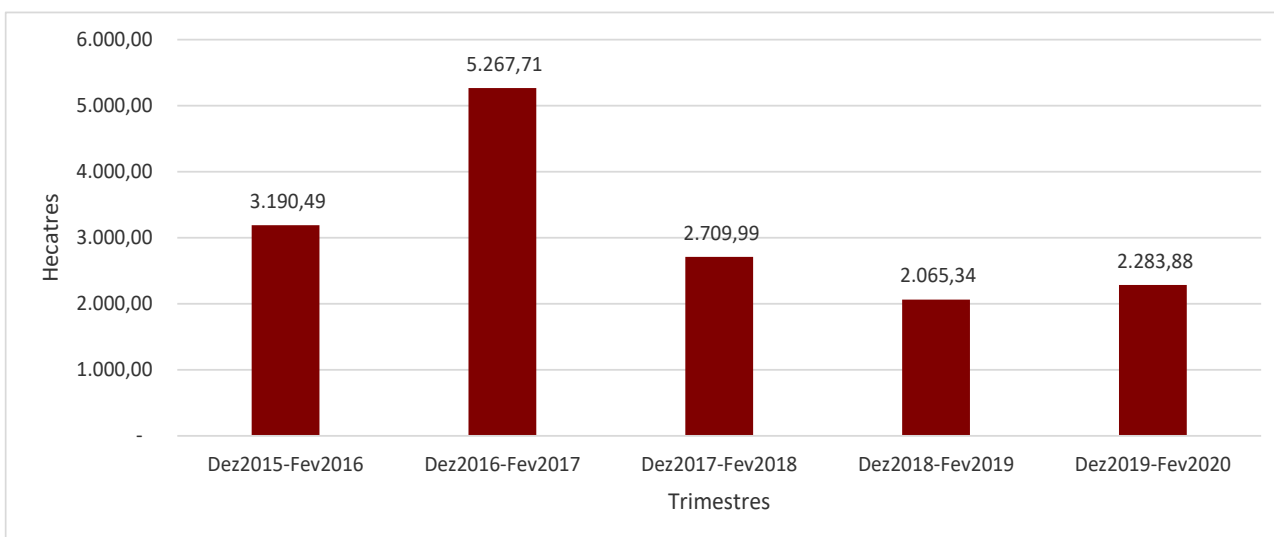


Gráfico 6 - Área financiada - Nordeste - Milho - Por programa- Trimestres dez/fev - 2015/2016 a 2019/2020



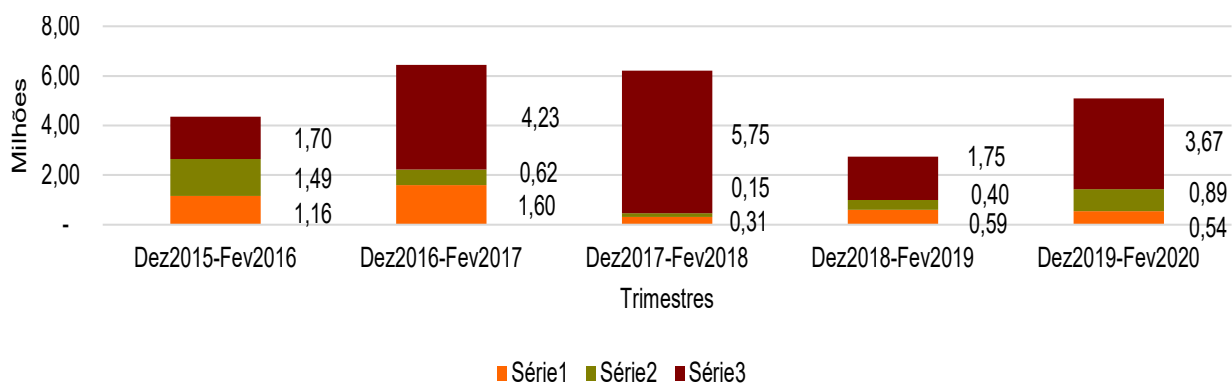
Fonte: Conab.

Gráfico 7 - Total aportado - Nordeste - Feijão - Trimestres dez/fev - 2015/2016 a 2019/2020



Fonte: Conab.

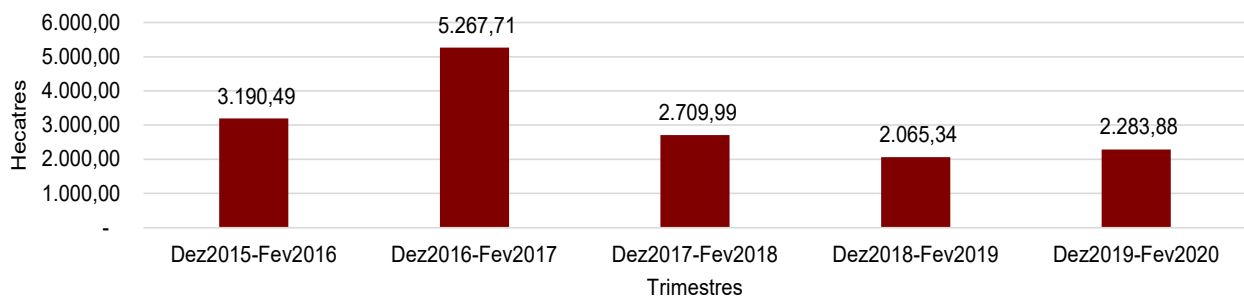
Gráfico 8 - Total aportado - Nordeste - Milho - Por programa- Trimestres dez/fev - 2015/2016 a 2019/2020



Fonte: Conab.

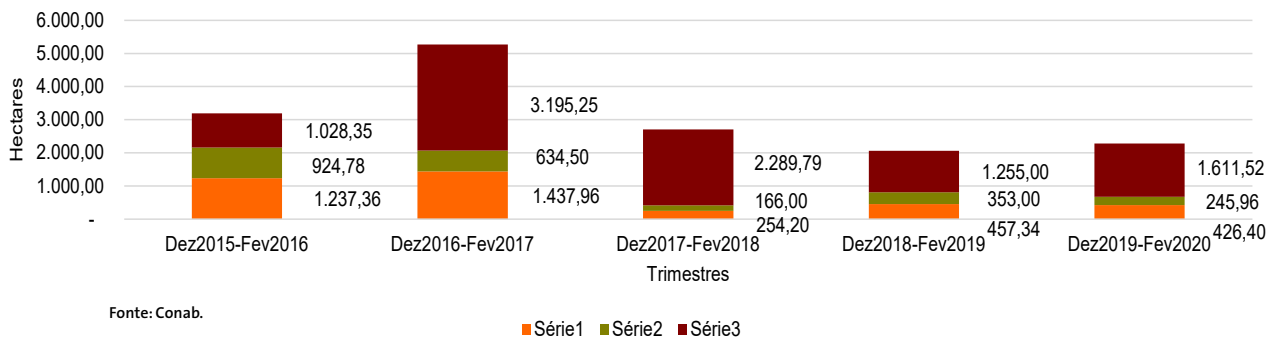


Gráfico 9 - Área financiada - Nordeste - Feijão- Trimestres dez/fev - 2015/2016 a 2019/2020



Fonte: Conab.

Gráfico 10 - Área financiada - Nordeste - Feijão - Por programa- Trimestres dez/fev - 2015/2016 a 2019/2020



Fonte: Conab.

■ Série1 ■ Série2 ■ Série3





5. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

5.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE FEVEREIRO

O mês de fevereiro de 2020 foi caracterizado por grandes acumulados de chuva em quase todo o território nacional, o que favoreceu o desenvolvimento das culturas de verão que se encontravam em campo nas fases de floração e enchimento de grãos. Nas regiões Centro-Oeste e Sudeste foram observados acumulados de chuva superiores a 300 mm, principalmente no litoral de São Paulo, sul de Minas Gerais e porção central de Goiás. Com isso, o excedente hídrico no solo em algumas localidades, onde a cultura do feijão se encontrava em fase final de desenvolvimento, foram prejudicadas. Grande parte desses acumulados de chuvas acima da média climatológica foi ocasionada pelas áreas de instabilidade que são formadas pelo calor e umidade no período, além da persistência da Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS), que leva umidade e precipitação da região Amazônica em direção à parte central do Brasil.

Na Região Sul foram observados acumulados inferiores a 120 mm. Entretanto, a normal climatológica para essa em fevereiro corresponde a valores de chuva entre 125 mm e 200 mm. As poucas chuvas na região ocorreram devido à entrada de frentes frias, que se deslocaram de forma rápida pela costa da região, gerando irregularidade de chuvas. Esse comportamento irregular das chuvas, principalmente no Rio Grande do Sul, é típico em anos de neutralidade climática. Consequentemente, esse cenário vem prejudicando o de-

¹ Cleverson Henrique de Freitas - Meteorologista consultor OMM/Inmet

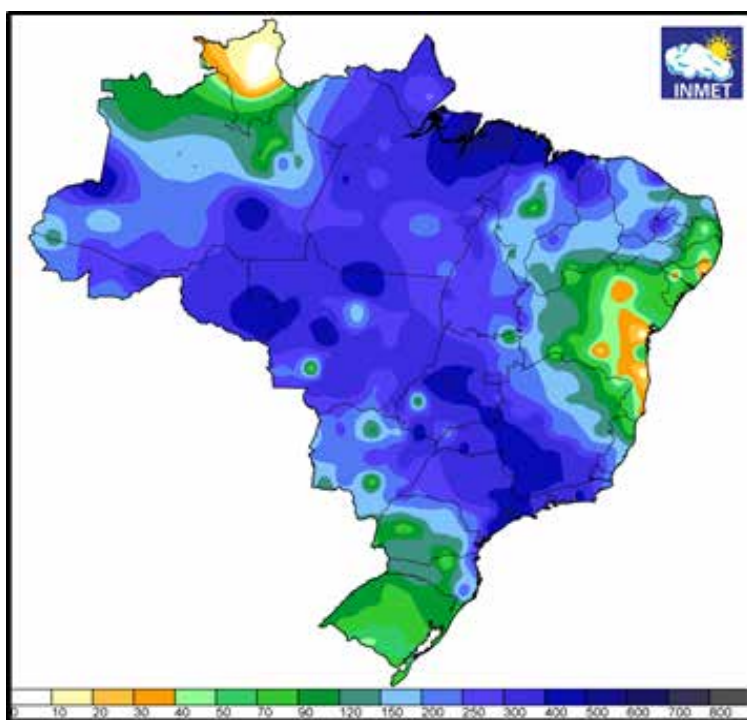
Danielle Barros Ferreira - Meteorologista do Inmet

envolvimento das lavouras de soja e milho no estado.

Na região agrícola do Matopiba, as chuvas de fevereiro foram abaixo da média climatológica para a região. Os maiores acumulados de chuva ocorreram em Tocantins, registrando valores de até 250 mm. No oeste da Bahia ocorreram acumulados de chu-

va entre 150 e 200 mm, enquanto que no restante do estado foram observados baixos acumulados de chuva inferiores a 90 mm. Na faixa norte do Nordeste, a atuação da Zona de Convergência Intertropical (ZCIT) trouxe chuva acima de 200 mm, principalmente para o Maranhão, Piauí e Ceará.

Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica em fevereiro/2020 no Brasil



Fonte: Inmet.

5.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

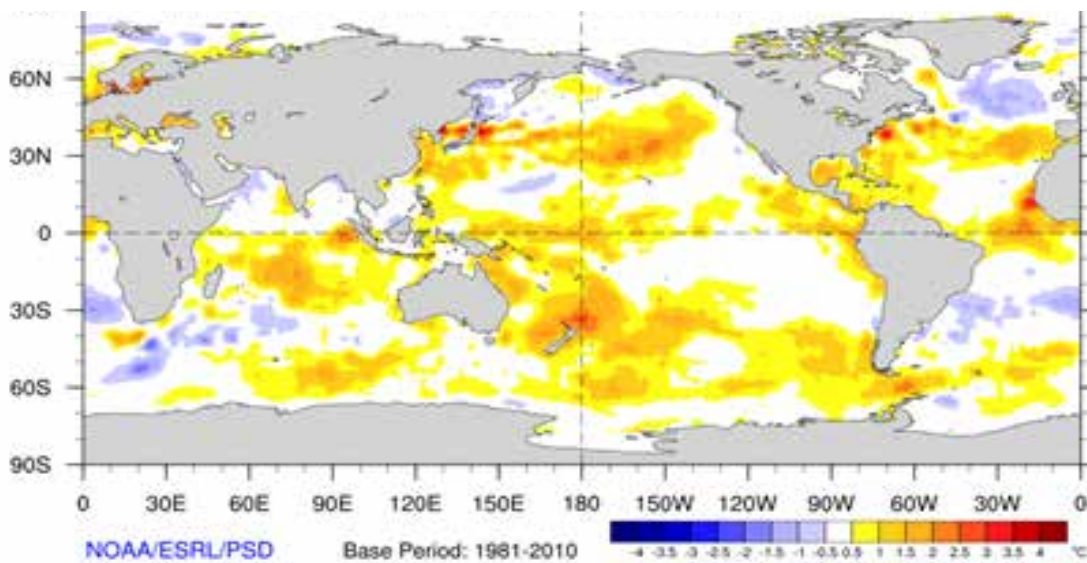
Na Figura 3 é mostrada a anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) durante a última semana de fevereiro. Na porção oeste do Pacífico Equatorial, próxima à costa australiana, e na porção mais próxima à costa da América do Sul, houve o predomínio de temperaturas mais quentes. Já na região do El Niño 3.4 (entre 170°W e 120°W), a anomalia de TSM ainda persiste positiva e pode ser confirmada no gráfico diário de índice de El Niño/La Niña na área 3.4 até o dia 6 de março. Observa-se que desde o início de dezembro de 2019, o Pacífico Equatorial permaneceu com valores positivos de anomalias, variando entre 0,2 °C e 0,4 °C.

Portanto, manteve o padrão médio dentro da faixa de neutralidade, pois considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre -0,5 °C e +0,5 °C.

Além disso, houve também o favorecimento do deslocamento da Zona de Convergência Intertropical (ZCIT) para o sul em decorrência da presença de águas mais quentes no Atlântico Sul, entre as latitudes de 5°S e 25°N. Este deslocamento possibilitou o aumento dos acumulados de chuva na região centro-norte da Região Nordeste neste período.

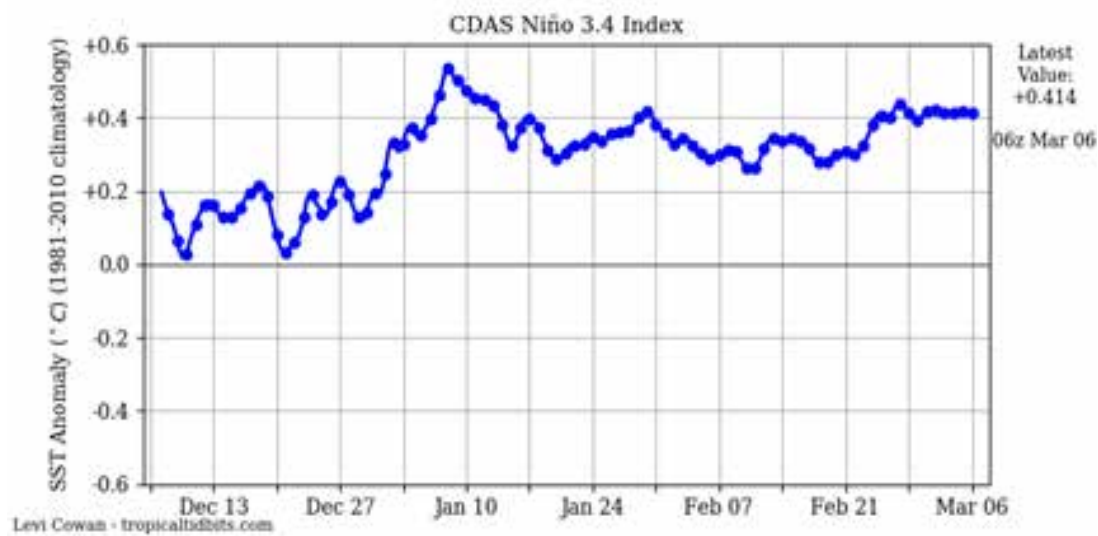


Figura 2 -Mapa de anomalias da TSM no período de 23 a 29 de fevereiro/2020



Fonte: Inmet.

Gráfico 11 - Gráfico de monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4



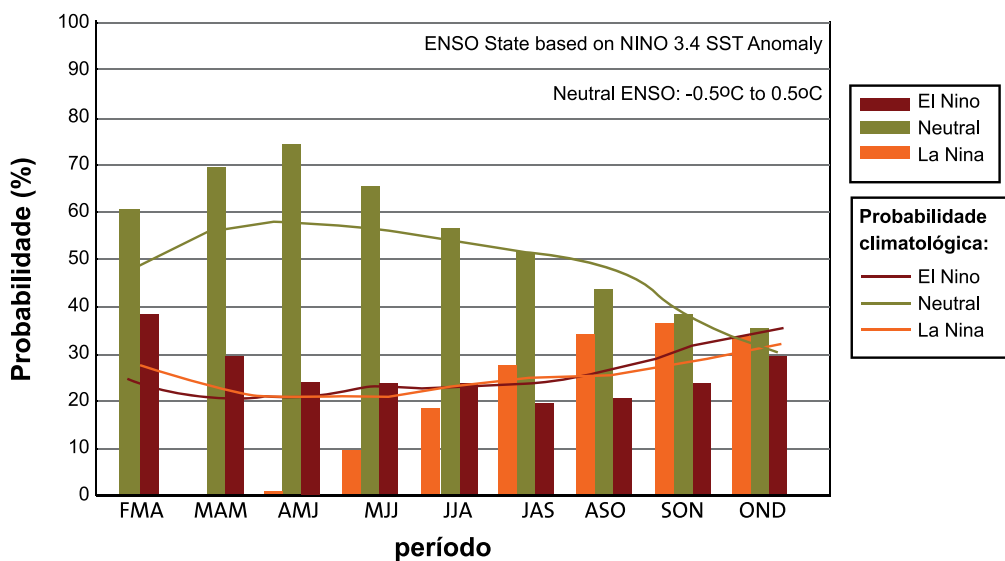
Fonte: <http://www.tropicaltidbits.com/analysis>

A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) indica que as condições de neutralidade devem perma-

necer até o final do inverno de 2020, com probabilidades acima de 50% neste período.



Gráfico 12 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI- <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/ens0/current/>

5.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO MARÇO, ABRIL E MAIO/2020

As previsões climáticas segundo o modelo estatístico do Inmet são mostradas na Figura 4. Para a Região Sul, o prognóstico climático aponta chuvas acima da média climatológica em praticamente toda a região, principalmente em maio, com exceção do extremo sul do Rio Grande do Sul, favorecendo o plantio e o estabelecimento das culturas de inverno.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, a previsão trimestral indica tendência de chuvas dentro e acima da faixa normal na maioria dos estados da região, favorecendo as fases finais de desenvolvimento das culturas de verão, como algodão, arroz, milho primeira safra e soja. Entretanto, o modelo também apresenta tendência de uma faixa de chuvas abaixo da normal (probabilidade acima de 45%) entre o norte de Minas, norte de Goiás e noroeste de Mato Grosso, podendo interferir no plantio do feijão segunda safra destas localidades.

Na região do Matopiba, o modelo indica chuvas dentro ou acima da faixa normal climatológica na sua porção mais central. Porém, na porção centro-leste do Maranhão e sudoeste do Piauí, o modelo indica chuvas abaixo da média, o que pode comprometer as fases finais de desenvolvimento das culturas de verão,

como a soja, sorgo e algodão. Na faixa leste e sul da Bahia, o modelo prevê chuvas abaixo da normal (probabilidade acima de 50%), alertando sobre o plantio da cultura do amendoim segunda safra.

Para o semiárido do Nordeste há uma grande variabilidade na previsão, com chuvas acima da média entre o Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, enquanto para a região leste de Pernambuco, Alagoas e Sergipe, o modelo indica chuvas ligeiramente abaixo da média.

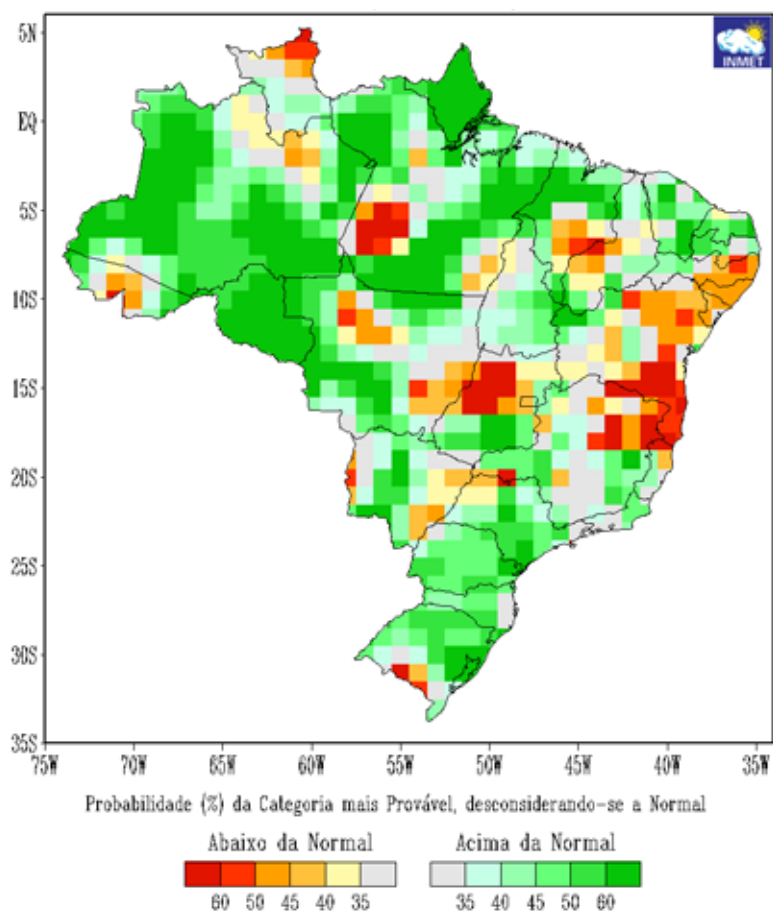
Já na Região Norte, há previsões de chuva acima da média (probabilidades maiores que 40%), com exceção do Acre, norte de Roraima e porção oeste do Pará, podendo influenciar nas fases finais de desenvolvimento da cultura do arroz na região.

Em relação à temperatura, o modelo indica temperaturas acima da faixa normal em grande parte do país, com exceção da Região Norte e parte norte do Maranhão, Piauí e Ceará, onde o modelo indica temperaturas próximas à média.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do INMET (www.inmet.gov.br).



Figura 3 - Previsão probabilística de precipitação para o trimestre março-abril-maio/2020



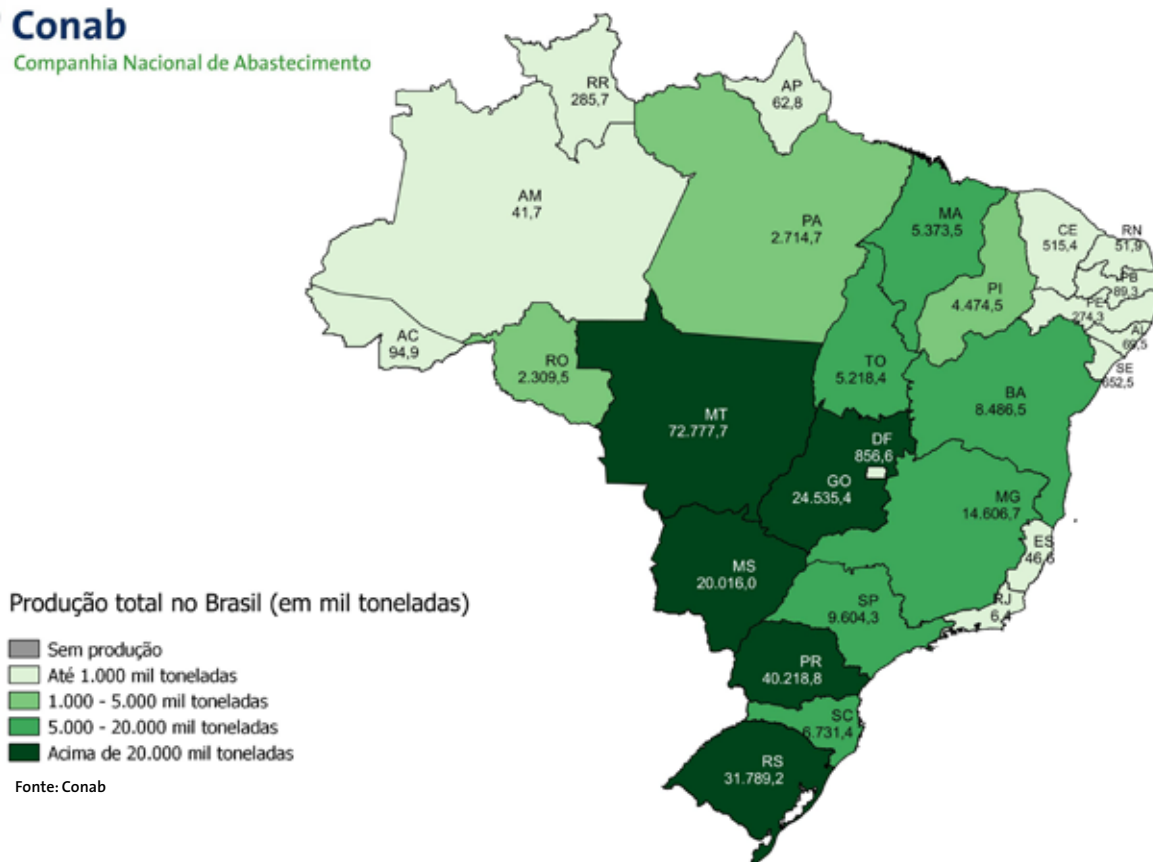
Fonte: Inmet.





6. ANÁLISE DAS CULTURAS

Figura 4 - Mapa da produção agrícola - Brasil



6.1 CULTURAS DE VERÃO

6.1.1. ALGODÃO

As condições climáticas continuam bastante favoráveis ao desenvolvimento das lavouras algodoeiras nos principais estados produtores. Ainda que o excesso de chuvas tenha sido registrado em algumas regiões, especialmente na última semana de fevereiro, seus efeitos não são generalizados e não deverá comprometer a produtividade média das culturas, que, de modo geral, apresentam excelente desenvolvimento. Vale destacar que em várias partes do país a cultura apresenta duas épocas distintas para a semeadura e que a maior concentração das operações se dá na segunda safra, com o cultivo ocorrendo logo após a colheita de grãos, como soja e milho. Ao todo são esperados cerca de 1.670,8 mil hectares destinados à cotonicultura nesta temporada, indicando incremento de 3,3% em comparação a 2018/19.

Na Região Norte, em Rondônia, a área total cultivada com algodão da segunda safra é de 9.815 hectares, com uma variação positiva de 88,5% em relação à sa-

fra 2018/19. A semeadura já finalizou e ocorreu em áreas onde foi colhida a soja. Cerca de 98% da área foi semeada em janeiro e 2% em fevereiro. O algodão recém-plantado encontra-se 15% emergindo, 50% em desenvolvimento vegetativo e 35% em botões florais. As cultivares utilizadas na safra 2019/20 são as de ciclo médio-precoce e de ciclo médio-tardio.

Em Tocantins, as lavouras que tiveram o plantio finalizado em janeiro encontram-se no estágio vegetativo e apresentam ótimas condições de desenvolvimento, favorecidas pela boa distribuição e volume das chuvas ocorridas em janeiro e fevereiro. No sul do estado, os produtores tiveram que efetuar replantios em algumas áreas devido à falta de chuvas ocorrida na última quinzena de dezembro.



Figura 5 - Lavoura de algodão no município de Campos Lindos – TO



Fonte: Conab

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, a expectativa é de redução na área plantada, atingindo 363 mil hectares, distribuídos em seis estados produtores.

No Maranhão, as lavouras de algodão herbáceo da primeira e segunda safras foram semeadas em dezembro e janeiro, encontrando-se nos estágios de desenvolvimento vegetativo e florescimento. A área total plantada apresenta redução de 4,3% em relação à safra 2018/19, passando de 27,7 mil hectares para 26,5 mil. A área de primeira safra reduziu 22,7% em relação à safra anterior, sendo substituída pelo plantio de soja. O algodão segunda safra teve aumento de área de 93,2% em relação à safra passada, no município de Balsas, que passou de 4,4 mil hectares para 8,5 mil.

No Piauí foi semeada uma área de 19,5 mil hectares, correspondendo a um incremento de 21% em relação à área da safra passada. Esse incremento está relacionado à expansão pontual nas áreas de algodão em fazendas que já trabalharam esta cultura na safra passada, e algumas novas áreas foram incorporadas ao Piauí em resolução de litígio com Tocantins. O plantio, cujo início ocorreu na segunda quinzena de dezembro, encontra-se em desenvolvimento vegetativo, e as condições das lavouras apresentam-se 90% em bom estado e 10% ruins. Esse percentual ruim é justificado pela falta de chuvas, que atrasaram o início do plantio e a sua falta depois de plantado, sendo necessário em alguns casos o replantio.

Na Bahia, as lavouras de algodão são cultivadas no extremo-oeste e no centro-sul em regime de sequeiro e irrigado com gotejamento e pivô. Estima-se o cultivo de 315,1 mil hectares, havendo redução de 5,1% em relação à área cultivada no último exercício. Em março haverá bastante atenção com relação à intensidade das chu-

vas, a precaução é com o excesso de umidade nas lavouras, que podem causar danos às maçãs do algodoeiro. A redução da área cultivada pode estar relacionada à influência mercadológica, com as cotações apresentando quedas significativas de junho a setembro de 2019, ao registro histórico das produtividades, oscilando entre queda e alta, intimamente relacionadas à regularidade das chuvas e à redução de acesso ao crédito oficial. As perspectivas atuais de condições das lavouras e condições hídricas geram estimativas de boas produtividades, com estimativa de rendimento de 4.350 kg/ha. As lavouras de sequeiro de todo o estado e as irrigadas do centro-sul se apresentam, em sua grande maioria, nos estágios de florescimento e enchimento de grãos.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, a estimativa é de manutenção da área plantada. São esperados cerca de 1.237,6 mil hectares semeados na região, sendo mais de 93% só em Mato Grosso.

Em Mato Grosso, o plantio de algodão encontra-se encerrado desde 15 de fevereiro, e as lavouras estão no estágio predominante de desenvolvimento vegetativo. O espaço destinado à cultura é de 1.160,6 mil hectares, aumento de 6,2% em relação à área semeada no exercício anterior, como resposta ao mercado, em que preços atrativos são atribuídos à pluma. A atividade vislumbra a entrada recente de novos cotonicultores, que visam a maturação de seus investimentos, cujo prazo é mais longo que as demais culturas. Com o emprego de tecnologia cada vez maior e de maiores investimentos, as perspectivas são bastante boas para a produtividade da cultura, em consonância com o observado na última safra. A princípio, o excesso de chuvas observado no final de fevereiro não deve impactar negativamente no resultado da safra.

Em Mato Grosso do Sul, tanto o algodão primeira safra como o de segunda safras, já foram plantados. O algodão primeira safra está em início das fases reprodutivas e o segunda safra em desenvolvimento vegetativo. Nesta safra já houve as aplicações para o controle do bicudo do algodoeiro primeira safra, cujas lavouras já estão nas fases de formação das maçãs. Neste ano a incidência da praga está muito alta nas lavouras. Há também problemas com percevejos, que migraram da soja para as lavouras de segunda safra. Há também relatos de ataques de mosca-branca de forma geral nas lavouras. A área total de algodão sofreu redução nesta safra devido aos baixos preços da pluma praticados no mercado no momento do planejamento da produção. Muitos produtores que plantaram a cultura reduziram suas áreas e optaram por soja ou milho. Além disso, houve uma redução expressiva de algodão primeira safra no estado. De acordo com informantes, a redução das lavouras de segunda safra ocorreu pelo atraso na colheita da soja devido ao deslocamento do plantio da



leguminosa por causa da seca no início da primavera de 2019. Como o período de zoneamento para a cultura termina em 31 de dezembro na região norte e nordeste (maior produtora no estado), os produtores não conseguiram plantar as lavouras dentro do prazo.

Na Região Sudeste, a área estimada para o cultivo de algodão nesta safra indica redução em comparação à temporada anterior. Serão 49,6 mil hectares destinados à produção da cultura, particularmente em Minas Gerais e em São Paulo.

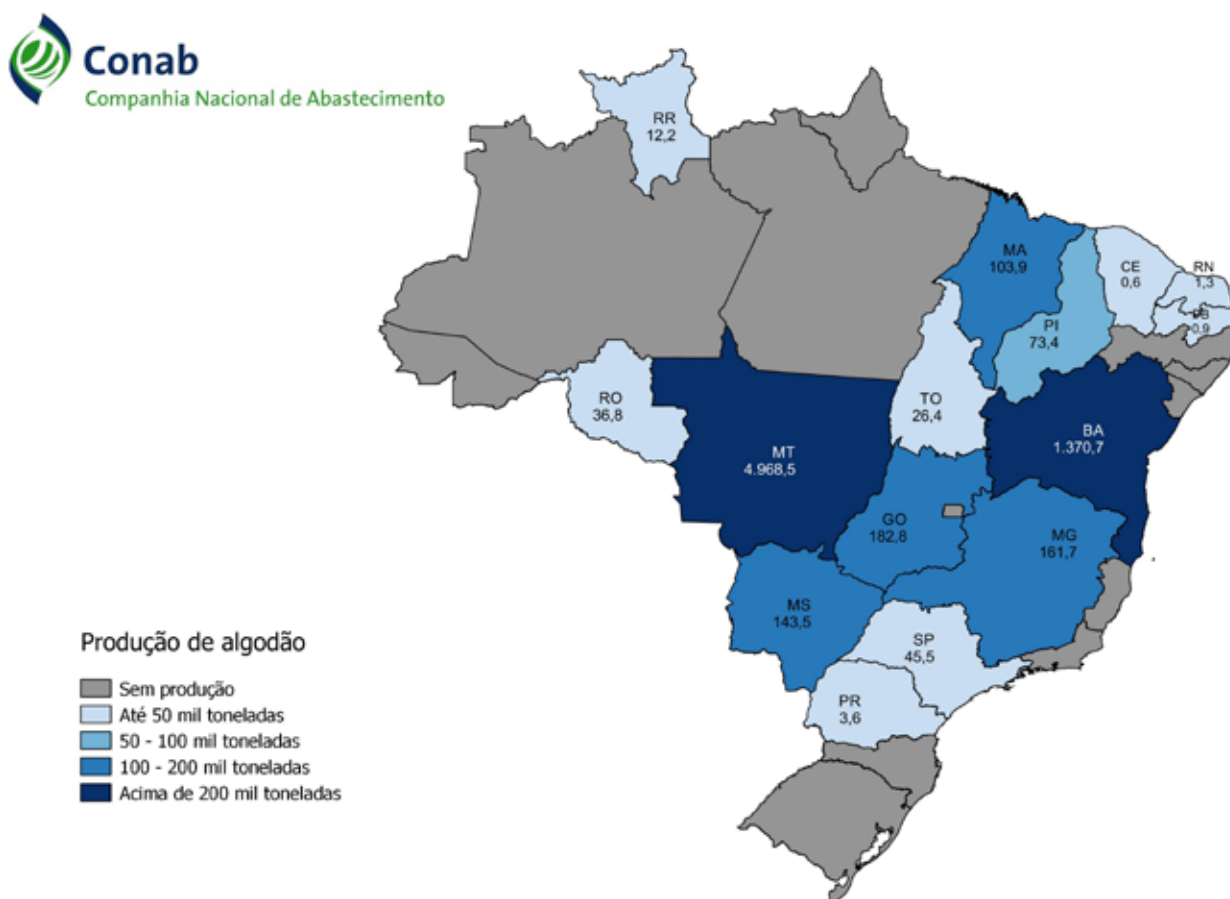
Em Minas Gerais, a estimativa para esta safra é que sejam destinados cerca de 38,4 mil hectares para a produção de algodão, apresentando redução de 8,5% em relação ao exercício anterior. Vale destacar que existem duas épocas de semeadura no estado, e que a segunda safra só será iniciada a partir da colheita de algumas culturas de verão, como soja e milho.

Em São Paulo, o algodão tem se desenvolvido satisfato-

riamente nas diversas regiões produtoras. A umidade do solo atende às necessidades de desenvolvimento da planta. Um ponto que diferencia a produção de algodão na região sudoeste do estado (maior região produtora) é o início precoce do plantio, que acontece em outubro. Estes produtores antecipam o plantio visando a colheita em uma situação mais vantajosa de preços. Também há a implantação de variedades precoces na região visando colher antecipadamente. A redução de área plantada ocorreu devido aos preços não estarem atrativos para os produtores no momento do plantio, principalmente em relação aos preços da soja.

Na Região Sul, onde o Paraná é o único representante, a área plantada nesta safra é de aproximadamente 1.200 hectares, pulverizada em vários municípios do norte do Paraná. A fase atual da lavoura é de 10% em desenvolvimento vegetativo, 20% em florescimento e 70% em frutificação. A produtividade esperada é a mesma da safra anterior, 3.000 kg/ha.

Figura 6 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão										
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	M/C	C	
	Centro Sul Baiano		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		P/G/DV	DV	F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



6.1.2. AMENDOIM

O amendoim é cultivado em duas safras, com a primeira safra sendo a principal. São estimados que o Brasil produza 515,2 mil toneladas nesta safra, aumento em 18,5% em relação à safra passada, atingindo uma área de 157,6 mil hectares, um crescimento de 7,4% em relação à safra anterior.

São Paulo é o maior produtor do país, e o cultivo acontece, principalmente, durante a entressafra da cana-de-

-açúcar, uma opção bastante utilizada na rotação de cultura, permitindo a recuperação do solo por meio da fixação de nitrogênio.

Essa cultura também é conhecida pela sua tolerância a diversas espécies de pragas, contribuindo para diminuir a quantidade dessas infestações nas áreas cultivadas com outras lavouras.

6.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

A área nesta safra deverá apresentar incremento, atingindo uma área de 150,2 mil hectares, que representa um acréscimo de 7,4% em relação ao efetivado na temporada anterior.

Em Minas Gerais, a área de plantio de amendoim está estimada em 1,7 mil hectares, e produtividade em 3.248 kg/ha.

No Paraná, a área plantada de 1,7 mil hectares é concentrada no norte do estado, com uma produtividade estimada em 2.746 kg/ha. O rendimento é 40,5% superior ao da safra passada, pois houve forte estiagem em dezembro de 2018. Apenas 10% já está colhidos. A maior parte das lavouras estão no estágio de frutificação e maturação. A colheita deve se estender até abril. Ainda que em algumas regiões tenha havido estiagem, em outras, há expectativa de rendimento acima do esperado. No geral, as condições da lavoura e do produto colhido são boas. O preço do produto varia de R\$ 55 a R\$ 62 a saca de 25 quilos. Praticamente toda a produção é comercializada com indústrias regionais de doces e empacotadores.

Em São Paulo, a plantação de amendoim durante a en-

tressafra da cana-de-açúcar é uma opção bastante utilizada. O amendoim permite a recuperação do solo por meio da fixação de nitrogênio.

Essa leguminosa nutrindo a terra de forma indireta, traz certa economia para os produtores na compra de fertilizantes, bem como entrega um solo bastante enriquecido para as culturas sucessivas, como a cana-de-açúcar.

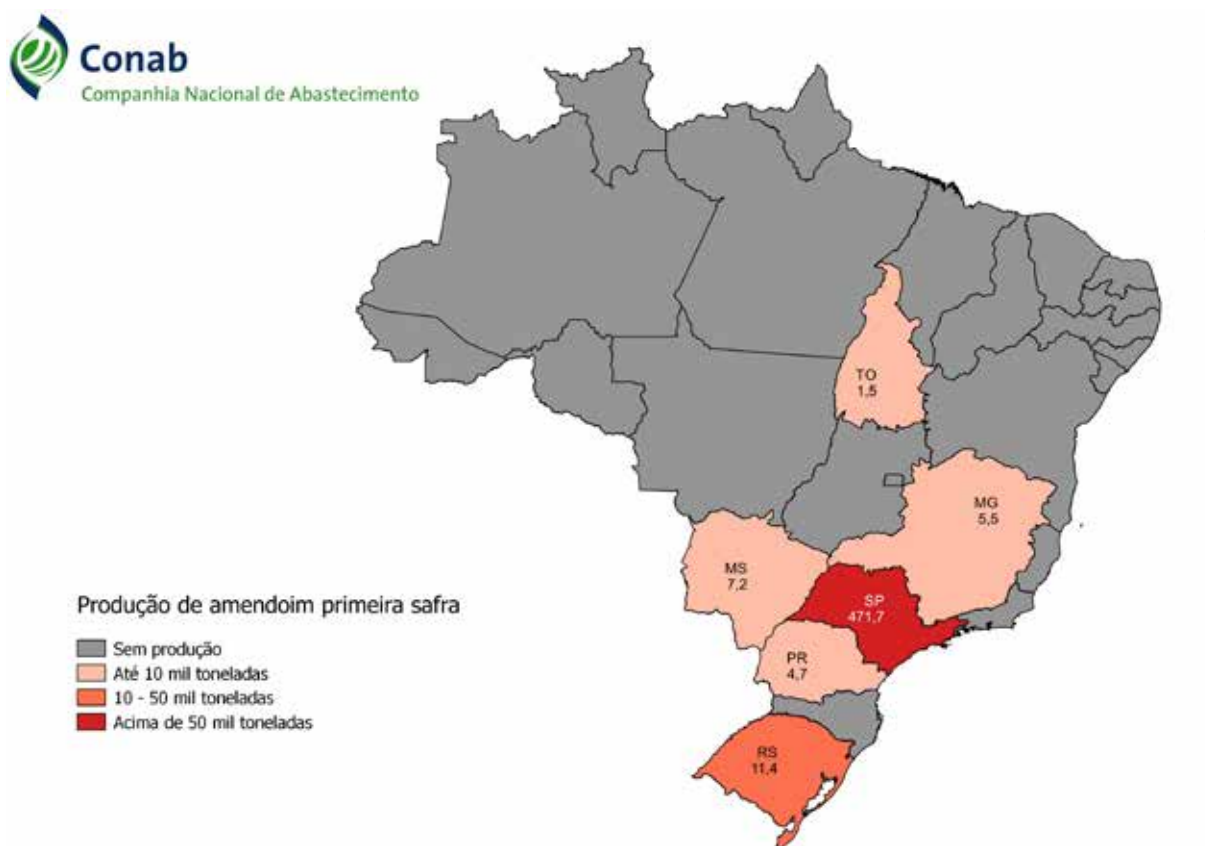
Seu custo é considerado baixo, e a rotação promove aumentos relevantes nas produções de cana, próximo de dois cortes, bem como promove ganhos na produção de açúcar. Essa rotação protege o solo contra a erosão e evita a multiplicação de plantas daninhas.

O amendoim tem sua produção praticamente toda exportada para os países europeus e, no momento, está bastante valorizado em razão da sua cotação ser em dólar, o que deverá proporcionar bons ganhos ao segmento produtor.

Este sexto levantamento aponta crescimento na área de 7,4%, e expressivo crescimento na produtividade de 10,6%, devido basicamente às boas condições climáticas (chuvas constantes e bem distribuídas).



Figura 7 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra



Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
SP	Araçatuba	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Araraquara	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Bauru	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Marília	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Presidente Prudente	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Ribeirão Preto	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	São José do Rio Preto	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

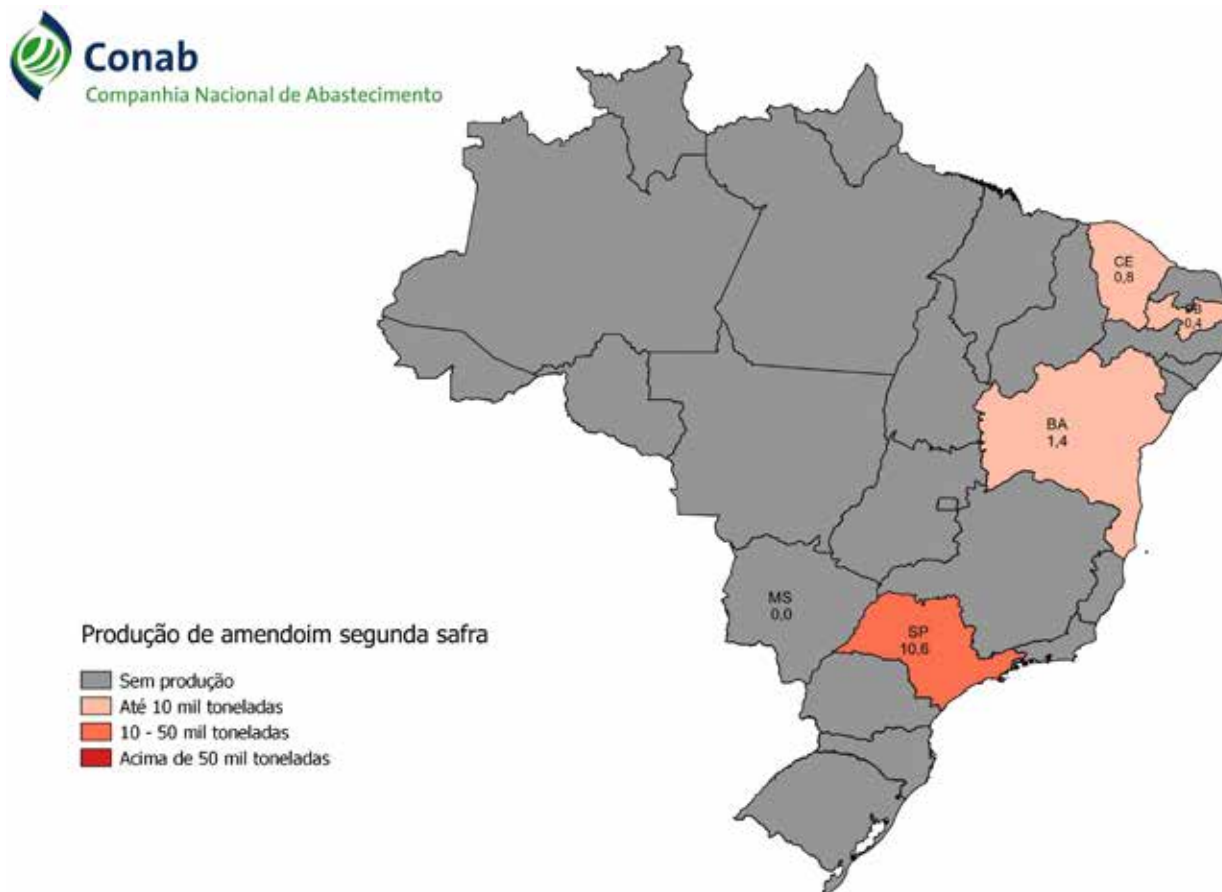


6.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Com a média histórica em torno de 400 hectares, a safra atual deverá ter ligeiro incremento com áreas

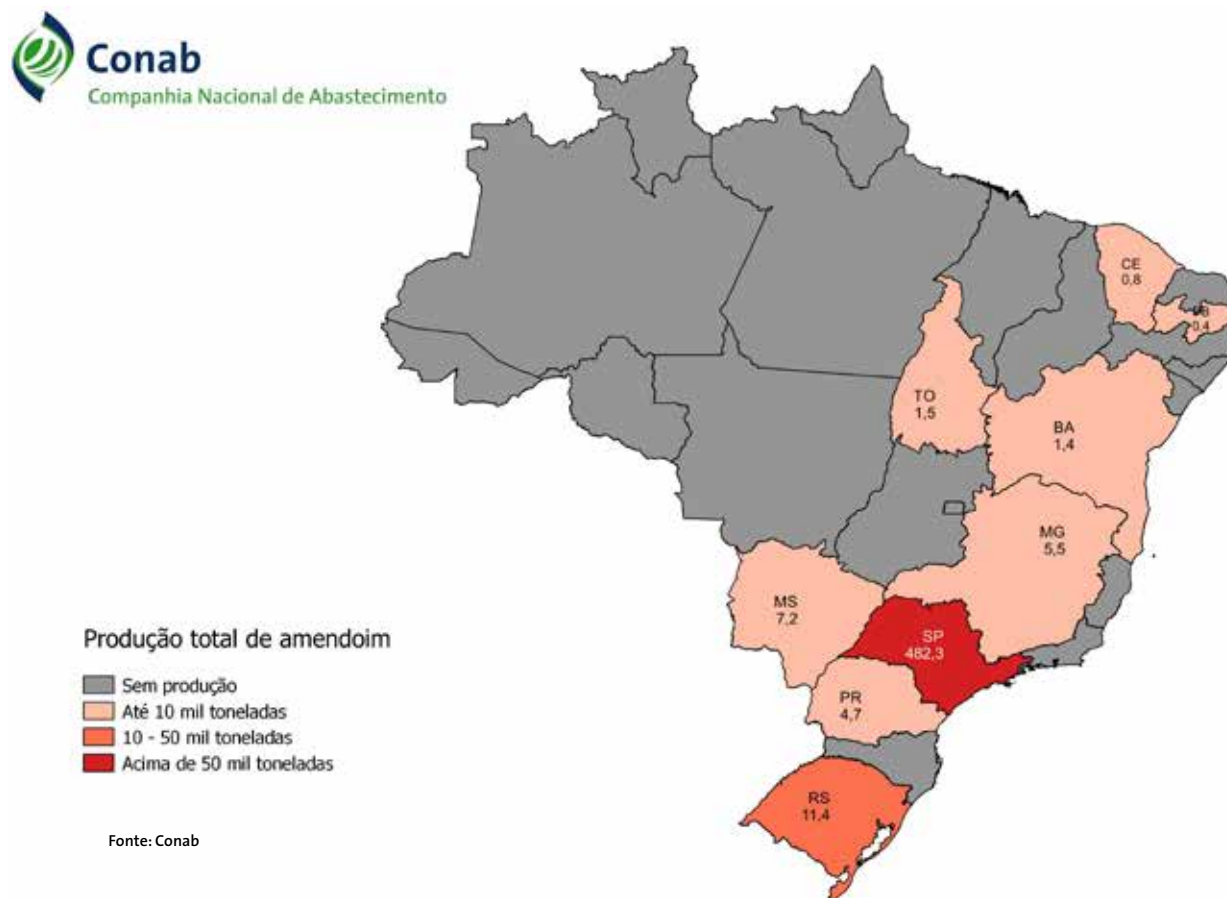
destinadas à cultura, no total de 7,4 mil hectares, com produtividade média de 1.787 kg/ha.

Figura 8 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



6.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 9 - Mapa da produção agrícola - Amendoim total



6.1.3. ARROZ

O sexto levantamento da cultura de arroz da safra 2019/20 indica que a área plantada será de 1.656,8 mil hectares, 2,4% menor que a safra passada.

A área irrigada é estimada em 1.287,6 mil hectares, retração de 4,7% em relação à safra anterior. Enquanto no arroz de sequeiro deverá ocorrer incremento de 6,5% de área em relação a 2018/19.

Na Região Norte, a avaliação é que a área plantada seja em torno de 222 mil hectares. Com isso, a região deverá se configurar como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Rondônia, o cultivo é exclusivamente de sequeiro. A área de cultivo nesta safra deverá ser de 42,4 mil hectares, desses, 38,4 mil hectares com a primeira safra e 4 mil hectares com safrinha.

Cerca de 100% da área de arroz da primeira safra já foi semeada, com a concentração do plantio em dezembro. Os atuais estádios indicam 5% em florescimento,

13% em enchimento de grãos, 35% em maturação e 47% já colhido.

As características fenológicas da cultura em segunda safra são as seguintes: 25% em germinação/plântula, 45% em perfilhamento e 30% em panícula.

A qualidade da lavoura é considerada satisfatória, com dossel uniforme e pouca competição com plantas daninhas. Com relação à sanidade não há problemas maiores, em casos pontuais o excesso de chuva prejudicou a germinação em alguns talhões, com ausência de sistematização da área.

No Acre, o plantio de arroz é unicamente em sequeiro. Inicia-se no período chuvoso, de outubro a dezembro, época mais favorável ao desenvolvimento da cultura. Geralmente a cultura é consorciada com outras culturas, como o milho, após o término do ciclo é realizado o plantio de feijão-comum cores. A área estimada nesta safra mantém-se em 4,9 mil hectares.



De acordo com a época de plantio, e as condições climáticas favoráveis à colheita, a cultura encontra-se com 70% da área colhida e 30% em fase de maturação.

No Pará, a expectativa da safra com o arroz total é de incremento de 1,9% de área a ser plantada em relação à safra 2018/19. Ao todo serão cerca de 38 mil hectares destinados ao cultivo da cultura nesta temporada, sendo 5,6 mil hectares para o arroz irrigado e 32,4 mil hectares em sequeiro.

Em Tocantins, a cultura do arroz de sequeiro é praticada por dois tipos de produtores distintos, os pequenos produtores, que são a maioria, e os produtores comerciais, que plantam em áreas de primeiro ano, visando posterior cultivo de soja, sistemática que está em desuso no estado, pois a maioria tem optado por semear a soja já no primeiro ano.

As lavouras apresentam bom desenvolvimento vegetativo em todas as regiões do estado. As chuvas mais frequentes em janeiro ajudaram a uniformizar as lavouras que passaram por estresse hídrico em dezembro. As áreas estão entre desenvolvimento vegetativo e alongamento.

Com relação ao plantio irrigado de primeira safra, a colheita, que no período do levantamento estava em 9%, avança lentamente em todas as regiões do estado, com destaque para Formoso do Araguaia, região que iniciou o plantio em outubro, e as produtividades têm variado de 95 a 120 sacas por hectare. O desenvolvimento das lavouras é considerado satisfatório pelos produtores, mesmo com as precipitações de outubro, novembro e dezembro ficado abaixo das médias históricas.

Foram relatados problemas com infestações de arroz vermelho em todas as regiões devido ao uso de sementes não fiscalizadas trazidas do Sul do Brasil. Nesses locais, o uso do Sistema de Produção Clearfield tem demonstrado boa eficiência no controle. Em relação às doenças, a brusone (*Pyricularia oryzae*) continua sendo a principal, obrigando os produtores a realizarem até sete aplicações para não prejudicar a produtividade. A colheita deve avançar até o final de abril. Já para o plantio do arroz irrigado segunda safra, como forma de diversificar as opções de plantio, alguns produtores de Cristalândia e Pium resolveram plantar soja nas áreas antes plantadas com arroz para em seguida entrar com o arroz irrigado. O plantio começou no início de janeiro.

As lavouras estão com bom desenvolvimento vegetativo e em algumas áreas, já perfilhando. Mais de 3 mil hectares já foram semeados.

Figura 10 - Lavoura de arroz Formoso do Araguaia – TO



Fonte: Conab.

Figura 11 - Lavoura de arroz sequeiro em área de primeiro ano – Goiatins - TO



Fonte: Conab.

Em Roraima há duas épocas distintas de produção para o arroz: a primeira, considerada como primeira safra, iniciou sua semeadura a partir de setembro e, eventualmente se estenderia até dezembro, porém houve atraso nas operações, e a estimativa é que ainda restem 10% da área prevista para ser cultivada em janeiro de 2020; a segunda, o arroz de segunda safra é semeado em maio, com perspectiva de colheita até outubro. De modo geral, a área destinada à rizicultura no estado deverá ser de 10,3 mil hectares, com maior proporção de área cultivada na primeira safra (cerca de 7,8 mil hectares). Diante da complexidade de se manter ou aumentar a área de produção de arroz, a cultura é desenvolvida apenas por produtores já tradicionais no estado, sem atrair novos empresários rurais para o ramo. A principal região produtora do estado compreende os municípios de Bonfim, Cantá e Normandia.

Na Região Nordeste, a expectativa é de retração da área plantada com arroz irrigado em 5,1%, e incremento de 11% no arroz de sequeiro. Perfazendo um total de 157,1 mil hectares, incremento de 9,2% em relação à safra passada.



No Maranhão, em alguns municípios das regiões da Baixada Maranhense e Médio Mearim, cultiva-se arroz em ambiente denominado “sequeiro favorecido”, que são áreas de baixadas (planas), onde os solos são caracterizados como plintossolos, com má drenagem. Portanto, as chuvas, as enchentes dos rios ou o afloramento natural do lençol freático formam lâminas de água, mas sem controle de irrigação. O cultivo de arroz nessa região é realizado com uso de tecnologia, com variedades de arroz irrigado, e atinge-se uma produtividade média mais elevada que a média estadual.

No Piauí, a área de arroz total apresentou incremento na ordem de 15%, atingindo 53,6 mil hectares, e a produtividade esperada gira em torno dos 1.584 kg/ha.

O plantio dessa cultura iniciou-se na segunda quinzena de novembro em algumas áreas do cerrado piauiense, atualmente encontra-se concluída em todas as regiões do estado. As lavouras encontram-se em boas condições e atualmente estão predominantemente na fase de desenvolvimento vegetativo. Nas áreas irrigadas, onde predomina a agricultura empresarial, o plantio é iniciado em maio.

Em Alagoas, a cultura do arroz irrigado primeira safra possui ciclos de produção por região.

A Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) faz o seu próprio monitoramento no estado. São observadas três unidades produtoras, as quais são: povoado Boacica, povoado Itiúba e Projeto Santa Eliza, todos localizados nos municípios de Porto Real do Colégio, Penedo, Piaçabuçu e Igreja Nova. Nos dois primeiros são realizadas duas safras por ano. Já no último é realizada apenas uma safra por ano.

Estima-se que a área se mantenha em cerca de 2,8 mil hectares nesta temporada, com uma previsão de produção de 17,4 mil toneladas, e retração na produtividade de 10,3% em relação à anterior.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a previsão é de incremento na área plantada, quando comparada com a última safra, nas áreas de arroz de sequeiro, onde indica que a área plantada será de 123,8 mil hectares, aumento de 6,2%, quanto nas destinadas ao arroz irrigado sinaliza que a área plantada será de 34,9 mil hectares, retração de 8,6%.

Em Mato Grosso, apesar dos excelentes preços atribuídos à cultura, o aumento de área foi menor que foi projetado inicialmente, limitado pela expansão da cultura da soja, a qual já dispõe de novas variedades, desenvolvidas pela Embrapa, que possibilitam seu plantio em áreas de abertura, que antes necessitavam

do arroz.

Ainda assim, a ampliação da área é registrada com aumento, de 121,3 mil para 124,9 mil hectares, equivalente a 3%.

Maior produtividade é esperada para esta safra, tendo em vista os maiores investimentos efetuados e o melhor pacote tecnológico empregado, como reflexo dos bons preços. Projeta-se rendimento médio de 3.323 kg/ha, 4% maior que o registrado no ciclo passado, de 3.196 kg/ha. O estoque referente à safra 2019/20 já está praticamente liquidado, com 99% da produção comercializada, e o produto que atende o estado neste momento é proveniente do Rio Grande do Sul.

A colheita da safra encontra-se em fase inicial, e a conclusão dos trabalhos em fevereiro é cerca de 7% e deve se concentrar em março e abril.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área plantada com a cultura no estado é de 11,2 mil hectares, com perspectivas de boas produtividades.

A maioria das lavouras é semeada no período seco de inverno e início da primavera no estado. Como todo o processo de plantio foi planejado de forma escalonada, a colheita ocorre em épocas bastante distintas do ano. Atualmente (primeira semana de março de 2020), toda a cultura já foi plantada no estado, e as lavouras se encontram em diferentes estádios, 6% em floração, 12% em frutificação, 19% em maturação e 63% colhidas. As lavouras colhidas estão com uma boa qualidade dos grãos e com uma produtividade estimada de 6.500 quilos por hectare.

As condições climáticas se encontram adequadas, com altas temperaturas e precipitações regulares e boa incidência solar, isso tem contribuído para o processo de colheita. A presente safra é considerada uma das melhores, pois todos os fatores básicos para o pleno desenvolvimento da cultura estão disponíveis. Diferentemente de safras anteriores, os fatores climáticos possibilitaram o controle adequado de pragas e doenças, não elevando tanto os custos com o manejo destes.

No levantamento anterior foi possível registrar a ocorrência de percevejos e lagartas, algo considerado dentro do esperado para a época no estado, a exemplo da lagarta *Spodoptera frugiperda*. Um evento considerado anormal foi o aparecimento da lagarta *Mocis latipes*, conhecida popularmente como lagarta curuquerê, a explicação para o aparecimento teve como justificativa o clima seco no início da safra, favorecendo assim o desenvolvimento da referida lagarta. Embora tal inseto tenha sido registrado, com



o presente levantamento foi possível constatar que o surgimento dele não interferiu nos custos da lavoura, sendo controlado grandemente com a constância e abundância das chuvas no período.

Embora tenha sido verificado um pequeno atraso no plantio, o que deslocou um pouco a colheita, com a normalização das condições climáticas os produtores puderam avançar com as operações. O mercado segue aquecido, assim como no levantamento anterior, os preços estão estáveis.

Em Goiás, o arroz de sequeiro se encontra com bom regime de chuvas na fase reprodutiva das lavouras espalhadas em comunidades em diferentes pontos do estado. Essas áreas possuem baixa tecnologia e muitos não tiveram nenhum posicionamento do governo quanto ao fornecimento de insumos e sementes.

Em relação ao arroz irrigado, considerado plantio de seca, com o calendário de plantio distribuído entre julho e outubro, onde a parcela que foi semeada em Julho já está sendo colhida, com um rendimento momentâneo de 6.500 Kg/ha, podendo ser aumentado até o fim da colheita, em uma área total de 4.100 hectares. Já o plantio considerado de chuva tem o calendário de plantio de novembro a fevereiro, e a área estimada é de 5.310 hectares, com o plantio finalizado em fevereiro, os estádios de desenvolvimento estão distintos, com cerca de 30% em fase de desenvolvimento vegetativo, 20% em formação de panícula, 20% em fase de enchimento de grãos e 30% já se encontra colhido.

As lavouras se apresentam com boa sanidade devido ao regime de chuvas favorável à cultura na região. A maior parte da produção de boa qualidade fica no estado com os compradores das principais marcas que beneficiam o arroz. Produtos de classificação tipo 2 seguem para as mesmas empacotadoras, porém têm destino para outros estados do Norte do país. Grande parte do arroz em Goiás é oriundo de municípios do Rio Grande do Sul e do Uruguai, com tendência de alta para os próximos dias dos preços da saca e também no varejo.

Estima-se que a área plantada com o arroz seja entre 22,6 mil hectares, divididos entre o plantio de sequeiro, estimado em 6 mil hectares, e o plantio irrigado, com uma área estimada de 16,6 mil hectares. São Paulo sinaliza com retração na área para o arroz de sequeiro, em 31,6%. Quanto para o arroz irrigado, incremento de área em 2,7%. O produto é pouco cultivado no estado.

A lavoura, que é em grande parte irrigada, encontra-se colhido (25%), em frutificação (20%) e o restante

em maturação (55%). A qualidade da lavoura está, em geral, boa. Durante a fase reprodutiva não houve nenhum tipo de estresse que prejudicasse a produtividade, que está em torno de 4.131 Kg/ha.

Outra razão que influência nessa redução é a concorrência com o arroz oriundo do Rio Grande do Sul, maior produtor nacional, além disso, outra informação a ser considerada também é que os poucos produtores que plantam arroz estão buscando outras alternativas, tais como milho e a soja.

Em Minas Gerais, a intenção de plantio do arroz de sequeiro e de várzea úmida permanece inalterada em relação à safra passada, principalmente pela falta de competitividade com o produto produzido no Sul do Brasil.

As alterações no ciclo das chuvas têm desestimulado os produtores em razão dos riscos constantes.

Predomina o cultivo de subsistência, e as lavouras são geralmente conduzidas com baixo nível de tecnologia, uso de sementes próprias e praticamente sem adubação.

Nas lavouras de sequeiro, várzea úmida e áreas irrigadas, as estimativas de rendimento permanecem inalteradas. A aquisição de arroz por intermédio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), pelas prefeituras e governo do estado é o que tem mantido o cultivo do produto, considerando a aquisição por meio da agricultura familiar, de no mínimo 30% do valor financeiro destinado anualmente à alimentação escolar.

Lavouras em fase de florescimento (50%) e enchimento de grãos (50%).

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado o de sequeiro. Estima-se que a área plantada com o arroz irrigado seja de 1.102,8 mil hectares, enquanto para o arroz de sequeiro a estimativa aponta para 2,7 mil hectares.

No Paraná, estima-se que a área total a ser plantada, na safra atual, seja de 21,5 mil hectares.

A área plantada foi de 18,8 mil hectares, com produção prevista em 145,1 mil toneladas com a cultura do arroz irrigado. O cultivo se concentra na região noroeste do Paraná, na bacia do rio Ivaí. A produtividade esperada é 14,6% superior à safra passada, pois o excesso de calor em dezembro de 2018 causou muito abortamento de flor. O produto, já colhido, é de boa qualidade, assim como as lavouras que ainda estão no campo.



Foram plantados 2,7 mil hectares, com produtividade esperada de 2.021 Kg/ha com o arroz de sequeiro. A área foi reduzida em 10% em relação à safra anterior e deverá continuar caindo por ser um cultivo de subsistência e baixa tecnologia. Esse tipo de atividade agrícola está em decadência no Paraná. Em alguns setores, o desenvolvimento dessa cultura está sendo prejudicado pela estiagem que, no momento, está em curso. Entretanto, de maneira geral, as lavouras são consideradas, na maioria das áreas, boas. O produto colhido é de boa qualidade, em sua maior parte destinado para consumo na propriedade e somente o excedente é comercializado nas redes cerealistas locais.

Em Santa Catarina, a colheita do arroz segue evoluindo bem, uma vez que até a terceira semana de fevereiro cerca de 30% das áreas já estavam efetivamente colhidas, e apresentando boa qualidade do produto. Até o final do mês a previsão é que 45% da área já tenha sido colhida e o restante esteja em estágio avançado de desenvolvimento e maturação, indicando a proximidade do final do ciclo produtivo.

O déficit hídrico que se abateu sobre a cultura em algumas regiões do estado teve influência na reinfestação de plantas daninhas, contudo não interferiu sobremaneira na produtividade. Pelo contrário, as primeiras áreas colhidas indicam um cenário de aumento de produtividade para esta safra em relação à anterior, sendo cauteloso aguardar a efetivação da colheita. De maneira geral, atualmente as condições climáticas estão favoráveis ao desenvolvimento da cultura e favorecendo a colheita, justificando a expectativa de melhora no rendimento médio esperado.

O temporal de granizo que atingiu algumas áreas no sul do estado, mais especificamente no município de Meleiro, causou perdas e danos de maneira muito pontual. Considerando os dados preliminares registrados no município, a expectativa é que essas perdas sejam facilmente superadas pela melhora no índice médio de produtividade; apenas para ilustrar houve registro no município de um excepcional rendimento de 12.150 Kg/ha.

No Norte do estado houve registros de perdas relacionadas às chuvas excessivas ocorridas em fevereiro, impedindo o progresso da operação de colheita e, ainda, algumas áreas com ataques mais severos de pragas (mais especificamente cigarrinhas). Os problemas se deram de forma localizada e não irão se traduzir em queda da produtividade, uma vez que nessa região também são esperados índices mais altos que na safra anterior.

Na região norte o cultivo da soca ou rebrote será efetivado por grande parte dos produtores (70 a 80%),

aproveitando as condições ainda favoráveis de clima e os patamares de preços elevados, inclusive com investimentos em adubação e defensivos. No sul do estado, como a colheita ocorre mais tarde e, portanto, as condições de clima não são propícias à prática, esse percentual tende a ser bem menor.

Figura 12 - Lavoura de arroz em Meleiro – SC



Fonte: Conab.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas de fevereiro foram, de maneira geral, boas para o desenvolvimento da cultura do arroz no Rio Grande do Sul. Os dias foram quentes e, devido à baixa ocorrência de chuvas, com alta incidência de radiação solar, que favorece o acúmulo de fotoassimilados pelas plantas. Cabe destaque, no entanto, a incursão de, pelo menos, duas frentes frias que causaram a redução das temperaturas para níveis abaixo do ideal. Nas regiões Sul e Campanha as mínimas chegaram próximas a 5 °C, fato que, caso tenha ocorrido na fase de florescimento e enchimento de grãos, pode acarretar em redução da produtividade. Por outro lado, essas regiões estão entre as mais adiantadas no estado, junto com a Fronteira Oeste, já encaminhando-se para o final do enchimento de grãos e maturação, reduzindo o potencial de dano pelo frio.

Até o momento do levantamento, 3% da área do estado havia sido colhida, com destaque para a Fronteira Oeste, com 7%. As demais oscilam em torno de 1 a 2%. Além disso, no estado, 36% da área está em maturação, 33% em enchimento de grãos, 21% em florescimento e apenas 7% em desenvolvimento vegetativo. Como a previsão é de poucas chuvas para março, a colheita deve evoluir de forma rápida neste período, podendo haver problemas com sobrecarga do sistema de recebimento e beneficiamento nas indústrias.

As primeiras lavouras colhidas, aquelas que foram semeadas no início do período preferencial para a cultura, têm apresentado rendimentos consistentes, acima

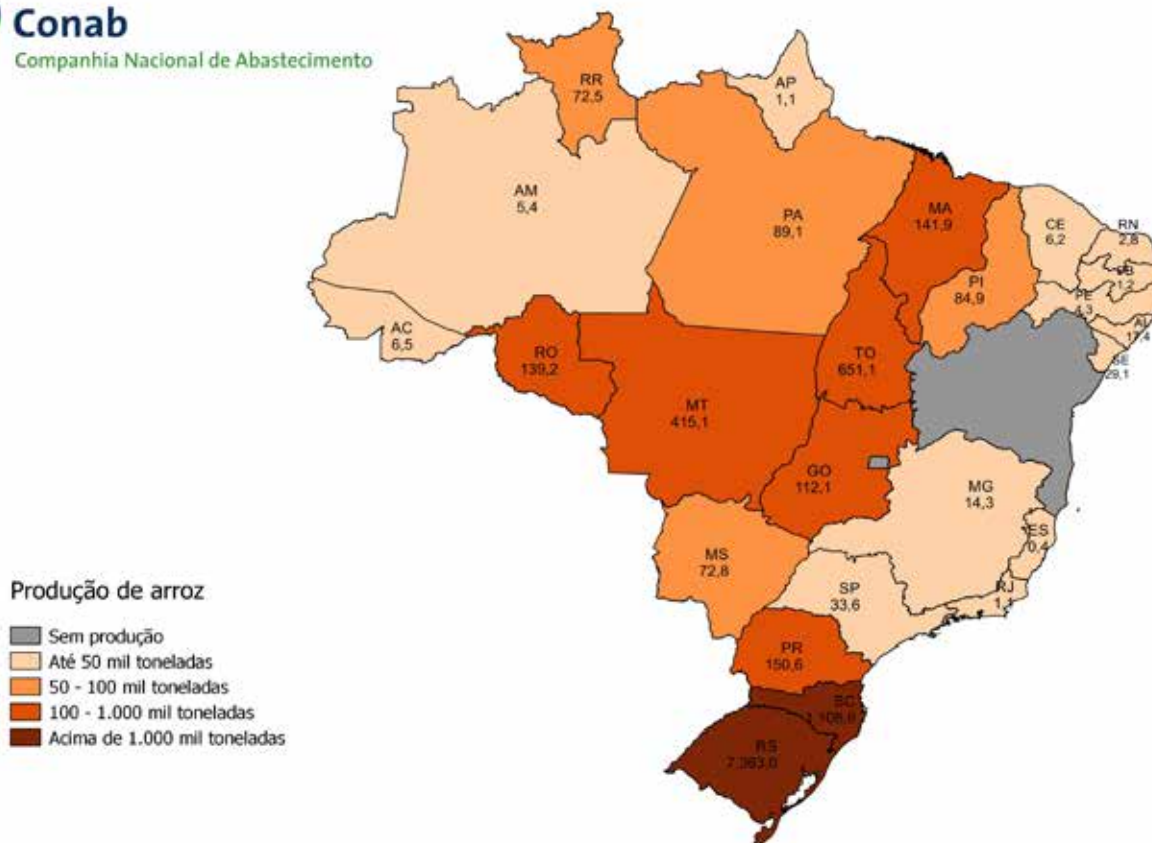


de 8.000 Kg/ha, como era esperado. Há expectativa quanto à produtividade das lavouras, que tiveram que ser semeadas no período tolerado e, principalmente, naquelas semeadas em dezembro, fora do período recomendado. A produtividade dessas lavouras é que deve definir a média estadual, já que em anos onde as condições climáticas ocorridas durante o verão são ótimas, a redução de produtividade com o atraso da semeadura é minimizada. Assim, até o momento a ex-

pectativa é de 7.833 Kg/ha, em razão de proporção da área semeada em cada período e sua produtividade média potencial.

Quanto à área, ela foi mantida igual ao levantamento anterior, já que o Irga, nosso principal informante, ainda está realizando o fechamento final da área cultivada no estado.

Figura 13 - Mapa da produção agrícola - Arroz



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
RO	Leste Rondoniense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
PA	Sudoeste Paraense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Paraense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
TO**	Ocidental do Tocantins			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C		
MA	Centro Maranhense						P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
PR**	Noroeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SC**	Norte Catarinense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí	PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C				
	Sul Catarinense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C				
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				
	Sudeste Rio-grandense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.

6.1.4. FEIJÃO

6.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Como uma cultura de ciclo curto, o feijão plantado na primeira safra e segunda safras, apresentam lavouras em fases avançadas de desenvolvimento e colheita, especialmente nas regiões que semearam a cultura no início do exercício. Há também localidades que, devido às condições climáticas menos favoráveis, não conseguiram semear com antecedência, mas ainda

estão dentro do período adequado para o plantio, sem prejuízos à implantação dessas lavouras.

No geral, foram destinados cerca de 924,8 mil hectares para o plantio de feijão na primeira safra de 2019/20, com indicativo de produção na ordem de 1.049,5 mil toneladas.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é intensivamente cultivado na primeira safra, especialmente nas Regiões Sudeste e Sul, tendo Minas Gerais e Paraná como os maiores destaques na destinação de área desse período.

No Pará, a área plantada manteve os números do levantamento anterior, cerca de 4,4 mil hectares. Os municípios exploram pequenas áreas, sendo a maior delas no município de Trairão, na região da transamazônica. A agricultura familiar é a responsável pelo plantio de uma parcela significativa da área com feijão-comum cores. O pouco acesso a crédito, insumos e tecnologia, torna a produtividade baixa e o lucro insatisfatório, dificultando a concorrência com produtores de outros estados.

Na Região Nordeste, na Bahia, na região do extremo-oeste, a colheita atingiu, por ocasião do levantamento

to, 12% da área total. No centro-sul e centro-norte do estado, as lavouras do feijão-comum cores seguem em fases de florescimento a maturação. Apesar de não haver registros de chuvas nos últimos dias de fevereiro, a umidade do solo ainda era suficiente para a manutenção das plantas, sem relatos de perdas. No entanto, para março a expectativa de poucas chuvas está gerando apreensão quanto a possíveis perdas, entre os produtores.

No Piauí, a área de feijão de primeira safra apresentou incremento em relação à safra passada, atingindo 199,5 mil hectares e a produtividade esperada gira em torno dos 350 kg/ha. Praticamente toda a área de feijão primeira safra no estado é proveniente da agricultura familiar, e o plantio foi iniciado no final de dezembro no sul do estado e agora, em janeiro, na região centro-norte e norte. O plantio na região do semiárido



piauiense teve início após os primeiros registros pluviométricos, que tiveram início na primeira quinzena de janeiro. O mesmo acontece nas regiões centro-norte e norte. No levantamento foi constatado que a lavoura se encontra totalmente plantada e predominantemente em desenvolvimento vegetativo.

Na Região Centro-Oeste, em Mato Grosso, a colheita foi encerrada para o feijão-comum cores primeira safra. A área plantada nessa temporada atingiu 2,2 mil hectares. Mesmo com os bons preços do feijão, a opção pela cultura na primeira safra é preterida à da soja, cultura que apresenta excelente rentabilidade e facilidade de comercialização.

Em Goiás, na região leste do estado, cerca de 90% das lavouras de feijão foram colhidas e, devido ao excesso de umidade na fase de colheita, grande parte do produto perdeu qualidade. Dessa forma, os grãos apresentam-se escuros e desvalorizados, e os produtores buscam comercializar rapidamente, evitando maior perda de qualidade.

No Distrito Federal, as lavouras já foram colhidas, visto que algumas sofreram perdas de qualidade e produtividade devido às chuvas constantes. Com as condições climáticas adversas, a produtividade média obtida do feijão-comum cores foi levemente inferior à registrada na safra passada em 2.400 kg/ha, ante as 2.410 kg/ha alcançadas na safra anterior. A produção alcançou 23.760 toneladas, incremento de 6% diante da alcançada na safra 2018/19.

Na Região Sudeste, os dados levantados em Minas Gerais refletem uma área total para feijão-comum cores primeira safra com 129,1 mil hectares, e produtividade de 1.191 kg/ha. Na ocasião do levantamento, as lavouras se encontravam em fase de colheita, com

Feijão-comum preto

No Distrito Federal foram semeados 900 hectares com o feijão-comum preto nessa primeira safra, apresentando diminuição de 10% em comparação ao ano passado. A maior produtividade em relação à safra anterior, 2.000 kg/ha, contra 1.900 kg/ha, não foi suficiente para compensar a produção anterior, totalizando na atual, 1,8 mil toneladas.

Em Minas Gerais foram semeados 8,5 mil hectares de feijão-comum preto. O cultivo se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. A colheita já foi concluída.

No Paraná houve um ajuste na proporção de área plantada entre feijão-comum cores e preto este mês. Com isso, a produção do feijão-comum preto ficou

cerca de 35% da área colhida. Os outros 40% estão em maturação, e os 25% restantes em fase de frutificação. O plantio do feijão de primeira safra é considerado uma cultura de risco (feijão das águas) em razão do ciclo das chuvas e alterações climáticas verificadas nos últimos anos. Há relatos isolados de ataque de mofo-branco nas lavouras, e o excesso de chuvas que afetou a qualidade dos grãos.

Na Região Sul, a queda na área plantada na primeira safra, observada no Paraná, foi compensada pela elevada produtividade obtida. As boas condições climáticas foram preponderantes para o bom desempenho das lavouras, que já foram colhidas. Com exceção de casos isolados, onde ocorreu chuva na colheita, a qualidade do produto obtido foi muito boa, e os preços remuneradores.

Em Santa Catarina, com apenas 19% das áreas já colhidas e 14% em maturação, ainda restam 38% em granação e 19% em florescimento. Cerca de 48% das lavouras podem ser consideradas em boas condições, 52% em condições regulares e 1% em condições ruins. A safra caracterizou-se por chuvas em quantidades menores que a média e de forma mal distribuídas durante o ciclo da cultura. Um veranico na última semana de dezembro e na primeira quinzena de janeiro favoreceu a colheita nas áreas onde o ciclo da cultura havia acabado, ou seja, aquelas semeadas em setembro e outubro (19%). Já as semeadas em novembro e dezembro (81%), padrão nos campos de altitude, foram prejudicadas por terem o suprimento de água restringido no momento em que as plantas mais necessitavam. Em relação à safra 2018/19 (1.995 kg/ha), espera-se obter em média 2.040 kg/ha ou 2,3% a mais. A produção total de feijão de cores da primeira safra em Santa Catarina deve atingir 37.700 toneladas, 3,1% a menos que a safra 2018/19.

35,3% superior à safra passada, o que contribuiu para a estabilidade nos preços. Atualmente, o preço do feijão-comum preto está próximo de R\$ 122 a saca. A colheita já foi concluída e 65% do produto já foi comercializado.

Em Santa Catarina, com 90% das áreas já colhidas, 87% das lavouras podem ser consideradas em boas condições, 10% em condições regulares e 3% em condições ruins. A safra caracterizou-se por chuvas em quantidades menores que a média e de forma mal distribuídas durante o ciclo da cultura. Um veranico na última semana de dezembro e na primeira quinzena de janeiro favoreceu a colheita nas áreas prontas para esta atividade, ou seja, aquelas semeadas em setembro e outubro (81%). Aquelas semeadas em



novembro e dezembro (19%) foram prejudicadas por terem o suprimento de água restringido no momento em que as plantas mais necessitavam. Em relação à safra 2018/19 (1.802 kg/ha) espera-se obter em média 2.300 kg/ha ou 27,6% a mais. A produção total de feijão-comum preto da primeira safra em Santa Catarina deve atingir 40.000 toneladas; 10,5% a mais que a safra 2018/19.

No Rio Grande do Sul, restando apenas as lavouras

Feijão-caupi

Na Bahia, estima-se o cultivo de 137 mil hectares. As lavouras apresentam bom desenvolvimento e estão no estágio de floração e enchimento dos grãos. Nas mesorregiões centro-sul e centro-norte, há expectativa de poucas chuvas para março. No entanto, devido a sua maior resistência ao estresse hídrico, espera-se que as perdas sejam de baixo impacto.

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi está encerrada. A área para essa lavoura foi bastante restrita, totalizando 6,3 mil hectares. Mesmo com os bons preços do feijão, a opção pela cultura na primeira safra é preterida à da soja, cultura que apresenta exce-

dos municípios dos Campos de Cima da Serra a serem colhidas, o feijão-comum preto primeira safra apresentou perdas de 20% a 50% do potencial produtivo, dependendo da região. A região mais precoce, Alto Uruguai e parte do Planalto Médio, registrou as menores perdas, enquanto na Central e Sul ocorreram as maiores. Até o momento, 95% da área está colhida e a produtividade foi reduzida para 1.375 kg/ha.

lente rentabilidade e facilidade de comercialização.

Em Minas Gerais, a área destinada com feijão-caupi está estimada em 17 mil hectares, estável em relação ao ano anterior. O plantio é voltado para subsistência, mas em bons anos de chuvas o excedente é comercializado em mercados municipais da região. O caupi é plantado predominantemente na primeira safra, em nível familiar. Onde há irrigação há preferência do uso das áreas para plantio de feijão-comum cores, cujos preços normalmente remuneram melhor. A maior parte das sementes provém de seleção de materiais do próprio produtor.

Figura 14 - Mapa da produção agrícola - Feijão primeira safra

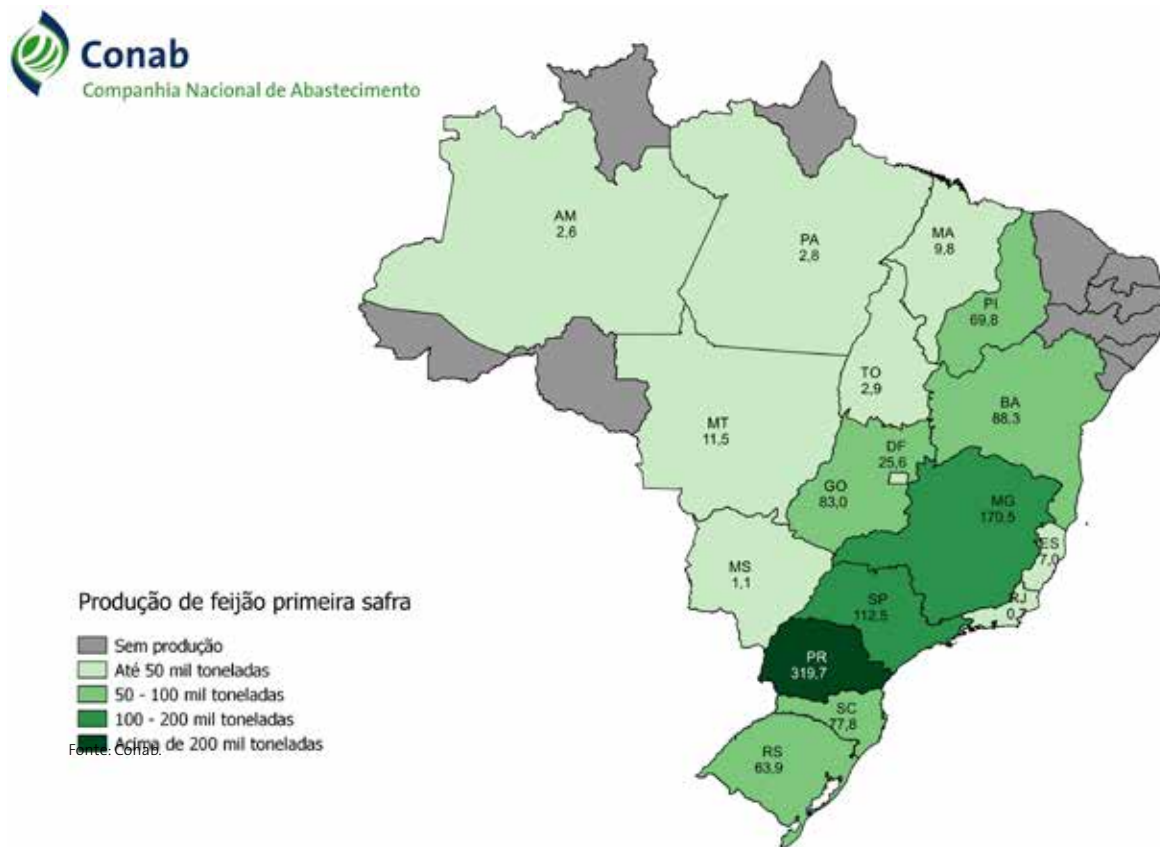


Figura 15 - Mapa da produção agrícola - Feijão-comum cores primeira safra

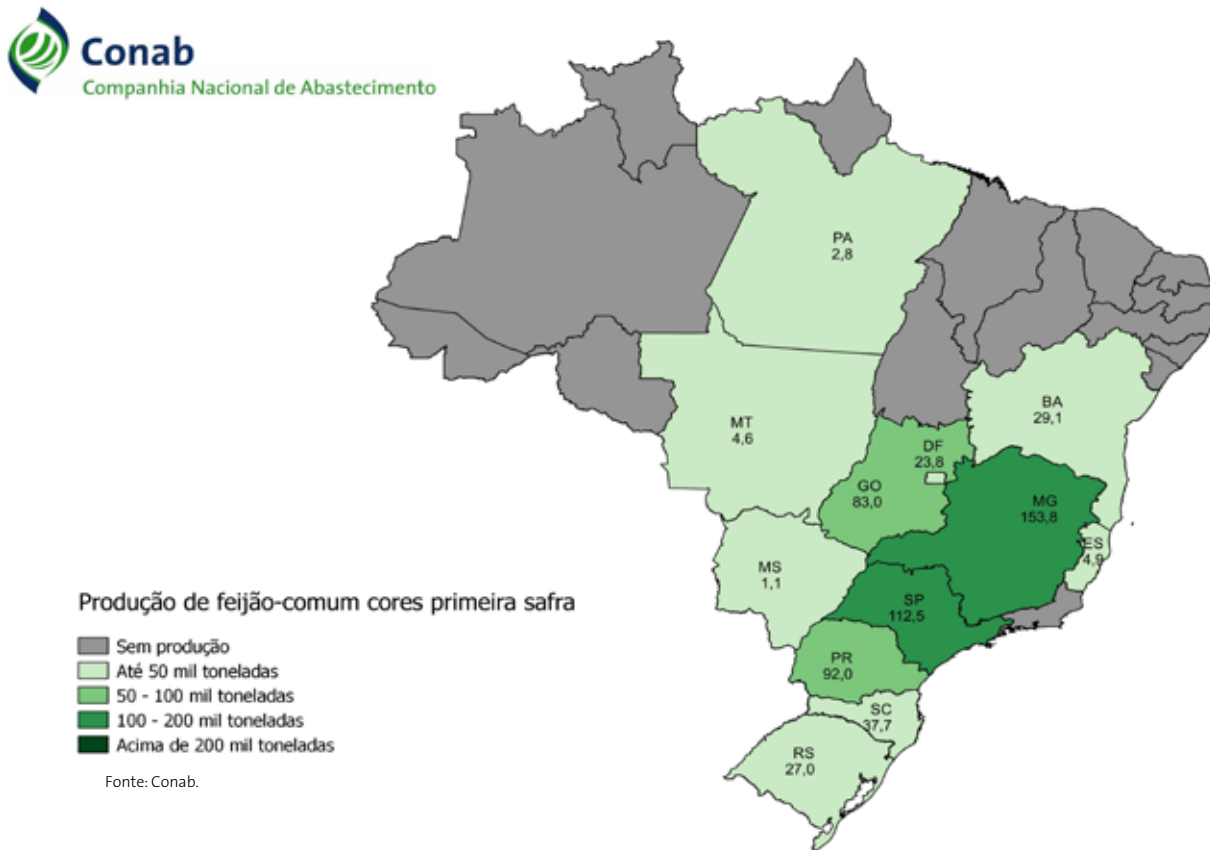


Figura 16 - Mapa da produção agrícola - Feijão-comum preto primeira safra

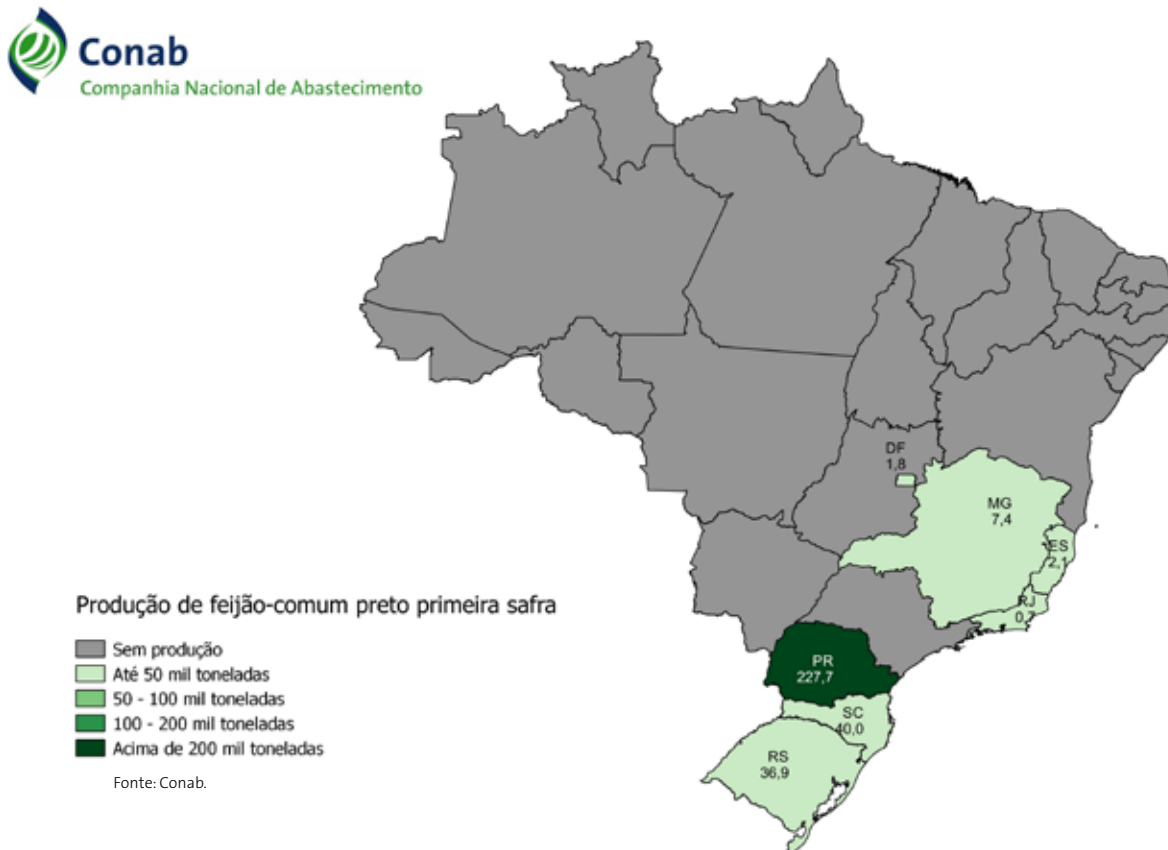
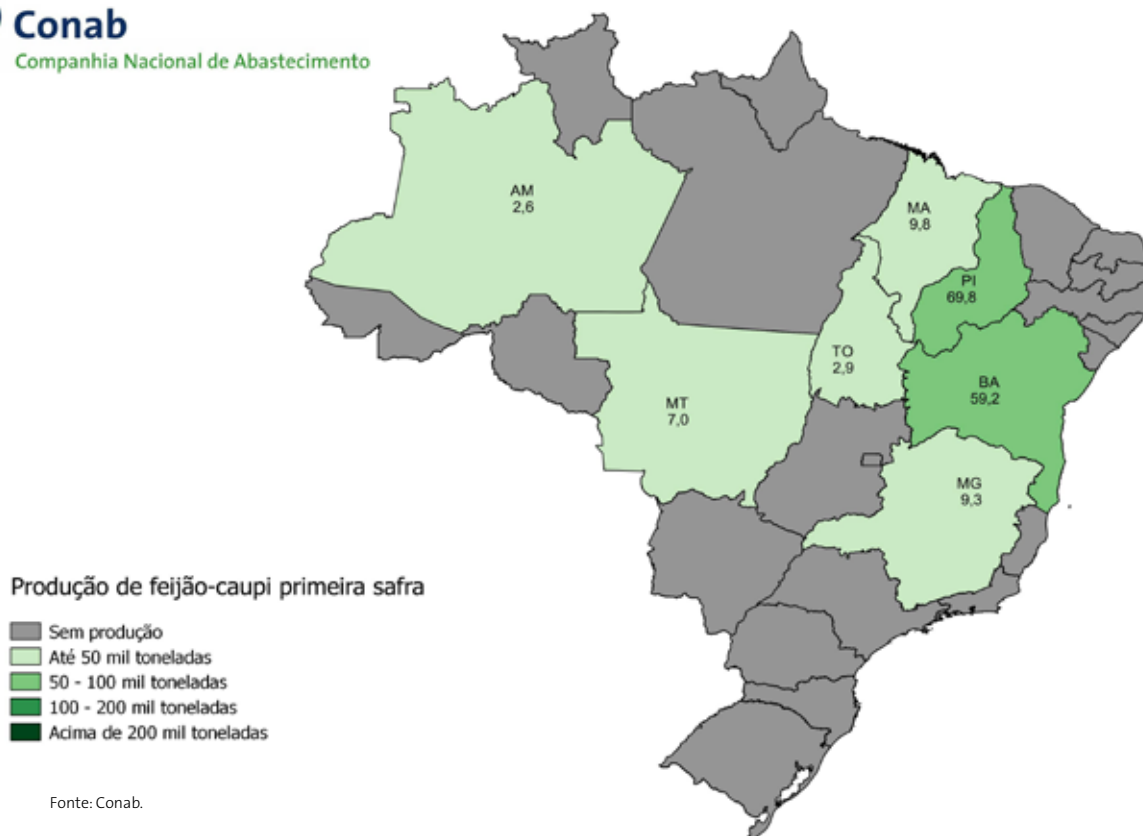


Figura 17 - Mapa da produção agrícola - Feijão-caupi primeira safra



Conab

Companhia Nacional de Abastecimento



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano				PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Sul Baiano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	DV	F	FR/M/C	M/C				
	Norte Mato-grossense				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal					P/G/DV	F/FR	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Norte de Minas					P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Zona da Mata				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



6.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Nesta temporada foram destinados cerca de 1.442,3 mil hectares para o plantio de feijão na segunda safra de 2019/20, com indicativo de produção na ordem

de 1.357,1 mil toneladas, crescimento estimado de 5,2% em relação à safra passada.

Feijão-comum cores

Na Bahia estima-se que sejam cultivados aproximadamente 11 mil hectares de feijão-comum cores. A previsão de plantio se dará a partir de maio, e ocorrerá em áreas irrigadas.

Em Mato Grosso, mesmo com as cotações bastante favoráveis à cultura, devido à oferta escassa no estado, a cultura deve observar retração de área de 28,3%, passando de 57,6 mil hectares para 41,3 mil hectares devido à competição com culturas de segunda safra, como milho, algodão e gergelim. São culturas que apresentam menor variação de preços que o feijão, apresentando também a possibilidade de fechamento prévio de contratos. O feijão perde espaço pelo histórico recente de variações abruptas de preços. Calcula-se que o plantio atual do feijão-comum cores segunda safra atinja 20% em âmbito estadual.

Em Goiás, o bom regime de chuvas em fevereiro e a expectativa de que março também se mantenha o bom quadro climático, têm favorecido o desenvolvimento na cultura plantada no estado. No entanto, devido ao aumento dos custos, ocasionado pela maior incidência de pragas na segunda safra, as áreas podem sofrer redução expressiva. Além disso, a expectativa do plantio do milho safrinha ainda é bastante favorável devido aos preços do milho estarem firmes e as condições de chuvas também estarem favoráveis ao cereal. Na

região sul do estado, a previsão para área plantada de feijão-comum cores segunda safra ainda encontra-se incerta. Alguns produtores deverão tomar a decisão, provavelmente em março. Informações iniciais indicam uma expectativa de aumento na área plantada em razão de rotação de culturas com soja e milho e de expectativa de melhora nos preços.

No Distrito Federal, motivado pelos bons preços, ocorreu incremento na área cultivada do feijão-comum cores, estando fixado em 900 hectares, incremento de 5,9% sobre o período anterior. A produtividade é esperada apresentar incremento, estimando-se 2.200 kg/ha, com uma expectativa de produção de 2 mil toneladas, superior em 5,3% ao da safra anterior.

No Paraná, a redução na área plantada de 7% em relação à correspondente safra anterior é motivada pelos baixos preços pagos ao produtor atualmente em relação ao mesmo período do ano passado. Nessas condições, parte dos produtores optaram pelo plantio de milho segunda safra ou soja. As lavouras já estão 95% implantadas e se encontram nas fases de germinação e desenvolvimento vegetativo. No início do ciclo existem condições que permitiram um bom desenvolvimento da cultura, porém, a falta de precipitações em fevereiro afetou várias lavouras, que deverão sofrer perdas de produtividade.

Feijão-comum preto

Em Minas Gerais, o plantio do feijão-comum preto ainda é incipiente devido ao atraso da colheita da safra de verão, decorrente do excesso de chuvas. A área estimada é 7,8% inferior em comparação com a safra anterior em razão da incerteza do plantio.

No Paraná, a área a ser plantada está prevista atingir 108,5 mil hectares. Ainda cabem ajustes na proporção entre feijão-comum preto e cores. A produtividade esperada é de 1.925 kg/ha.

Em Santa Catarina, seguindo a tendência de anos anteriores, a área de plantio de feijão de segunda safra em Santa Catarina reduziu mais uma vez. Os produtores têm optado por culturas como a soja e o milho, que são menos vulneráveis às oscilações de preços e clima. A área prevista é de 13 mil hectares, 25,3% menor que a safra 2018/19, quando semeou 17,4 mil hectares. O

plantio já foi concluído em 98% da área prevista, ou seja, 46% em janeiro e 54% em fevereiro. Das áreas semeadas, 98% encontram-se em boas condições e regulares 2%. No momento a germinação corresponde a 16%, desenvolvimento vegetativo 67% e florescimento 7%. A colheita deve iniciar com 44% em abril, maio 60% e junho com os 6% restantes.

Figura 18 - Lavoura de feijão-comum preto segunda safra em Ouro Verde – SC



Fonte: Conab.



No Rio Grande do Sul, as lavouras estão sendo semeadas na resteva do milho. Até o momento, 80% da área foi semeada, com intenção inicial de manutenção da

área apurada no levantamento anterior, 16,3 mil hectares.

Feijão-caupi

Na Bahia deverão ser cultivados aproximadamente 35 mil hectares de feijão-caupi. A expectativa é que o plantio se efetive em fins de fevereiro e março, em sucessão com a lavoura de soja.

Em Mato Grosso, mesmo com preços bastante favoráveis ao feijão-caupi, a cultura apresenta ligeira retração de 6,1% de área plantada em relação ao ano anterior de 123,9 mil hectares para 116,3 mil hectares. Além disso, é constatada a redução na semeadura em áreas tradicionais de feijão-caupi, como o médio-norte e tendência de possível mudança para áreas mais longínquas. O motivo é a concorrência com outras culturas de segunda safra, em especial o milho, que apresenta maior rentabilidade e relativa estabilidade de preços em comparação ao feijão, cuja oscilação costuma ser maior. No médio-norte, o milho tem cada vez mais mercado, e o produtor considera esta opção mais rentável e com maior possibilidade de prever e travar preços. A crescente importância de culturas como algodão e gergelim também cria obstáculos ao feijão-caupi. Outro ponto a se destacar é o aumento da participação de variedades especiais, de maior va-

lor agregado, a exemplo do azuqui e do mungo verde. Calcula-se que 9% da safra 2019/20 já tenha sido negociado, enquanto que a da safra anterior já se encontra praticamente finalizada. No que diz respeito a plantio, em Mato Grosso os trabalhos deverão se concentrar em março, e calcula-se que 15% da área tenha sido semeada no fechamento de fevereiro.

Em Goiás, a cultura se encontra na fase vegetativa. O cultivo do feijão-caupi vem sendo estimulado, principalmente, na região de Caiapônia. Por ser cultivado durante a segunda safra, as informações sobre o plantio de feijão-caupi na região ainda se encontram incertas. No entanto, relatos indicam a expectativa de aumento significativo de área cultivada em razão da expectativa de bons preços recebidos pelos produtores por meio da exportação dessa variedade de feijão (preço vinculado ao dólar) e devido à reduzida janela para o plantio do milho segunda safra, fazendo com que o cultivo do feijão-caupi se apresente como uma boa alternativa. Alguns negócios com fornecedores de sementes já começaram a serem realizados, visto que o plantio deve se concentrar em março.

Figura 19 - Mapa da produção agrícola - Feijão segunda safra

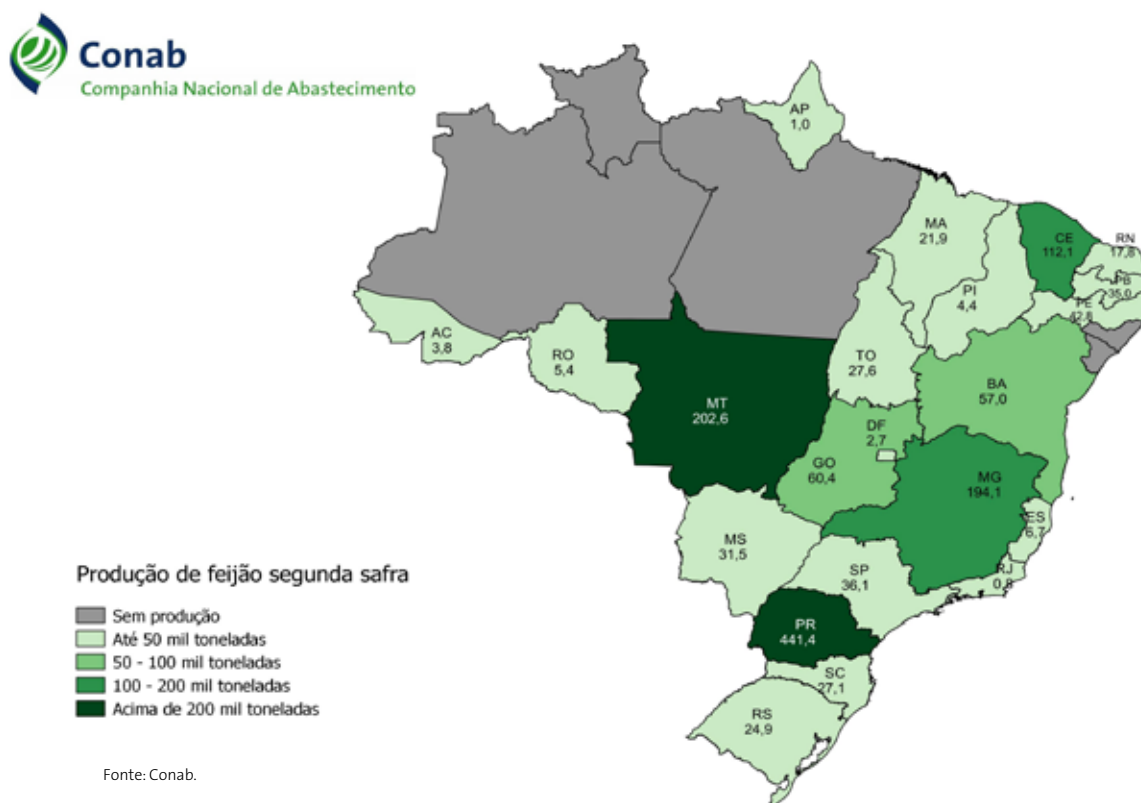


Figura 20 - Mapa da produção agrícola - Feijão-comum cores segunda safra

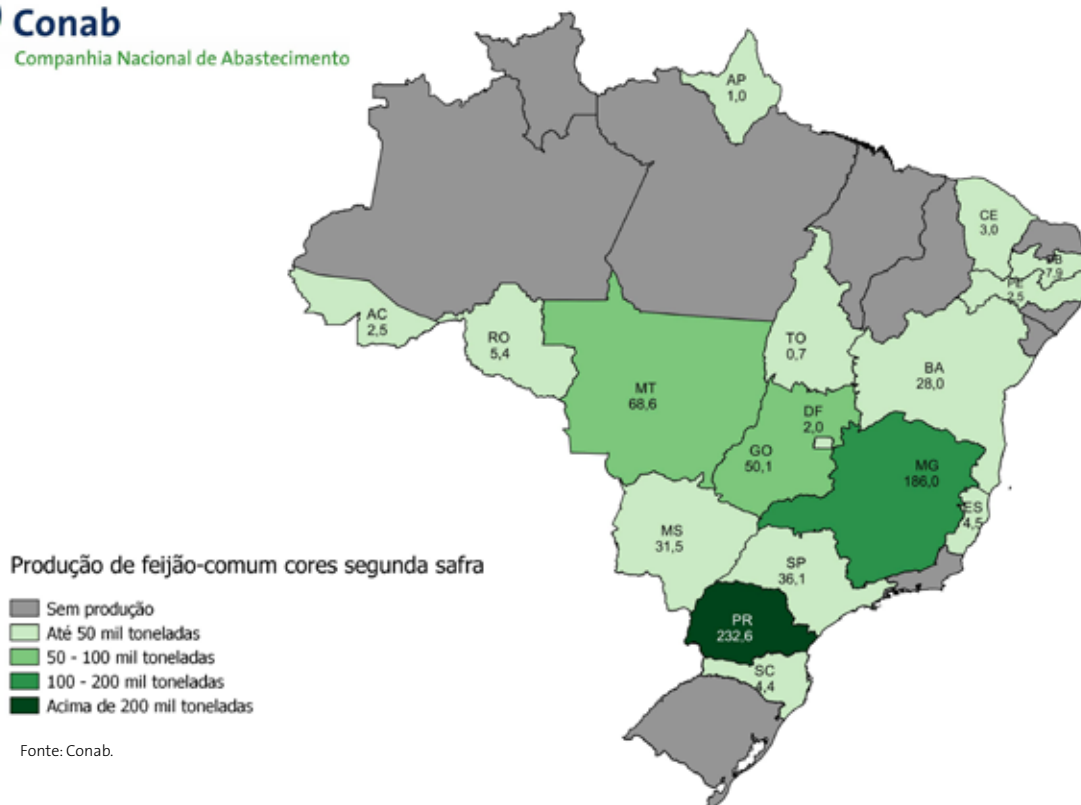


Figura 21 - Mapa da produção agrícola - Feijão-comum preto segunda safra

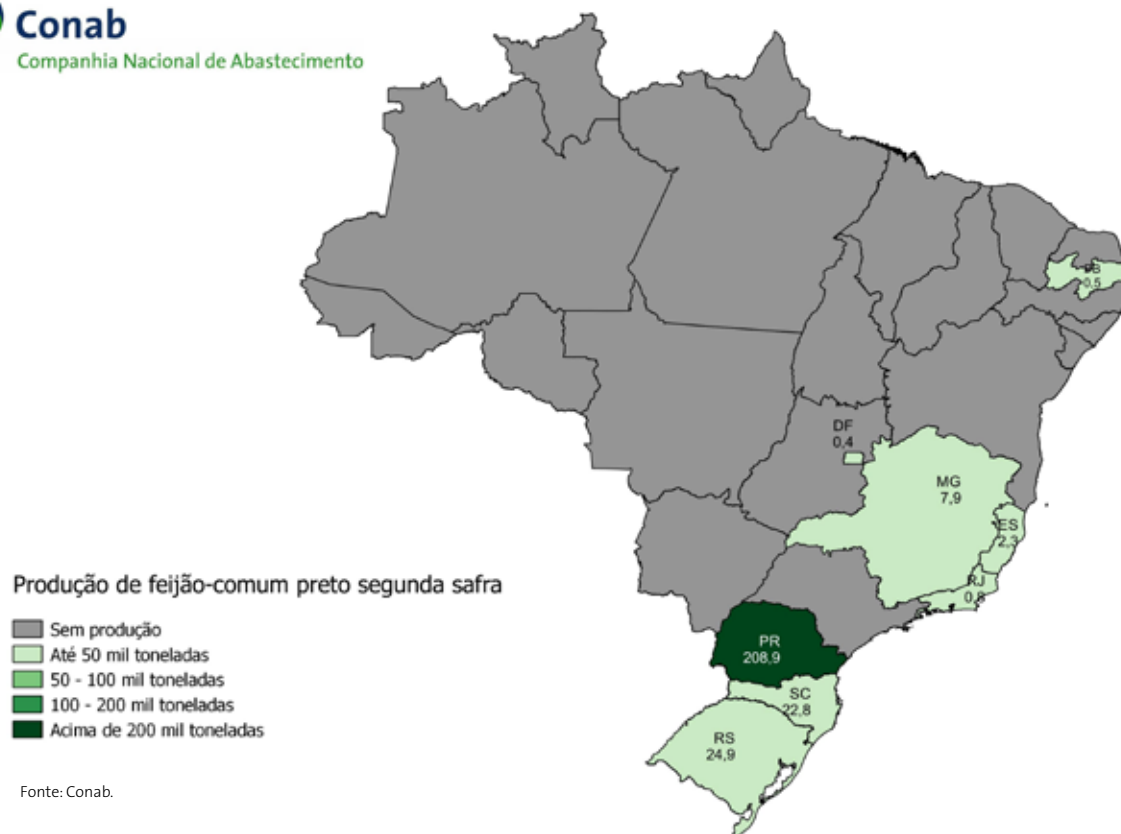
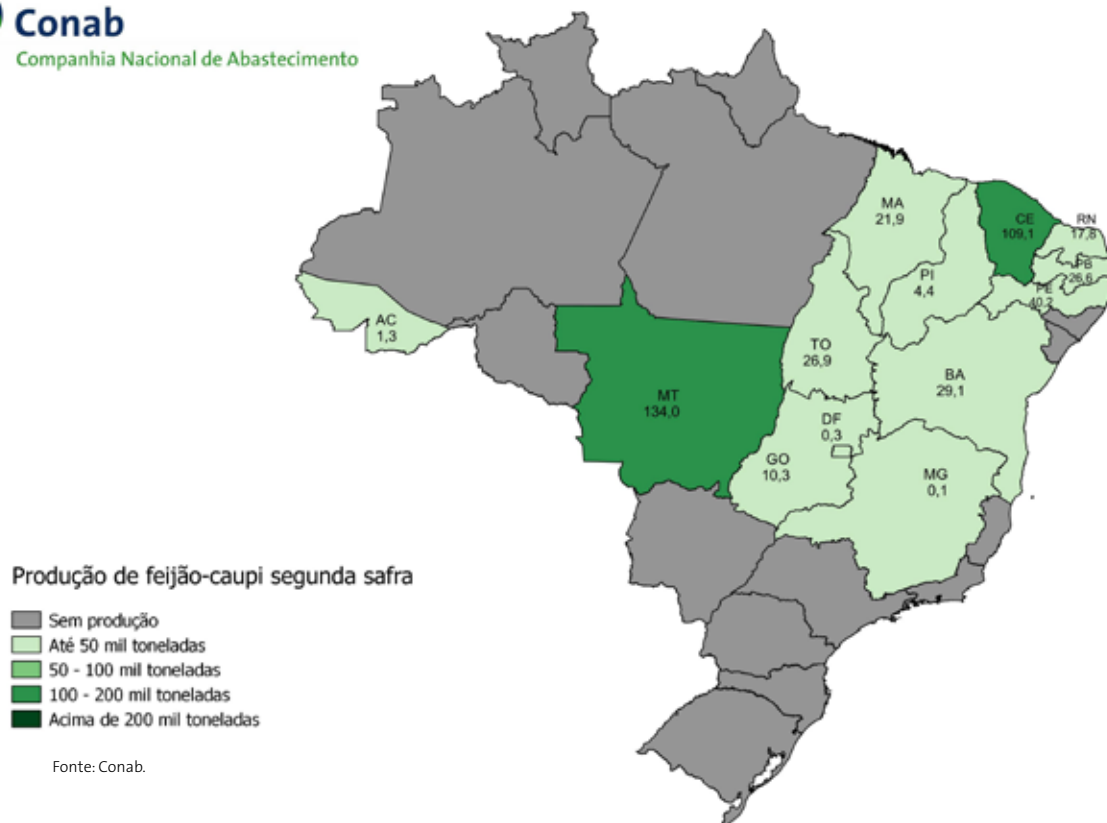


Figura 22 - Mapa da produção agrícola - Feijão-caupi segunda safra



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense						PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Central Mineira						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Vale do Rio Doce						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Oeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Campo das Vertentes						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Zona da Mata						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
ES	Central Espírito-Santense						P/G	DV	DV/F	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Assis						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense					P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P/G	DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C		
	Oeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C		
	Sudeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C		
	Metropolitana de Curitiba					P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C		
SC	Oeste Catarinense					P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C		
	Norte Catarinense					P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C		
	Sul Catarinense					P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense					P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



6.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Figura 23 - Mapa da produção agrícola - Feijão terceira safra

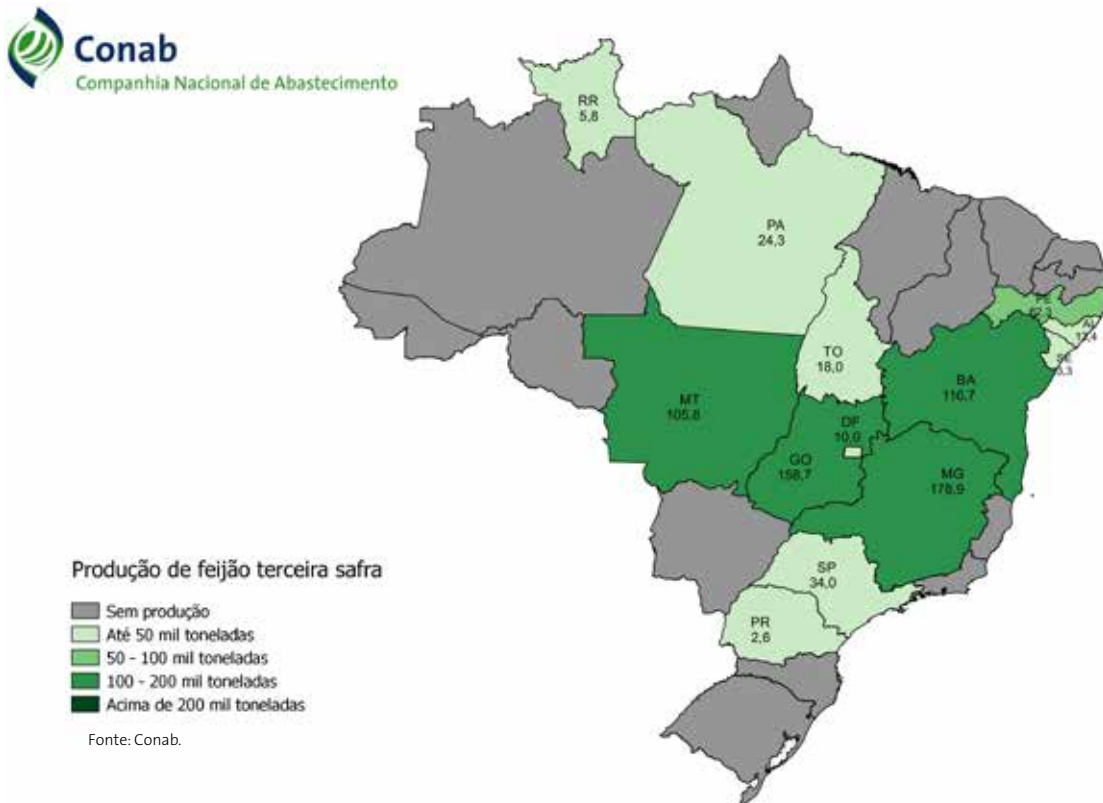


Figura 24 - Mapa da produção agrícola - Feijão-comum cores terceira safra

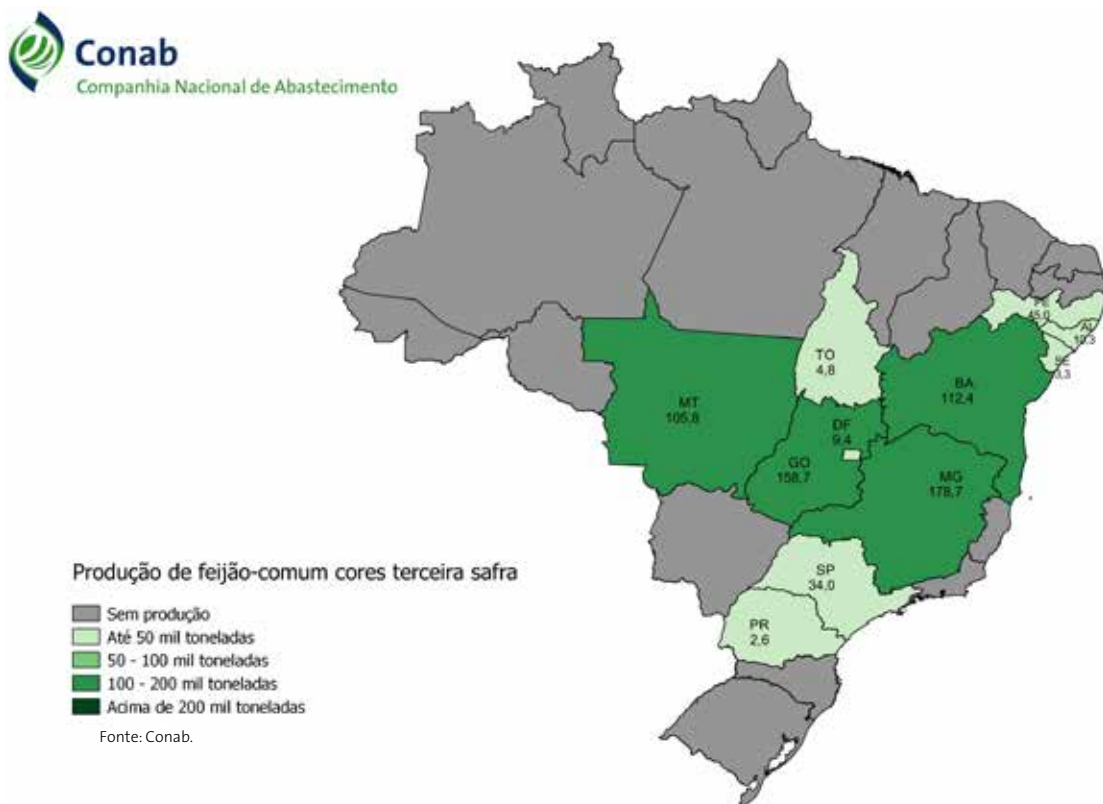


Figura 25 - Mapa da produção agrícola - Feijão-comum preto terceira safra

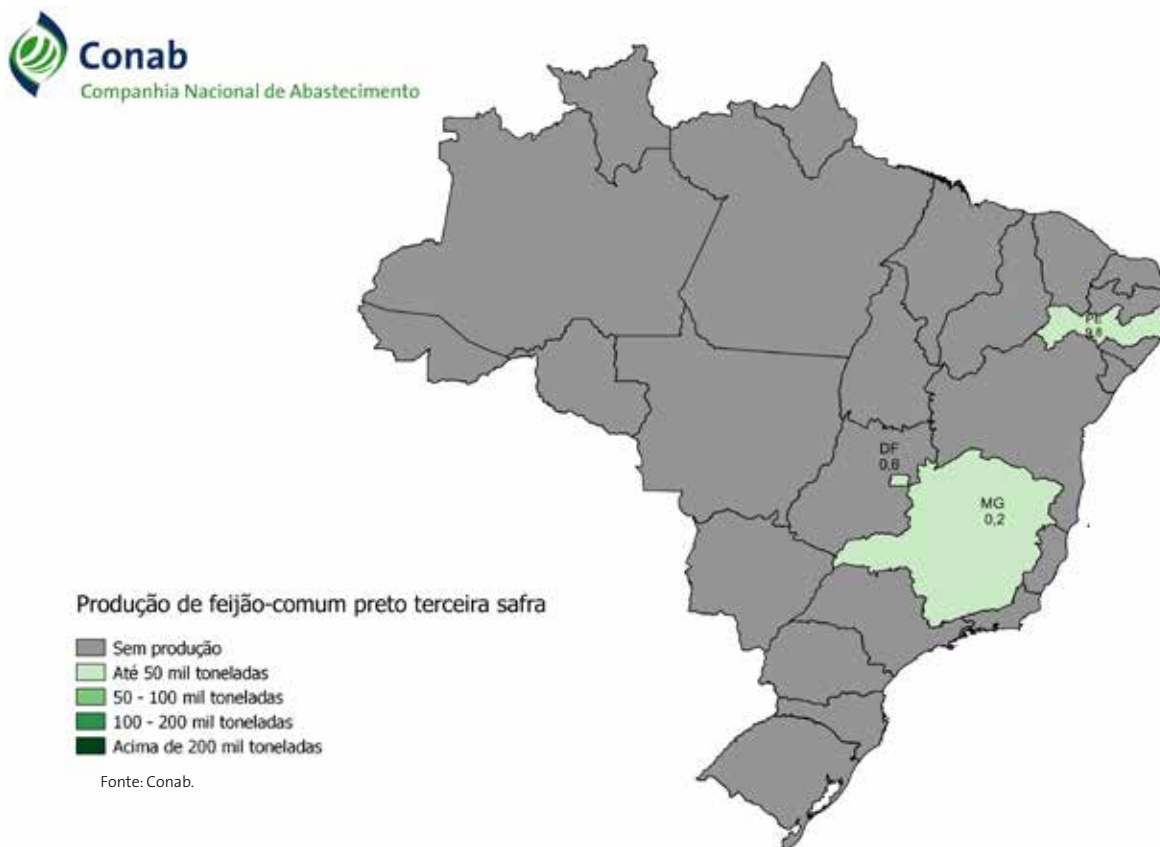
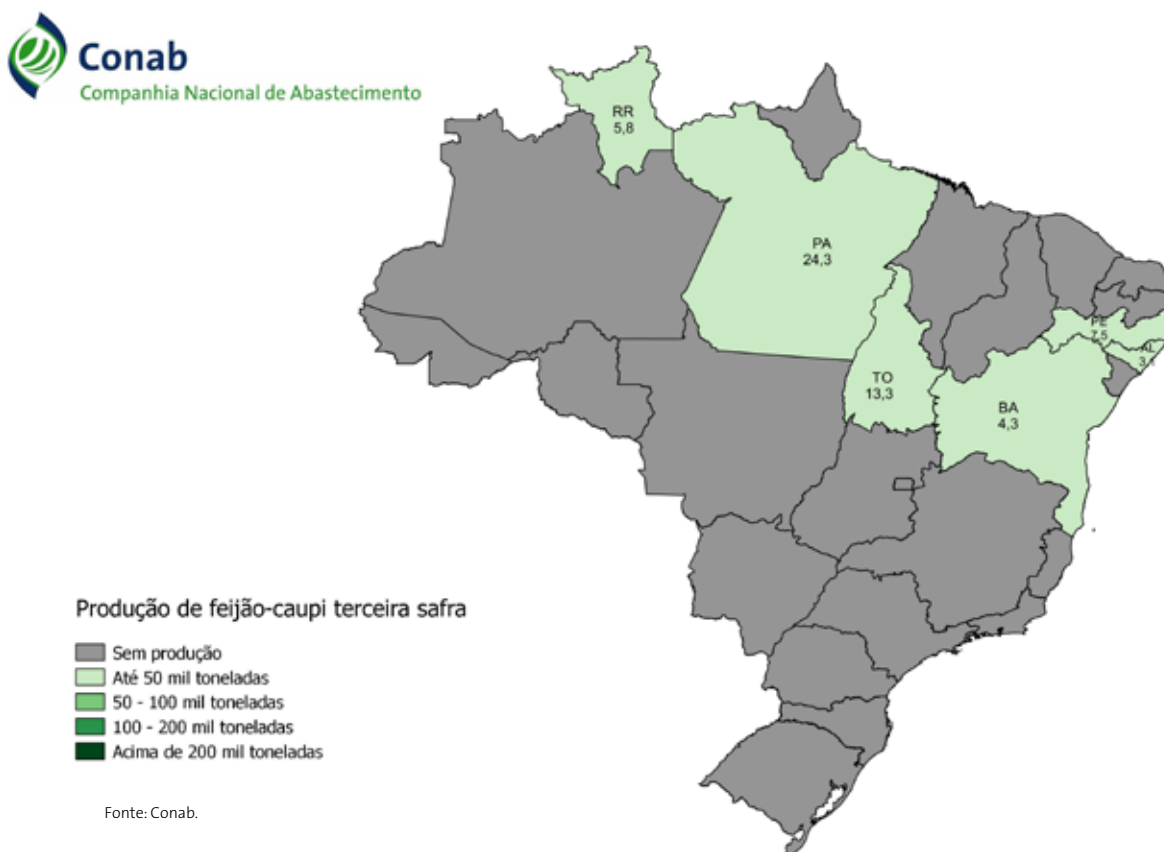


Figura 26 - Mapa da produção agrícola - Feijão-caupi terceira safra



6.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Figura 27 - Mapa da produção agrícola - Feijão total

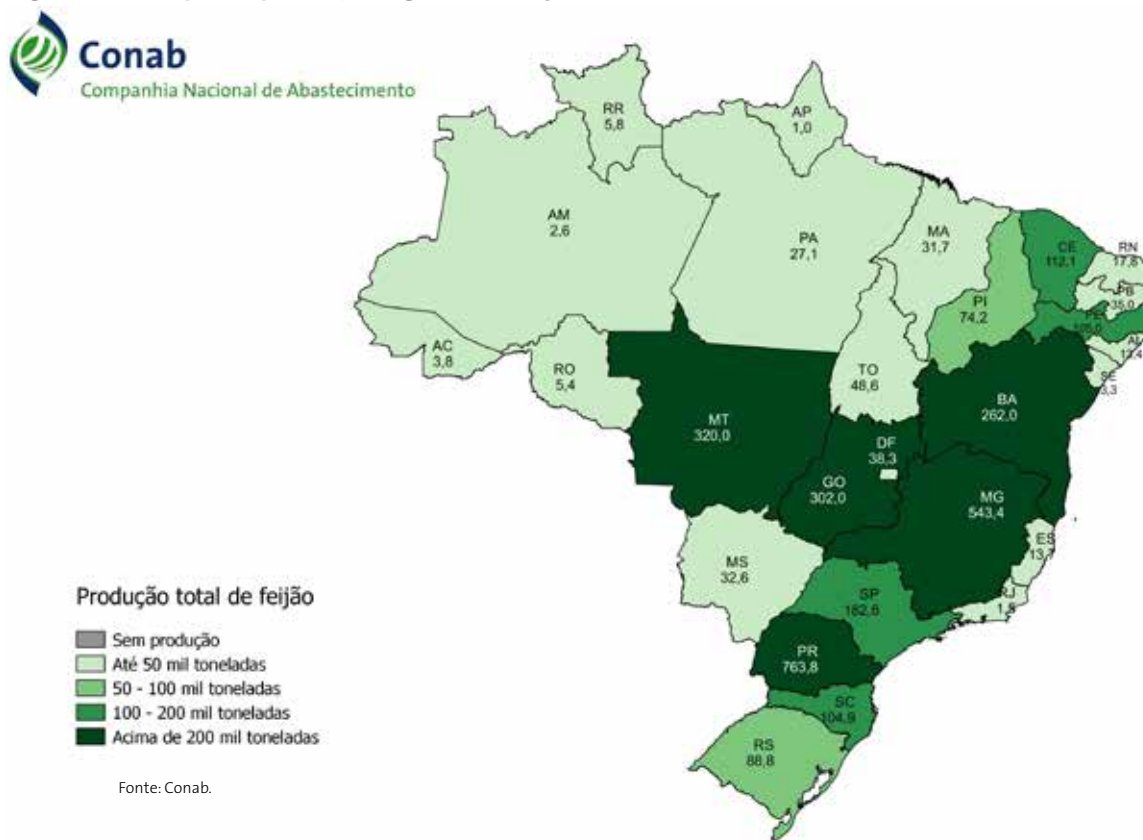


Figura 28 - Mapa da produção agrícola - Feijão-comum cores total

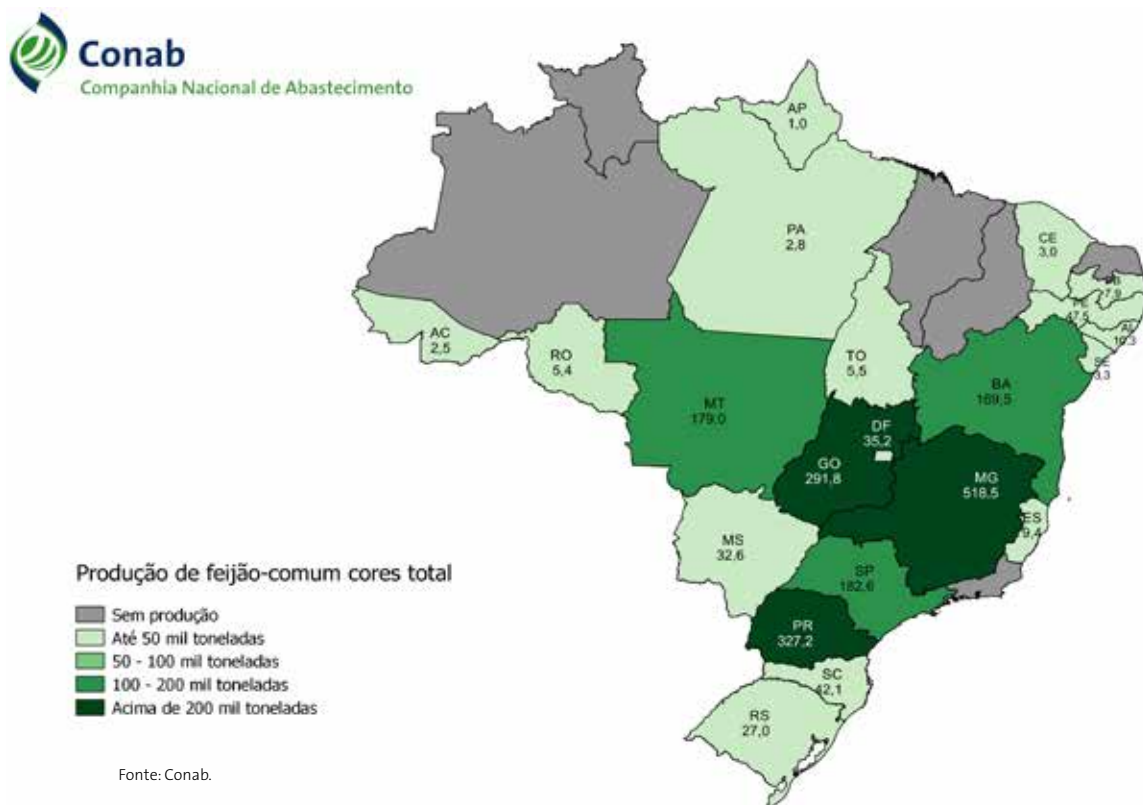


Figura 29 - Mapa da produção agrícola - Feijão-comum preto total

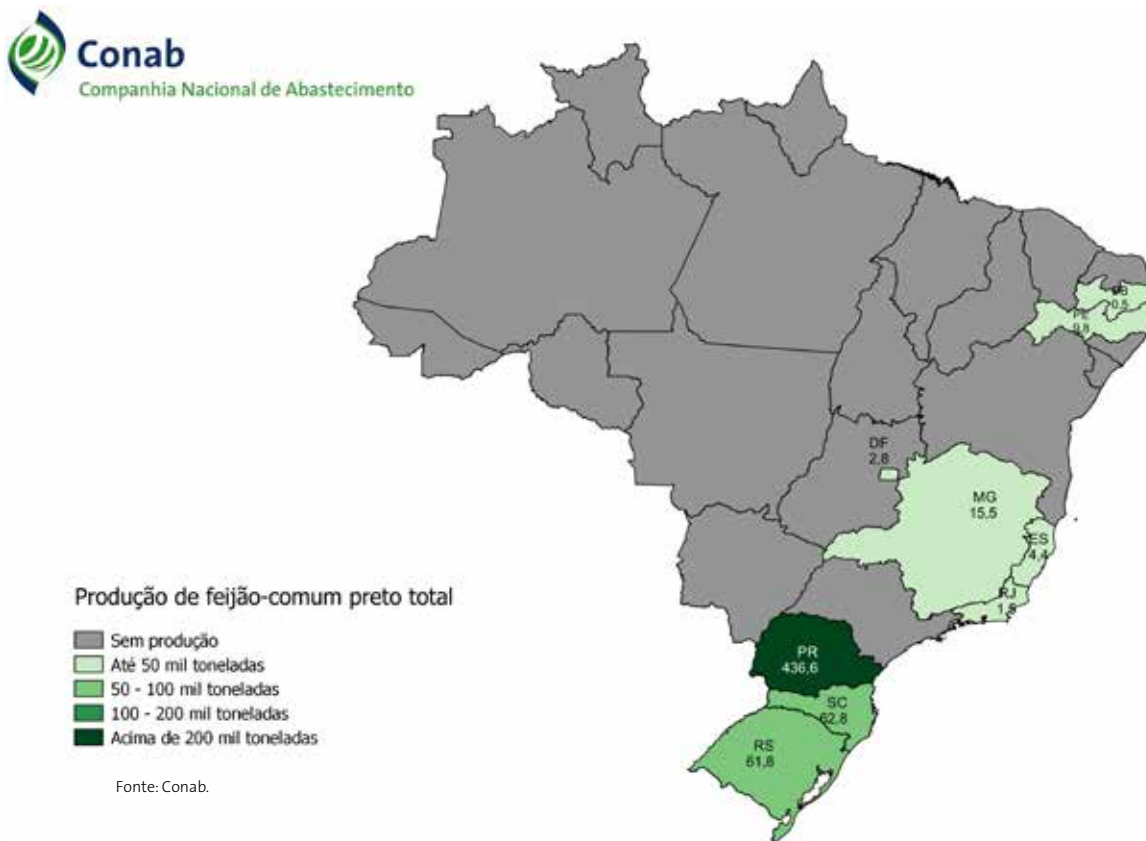
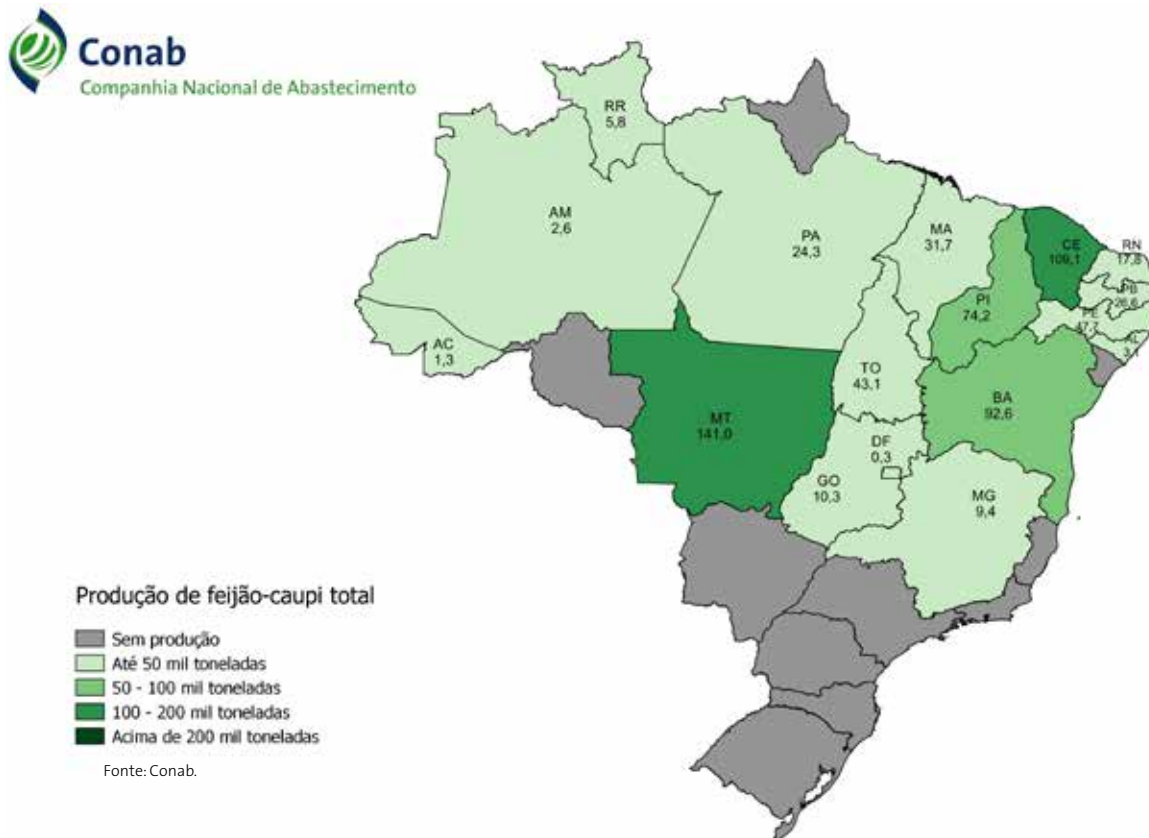


Figura 30 - Mapa da produção agrícola - Feijão-caupi total



6.1.5. GERGELIM

Este produto vem ganhando espaço na produção brasileira e no mercado internacional. A área do gergelim é estimada em 160,5 mil hectares e deverá apresentar uma redução de 202,8% em relação ao efetivado na temporada anterior.

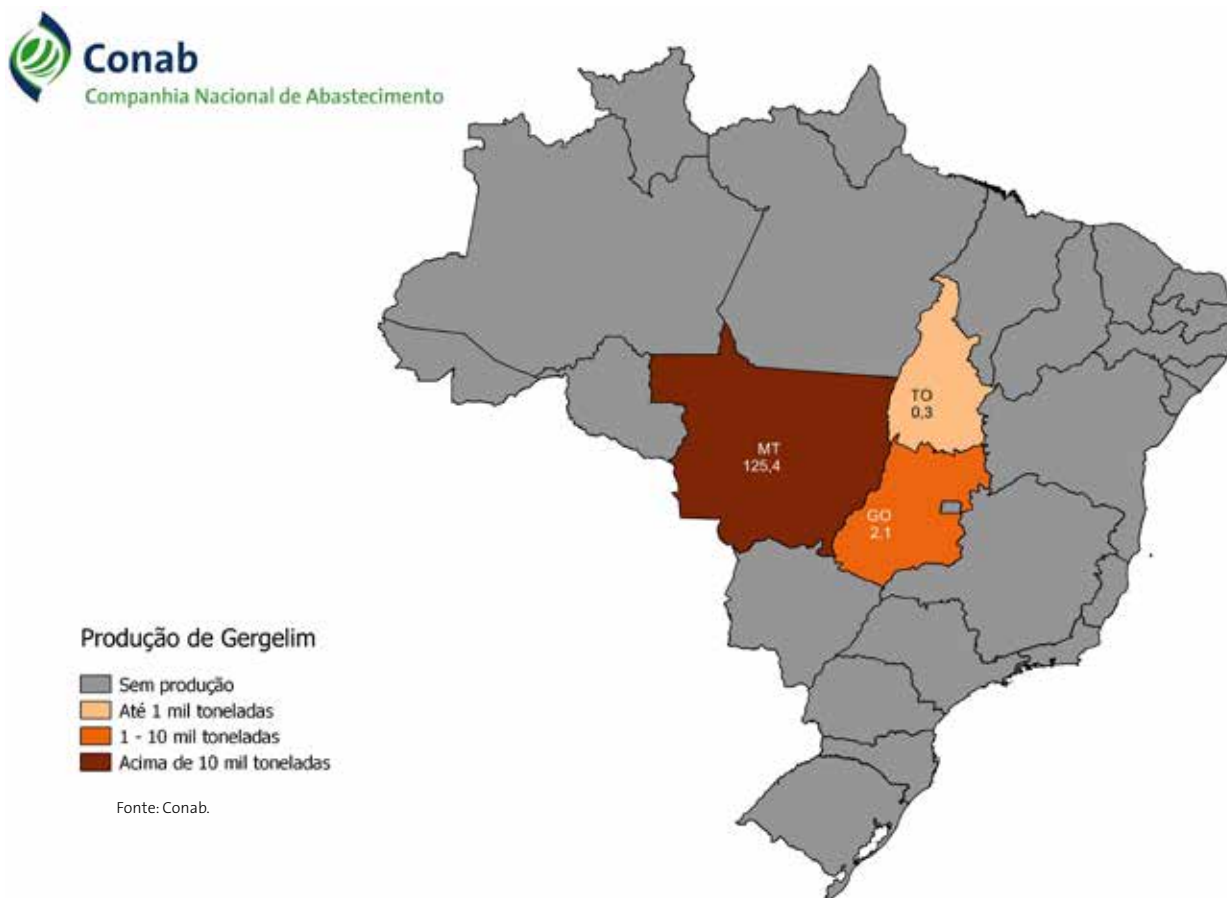
Em Mato Grosso, o gergelim é considerado uma cultura que apresenta crescimento exponencial devido aos seus baixos custos de produção e a sua rentabilidade. Enquanto seus custos de produção está em R\$ 700 por hectares, aproximadamente, seus preços de mercado são atrativos e se situam entre R\$ 2,50 e R\$ 3,00 o quilo, normalmente firmados previamente com empresas compradoras. Além disso, a cultura apresenta excelente adaptação ao clima de Mato Grosso, na segunda safra, apresentando resistência à estiagem. Em seu início, a cultura se restringiu apenas ao Vale do Araguaia, mais precisamente ao município de Canarana e, devido ao excelente desempenho e adaptação,

a cultura se expandiu para outras regiões, em âmbito estadual.

A projeção de plantio é de 157 mil hectares, para 2019/20, ao passo que, na safra passada, 53 mil hectares foram alocados à cultura, tendo assim, um crescimento de 196,2% na sua área. Seu plantio deverá ocorrer em março.

Em Tocantins, é visto como uma opção de semeadura após a soja, principalmente nas regiões onde é arriscado o plantio do milho devido a restrições hídricas, a partir de abril. O gergelim apresenta ampla adaptabilidade às condições de solo e clima quente, tem bom nível de tolerância à seca e facilidade de cultivo, características que o transforma em excelente opção de diversificação agrícola. Nesta safra mais de 500 hectares serão semeados com o cereal a partir de março.

Figura 31 - Mapa da produção agrícola - Gergelim



6.1.6. GIRASSOL

A Região Centro-Oeste é a principal produtora de girassol. Além da extração do óleo, é comum sua utilização na alimentação animal e humana.

Em Mato Grosso, o girassol apresenta tendência de queda de área para esta safra, tendo perdido espaço para a cultura do milho de segunda safra, principalmente, cujos preços e facilidade de comercialização são bastante atrativos ao produtor, além de outras culturas mais rentáveis de segunda safra, como o algodão e o gergelim, que ganham espaço.

A expectativa é que a área reduza 6,6%, de 38 mil para 35,5 mil hectares. Neste contexto, já se sabe que importante player atuante no segmento não participará da safra 2020.

O espaço alocado à cultura perde espaço ano após ano, devido à concorrência com outras culturas de segunda safra.

O plantio já teve início em Mato Grosso, com cerca de 50% finalizado até o fechamento de fevereiro e a metade restante dos trabalhos deve se concentrar no mês de março.

Em Goiás, algumas áreas ainda estão sendo colhidas, com rendimentos acima de 30 scs/ha. As temperaturas amenas foram favoráveis na fase reprodutiva das lavouras.

Na reta final de colheita foram registrados em algumas áreas rendimentos superiores ao esperado, 40 scs/ha (2.400 kg/ha). Inicialmente eram esperados 1.800 kg/há, em média no estado.

A maior parte do girassol plantado em Goiás é decorrente de contratos firmados com uma indústria processadora de óleo de girassol no estado.

Foram cultivados 20,7 mil hectares. A expectativa de rendimento é apontada em torno de 1.578 Kg/ha com colheita prevista para junho e começo de julho. Algumas áreas da região leste do estado, que estão na fase de maturação, 70% serão colhidas em julho.

O plantio é com a venda garantida por meio de contrato. Com 50% de custeio feito por revendas de insumos e 50% com recursos próprios.

As variedades mais cultivadas em Goiás se resumem basicamente em duas cultivares, híbrido Sany 66 (40%) e híbrido Altis 99 (60%), todas convencionais, ou seja, não transgênicas, e variedades de ciclo precoce, cerca de 50-58 dias para florescimento e 110-125 dias para ponto de colheita. Essas sementes vêm da Bolívia e/ou Argentina.

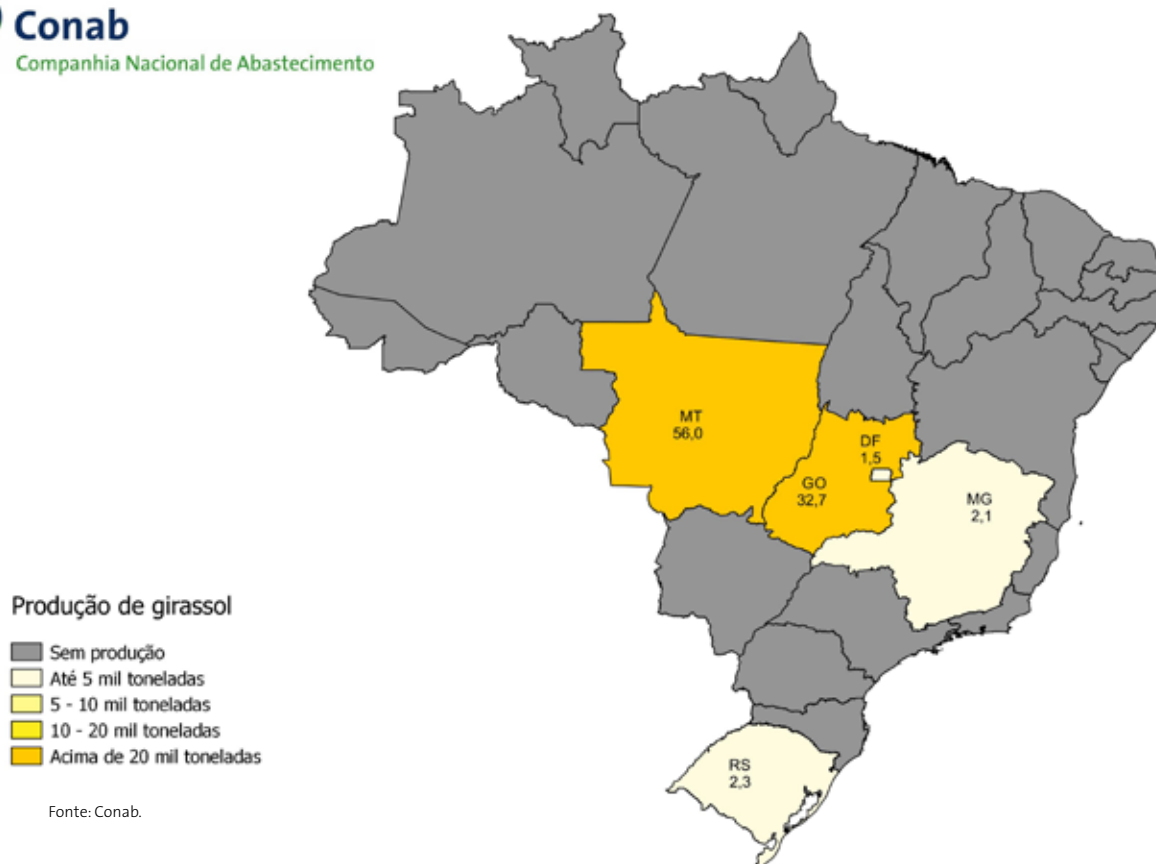
Previsão de início de plantio para o mês de março, com poucas áreas cultivadas no mês de fevereiro. Segundo informações dos técnicos da Caramuru, para esta temporada deveria ser cultivada cerca de 23.000 hectares de girassol em Goiás. A expectativa de rendimento é apontada em torno de 1.800 kg/ha e os produtores já tem uma produção de 1.500kg/ha com a compra garantida pela indústria com preços fixos de até R\$ 74,00/sc. O rendimento médio obtido na temporada passada ficou estimado em 32 sc/ha (1.920 kg/ha).

O plantio sempre realizado no sistema de plantio direto. Este ano o plantio deve ocorrer no mês de março devido ao atraso no plantio e colheita da soja. A colheita é feita 95% em junho e 5% julho. Época de fechamento de contrato com os produtores, que já faz o plantio com a venda garantida. Custeio geralmente feito por revendas de insumos (50%) e recursos próprios (50%). O custeio geralmente gira em torno de R\$ 1.200,00/ha. As variedades mais cultivadas no estado de Goiás se resume basicamente em duas cultivares, híbrido Sany 66 (40%) e híbrido Altis 99 (60%), Todas convencionais, ou seja, não transgênica, e variedades de ciclo precoce, cerca de 50-58 dias para florescimento e 110-125 dias para ponto de colheita.

Na região do sul do Estado existe uma previsão de plantio de 1.200 hectares em Rio Verde durante o mês de março. Esta previsão representa um aumento de 40% na área prevista em avaliação anterior.



Figura 32 - Mapa da produção agrícola - Girassol



6.1.7. MAMONA

A estimativa para a safra 2019/20 é de retração na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 46,3 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivalem à diminuição de 0,6% na área.

O Nordeste é a principal região produtora, com destaque para a Bahia.

Estima-se retração de área para o Nordeste em 0,7%, e a produção é de cerca de 27,7 mil toneladas.

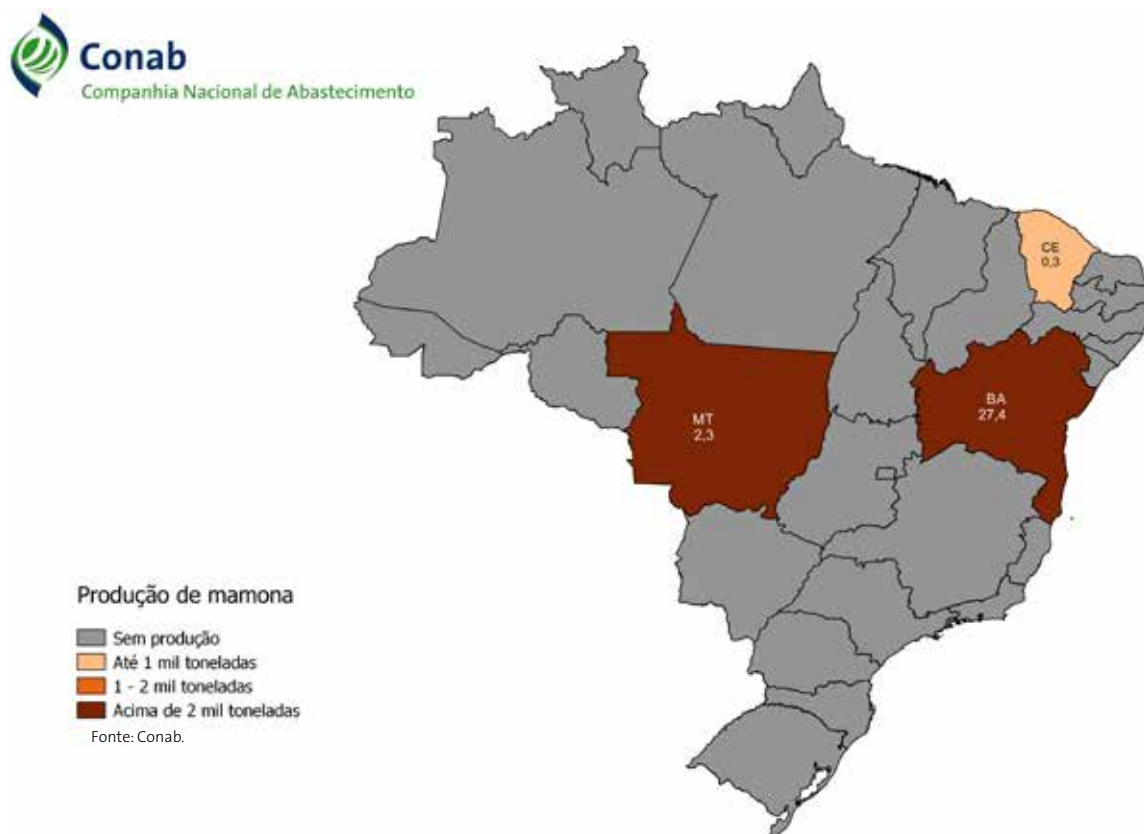
Na Bahia estima-se o cultivo de 42,9 mil hectares. As

lavouras semeadas no início da safra apresentam-se em fase de desenvolvimento vegetativo, e as oriundas por meio da rebrota estão em fase de maturação dos frutos.

Em Mato Grosso, a cultura representa excelente alternativa de segunda safra para o estado, com boa rentabilidade e benefícios agrônômicos. No entanto, sua difusão ainda é inicial entre os produtores, e sua área se restringe a apenas 2,5 mil hectares no estado, para 2019/20. Seu plantio ocorrerá em março.



Figura 33 - Mapa da produção agrícola - Mamona



6.1.8. MILHO

6.1.8.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

A primeira safra de milho apresenta pouca representatividade na oferta total brasileira, uma vez que o cereal tem a difícil tarefa de competir com a soja, que detém, pelo menos, até o momento, a preferência dos produtores brasileiros. Independentemente desse fato, existem regiões que estão se especializando no plantio neste período, visando particularmente as exportações, em virtude do bom momento das cotações, especialmente para as regiões localizadas próximas aos portos, as zonas de confinamento bovino, que no momento experimentam excelente condição mercadológica, a intensificação no uso do cereal para produção do etanol e a tradicional demanda nordestina, verdadeiros nichos internos, que passaram a receber a atenção dos produtores do cereal, estimulando-os a aumentarem a área plantada para o período de verão.

Na Região Norte-Nordeste, a expectativa de plantio é que haja um incremento de 12,5% em relação ao ano passado, ocupando uma área de 1.062,1 mil hectares.

Em Tocantins, a cultura se encontra na fase de desenvolvimento vegetativo e início da fase reprodutiva, já com formação das espigas em algumas áreas que foram semeadas em dezembro. As lavouras apresentam

excelentes condições de desenvolvimento, com uma perspectiva de ótimas produtividades, pois foram favorecidas com os bons índices pluviométricos em janeiro e fevereiro. O acréscimo de área veio em consequência do atraso do plantio da soja, onde algumas grandes áreas que seriam destinadas à leguminosa foram plantadas com o cereal, além do preço atrativo de mercado, que favoreceu tal tomada de decisão.

No Maranhão, o milho primeira safra teve a finalização de plantio em fevereiro, estando principalmente nas fases de desenvolvimento vegetativo e apendoamento. A área plantada apresentou um acréscimo de 24,2% em relação à safra anterior, passando de 218,6 mil hectares para 271,5 mil hectares. Uma das razões desse incremento, além da janela de plantio favorável, foi a migração de área de soja para milho verão ocorrida na região sul. O rendimento médio estimado está em torno de 4.585 kg/ha. Os agricultores familiares, em todas as regiões do estado, contaram com sementes de variedades distribuídas pelo governo, além de sementes compradas, sementes guardadas de uma safra para outra e pequena parcela de sementes crioulas. O cultivo praticado por esse público geralmente ocorre em consórcio com outras culturas,



com baixa produtividade, devido ao reduzido uso de tecnologia, que tem a produção voltada basicamente para subsistência, no uso para ração e na venda do milho verde.

No Piauí, esperava-se uma pequena redução na área de milho primeira safra com relação à safra anterior. No entanto, com as adversidades climáticas que acometeram o estado no início do período de plantio, parte das áreas de soja migraram para milho. Dessa forma, a área da safra atual atingiu 429,1 mil hectares, representando aumento de 14,8% com relação à safra passada. Esse aumento justifica-se por dois fatores: como houve uma necessidade de replantio em áreas de soja que, com a falta de chuva no período correto, a janela de plantio ficou bem encurtada, o que ocasionou a opção desse replantio com milho; o preço de mercado do cereal apresenta atrativo ao produtor, e a perspectiva ao longo da temporada, de preços bons, devido à grande demanda, tanto no mercado interno (proteína animal e combustível) quanto no mercado externo. A produtividade média esperada para a cultura no estado gira em torno de 3.650 kg/ha, que leva em consideração as boas condições climáticas apresentadas até o momento, tanto para a agricultura familiar como para a empresarial. O plantio do milho iniciou em dezembro, na região sudoeste piauiense. Já na região do semiárido piauiense, centro-norte e norte do estado teve início na primeira quinzena de janeiro. As últimas áreas foram plantadas na primeira quinzena de fevereiro na região norte do estado. Atualmente 100% da cultura se encontra implantada. Houve atraso no plantio na região do sudoeste piauiense, ocasionado pela falta de regularidade nas chuvas. O período de colheita está previsto para iniciar no final de abril. Atualmente as lavouras de milho da primeira safra se encontra com 98% em boas condições e 2% em condições regulares. Quanto às fases da cultura: 67% em desenvolvimento vegetativo, 15% em floração, 10% em frutificação e 9% em maturação.

Na Bahia, as lavouras de milho cultivadas nesta safra ocupam a área de 361,5 mil hectares. O desenvolvimento das lavouras desse cereal segue em estágios diferentes, desde o desenvolvimento vegetativo até a maturação dos grãos devido à irregularidade da distribuição das chuvas. Quanto à umidade do solo, no centro-sul e centro-norte do estado, há preocupação devido à expectativa de poucas chuvas em março, podendo reduzir a umidade do solo e conseqüentemente, acarretando perdas de produtividade. No centro-sul há relatos do ataque de lagartas, que podem causar perdas de até 10% em cerca de 20% da área cultivada nesta região. No extremo-oeste as condições fitossanitárias estão controladas e não atingem perdas significativas.

Na Região Centro-Oeste ocorreu forte incremento do plantio, com a área cultivada apresentando percentuais de elevação de 4,1% em relação ao plantio anterior, cultivando nesta safra 359,2 mil hectares.

Em Mato Grosso, o milho primeira safra se restringe a áreas bastante pontuais, para atendimento a demandas específicas das propriedades rurais. A cultura registrou incremento de 15,5% em sua área, com aumento de 37,3 mil para 43,1 mil hectares, como reflexo das oportunidades de mercado, com preços elevados. É importante destacar que sua significância, em termos de área, é ainda irrisória em comparação à cultura da soja plantada no estado, que antecede o milho de segunda safra, cultivado em larga escala. As boas condições do clima nessa estação contribuiu para que a produtividade média estimada atinja 8.153 kg/ha, 16,2% superior à obtida no ciclo passado, devendo resultar numa produção de 351,4 mil toneladas, ante as 261,8 mil toneladas do ciclo passado.

Em Goiás, o milho primeira safra plantado na região sudoeste, encontra-se em fase de enchimento de grão e maturação. Segundo relatos, as condições climáticas têm contribuído para o desenvolvimento da cultura, sem maiores problemas em relação à fitossanidade das lavouras. Em Mineiros, por exemplo, estima-se que cerca de 70% da produção de milho primeira safra esteja comercializado em contratos fechados a preços atrativos ao produtor. Com o advento de usinas de etanol de milho em algumas regiões que abrangem principalmente o sul do estado, a demanda pelo produto se aquece, trazendo aos produtores boas perspectivas de preços.

Na Região Sudeste, nesta safra, estima-se forte redução da área plantada com a cultura, 5,6% em relação ao período anterior, situando-se nesta temporada em 1.050,2 mil hectares.

Em Minas Gerais, apesar da forte redução da área de plantio deste ano, espera-se uma boa colheita do grão. As lavouras de milho apresentam-se em fase de maturação e colheita. Embora algumas lavouras já estejam em condições de colheita, nesse período os produtores priorizam as lavouras de soja. Em virtude das boas condições do clima, espera-se aumento da produtividade média, atualmente estimada em 6.607 kg/ha. O maior problema para a safra verão de milho foi o atraso do plantio devido ao excesso de chuvas e redução da janela de plantio para a safrinha. Mesmo assim, há boas expectativas de produção.

Em São Paulo, o milho da primeira safra confirma as previsões realizadas nos levantamentos anteriores, de redução na área plantada. O produtor migrou para a soja em razão dos bons preços praticados pela le-



guminosa. Quanto à comercialização, as cooperativas estão destinando majoritariamente o milho plantado no estado, para o mercado interno devido à atividade econômica. O estado é deficitário na produção desse grão. O consumo interno (industrial, animal e o auto consumo) tem-se mantido acima do que é produzido, estimando-se a necessidade adicional de 4,5 mil toneladas, frequentemente importado de outros estados. Devido às boas condições do clima, é esperado forte incremento nos níveis de produtividade em relação à safra passada.

Na Região Sul, a cultura deverá experimentar incremento na área plantada, estimada crescer 2% em relação à safra passada, atingindo 1.476,1 mil hectares.

No Paraná, foi plantada 348,7 mil hectares, cerca de 2,8% menor que a área plantada da última safra. A cultura da soja continua sendo a maior competidora do milho na primeira safra por sua maior liquidez e bom histórico de lucratividade. Cerca de 40% da área já foi colhida, e a colheita deve se estender até abril. No momento, os produtores costumam dar preferência à colheita da soja. Conforme a colheita avança as estimativas de rendimento crescem. Neste mês espera-se uma produtividade média de 9.484 kg/ha, mas pode aumentar. O clima e as condições agrônomicas favoráveis possibilitaram picos de produtividade bem favoráveis, de acordo com a região, com destaque para Pato Branco com expectativas de produtividades de até 15.000 kg/ha. Tanto o produto colhido quanto as lavouras são consideradas boas.

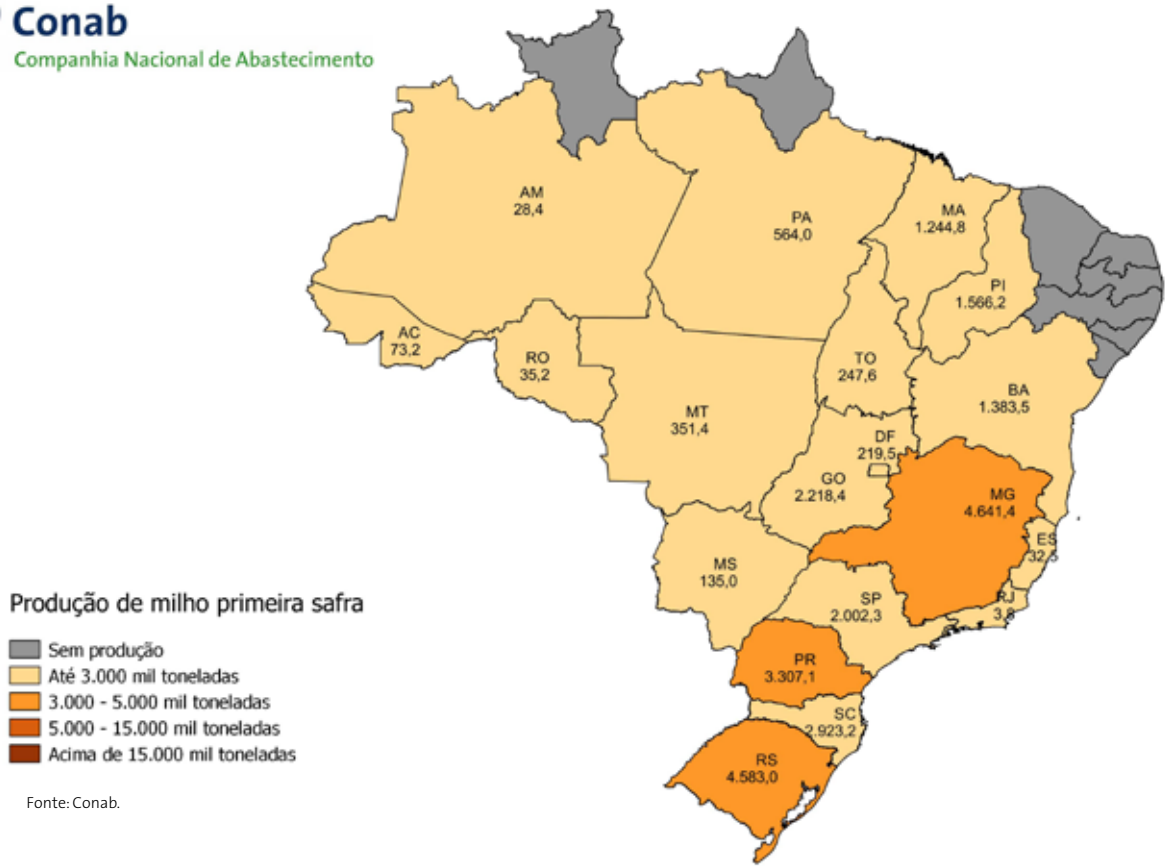
Em Santa Catarina, com exceção da região do Planalto Sul, o clima foi bastante favorável para o milho. A redução da produtividade na região, causada pela estiagem, deverá ser compensada pelo bom desempenho obtido nas demais, devendo manter a produção dentro da estimativa prevista, ou até mesmo superior ao projetado. No momento, com 49% colhido, o rendimento apresentado é maior em 1%, comparado com a safra anterior. As lavouras estão com 7% em granação e 44% em maturação. Nesses estádios, as lavouras não deverão apresentar redução de produtividade, já que os fatores responsáveis pela produtividade já es-

tão consolidados. Quanto às condições sanitárias das lavouras, não foram relatados problemas com pragas e doenças durante o ciclo da cultura. A qualidade do produto final se encontra dentro da normalidade para todas regiões. Com a aplicação do pacote tecnológico em sua totalidade, as expectativas de rendimento são boas naquelas áreas onde o clima foi mais favorável, com chuvas adequadas e boa insolação.

No Rio Grande do Sul, fevereiro apresentou-se muito seco, com precipitações bem abaixo do esperado para o período em praticamente todo o estado. Isso favoreceu a perda de umidade das lavouras maduras e a colheita. Porém, para as demais lavouras as condições foram muito ruins, já que desde dezembro tem ocorrido falta de chuvas. A colheita do milho avançou em fevereiro, chegando a 47% da área total. O restante das lavouras se encontra com 21% em maturação, enchimento de grãos 16%, floração 7% e desenvolvimento vegetativo 9%. Neste levantamento foram confirmadas as perdas já apontadas, que poderiam se acentuar em algumas regiões, caso não houvessem precipitações significativas. De maneira geral, as chuvas de fevereiro não foram suficientes para recuperar aquelas lavouras que ainda tinham potencial produtivo. Com isso, os maiores índices de redução foram verificados no Planalto Médio e Depressão Central, regiões que produzem acima da média estadual, e no Sul, sendo as perdas estimadas em média de 30%. Já nas regiões do Alto Uruguai e Missões, o panorama é um pouco mais otimista, embora também se contabilizam perdas. Por terem uma janela de plantio antecipada quando comparada às demais regiões, e por terem sido favorecidas com chuvas mais regulares e abrangentes, o índice de perdas foi atenuado. As regiões de Santa Rosa, São Luiz Gonzaga e São Borja apresentam perdas de até 10%. As temperaturas altas e a baixa umidade afetaram até o desempenho das lavouras irrigadas, que também registaram perdas de produtividade. Portanto, a produtividade média estadual foi ajustada para 5.791 kg/ha, com redução de 24,3% em relação à safra anterior, totalizando uma produção de 4.583 mil toneladas, a menor produção desde a safra 2012/13.



Figura 34 - Mapa da produção agrícola - Milho primeira safra



Produção de milho primeira safra

- Sem produção
- Até 3.000 mil toneladas
- 3.000 - 5.000 mil toneladas
- 5.000 - 15.000 mil toneladas
- Acima de 15.000 mil toneladas

Fonte: Conab.



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MA	Oeste Maranhense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Maranhense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PI	Norte Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Piauiense				P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudeste Piauiense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
CE	Noroeste Cearense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Cearense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertões Cearenses				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Jaguaribe				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste Potiguar			PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Agreste Potiguar			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PB	Sertão Paraibano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Paraibano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PE	Sertão Pernambucano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Vale São-Franciscano da Bahia			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Norte Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Sul Baiano			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MT	Sudeste Mato-grossense			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
GO	Centro Goiano			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Leste Goiano			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Goiano			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
DF	Distrito Federal			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Noroeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Belo Horizonte			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MG	Oeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Zona da Mata			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	São José do Rio Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Ribeirão Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SP	Bauru			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Campinas			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Itapetininga			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Ocidental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PR	Norte Central Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C				
	Serrana		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí		P/G	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C			
Sudeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Alta Restrição - Falta de Chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



6.1.8.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Com relação ao milho segunda safra, a partir desse sexto levantamento, a Conab, com exceção dos estados que compõem o Matopiba, abandona a metodologia estatística para cálculos de produtividade e, no caso da área plantada, repete os números do plantio observado no exercício anterior. No caso de Matopiba, em virtude do atraso observado no plantio da soja e as suas repercussões, existem entre os produtores fortes dúvidas com relação à magnitude da área a ser plantada com o cereal e, por essa razão, o uso da metodologia foi estendida até o próximo levantamento. A partir da próxima pesquisa serão divulgadas as intenções vindas do campo, referentes ao plantio de milho segunda safra, para todas as regiões produtoras. Nesta edição continuaremos dando uma visão inicial sobre as expectativas dos produtores, em algumas praças selecionadas.

No Piauí, para o milho plantado na segunda safra, a expectativa é de forte redução na área com relação à safra anterior, cerca de 20,3% em relação ao exercício anterior. Essa expectativa se baseia no incremento que ocorreu na safra 2018/19 em relação à safra 2017/18, quando o aumento de área ficou em 23,1%, expansão incentivada pelas condições climáticas favoráveis. Dessa forma, se vislumbra uma adequação à área cultivada na safra 2017/18, tendo em vista que na safra atual as condições climáticas no cerrado piauiense não estão favorecendo o planejamento para o cultivo da segunda safra. O plantio da cultura teve início no final de fevereiro, uma vez que apenas 5% da área prevista encontra-se plantada.

Em Tocantins, o plantio que começou lento devido ao atraso na colheita da soja por conta de chuvas frequentes, teve seu andamento acelerado principalmente a partir da segunda quinzena de fevereiro, quando as chuvas deram trégua em algumas regiões. Até a semana do levantamento a projeção é que 45% da área estimada para a safrinha estava semeada. A perspectiva é que grande parte das áreas foram semeadas dentro da janela ideal, que, de forma geral, vai até o final de fevereiro.

Figura 35 - Lavoura de milho segunda safra em Darcinópolis – TO



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso, as condições de mercado impulsionaram a área semeada em âmbito estadual, com salto na ordem de 9%, saindo de 4.869,1 mil hectares, plantados em 2018/19, para 5.307,3 mil hectares, na atual. Fatores como preços elevados, inclusive no mercado futuro, câmbio depreciado, demanda firme tanto interna quanto externamente, ampliação e facilitação cada vez maior de sua comercialização, bem como possibilidade de semeadura dentro da janela, incentivam a sua ampliação. Os preços atraentes têm encorajado maiores investimentos na cultura, com melhores pacotes tecnológicos empregados, o que, em conjunto com o plantio dentro da janela, devem impulsionar o resultado da safra. Projeta-se rendimento médio de 6.342 kg/ha, que, em conjunto com a área recorde, devem resultar em produção de 33.658,9 mil toneladas. Estima-se que 92,1% da safra de milho já tenha sido semeada até o fechamento de fevereiro.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área plantada é de 1.840 mil hectares e o pacote tecnológico adotado pelos produtores, além das boas condições do clima, sugerem boas produtividades. Vários fatores atuam para a definição da área de milho, tais como: o deslocamento da época ideal do plantio da soja, o preço futuro do cereal no momento do plantio e a umidade do solo após a colheita da leguminosa. A semeadura do milho segue acompanhando o ritmo da colheita da soja, atingindo 35% da área estimada para o atual ciclo (primeira semana de março). As precipitações estão abaixo do ideal para a implantação e desenvolvimento das lavouras na maioria dos municípios, porque as chuvas ocorridas no final de fevereiro apresentaram um volume e distribuição muito variados. Durante o mês houve alguns atrasos devido ao excesso de umidade dos solos. O plantio ocorrerá em março desde que haja umidade adequada, com parte das lavouras plantadas fora do período recomendado pelo zoneamento de risco climático. Com os preços atuais, a rentabilidade esperada com o cereal tem compensado o risco de uma lavoura não segurada.

Em Goiás, o plantio do milho segunda safra na região sudoeste avança na medida em que a soja é colhida. A demora no início do período chuvoso e o consequente atraso na colheita da soja preocupa o produtor, uma vez que a janela ideal para o plantio se encerra ao final de fevereiro. Mesmo assim, acredita-se que boa parte da safra será realizada em março, fora da janela ideal. Ocorreram relatos isolados de devolução de sementes de milho em cooperativas e aquecimento da demanda por sementes de sorgo para o plantio, em substituição ao milho. Por outro lado, com os preços do milho elevados e o bom regime de chuvas, com previsão de extrapolar março, é possível que não ocorra redução na área plantada, podendo



haver elevação na área plantada. Ainda na região sul, tem ocorrido por parte de algumas empresas compradoras de milho, o estímulo ao plantio do milho convencional, sendo oferecidos preços mais elevados pelo produto, em relação ao transgênico. Em alguns dos municípios visitados estima-se que até 20% das áreas devem ser cultivadas com sementes convencionais. Segundo relatos, este milho é destinado sobretudo à exportação. As lavouras já implantadas se encontram em fase de emergência e desenvolvimento vegetativo. Até o momento o regime pluviométrico tem favorecido bastante o desenvolvimento do cultivo, sem registros de maiores ataques de pragas e doenças. Alguns informantes relataram certa desuniformidade no plantio do milho devido ao alto teor de umidade no solo, porém ainda não é possível estimar se ocorrerá algum reflexo na produtividade esperada. Na região leste, a programação inicial é que as áreas destinadas à segunda safra de milho, permanecerão próximo daquilo que ocorreu na safra anterior. Como a colheita do feijão está avançando lentamente, as lavouras de milho segunda safra começam a ser implantadas, sendo a previsão para a região leste, de que cerca de 20% da área tenha sido plantada em janeiro e 80% em fevereiro. Devido ao regime de chuvas e, conseqüente, atraso na colheita do feijão, ocorreu uma maior concentração do plantio em fevereiro, estendendo-se até março. Praticamente toda a área que foi destinada ao feijão primeira safra e cerca de 30% das áreas de soja se tornarão lavouras de milho segunda safra.

Em Tocantins, o plantio que começou lento devido ao atraso na colheita da soja, por conta das chuvas, teve

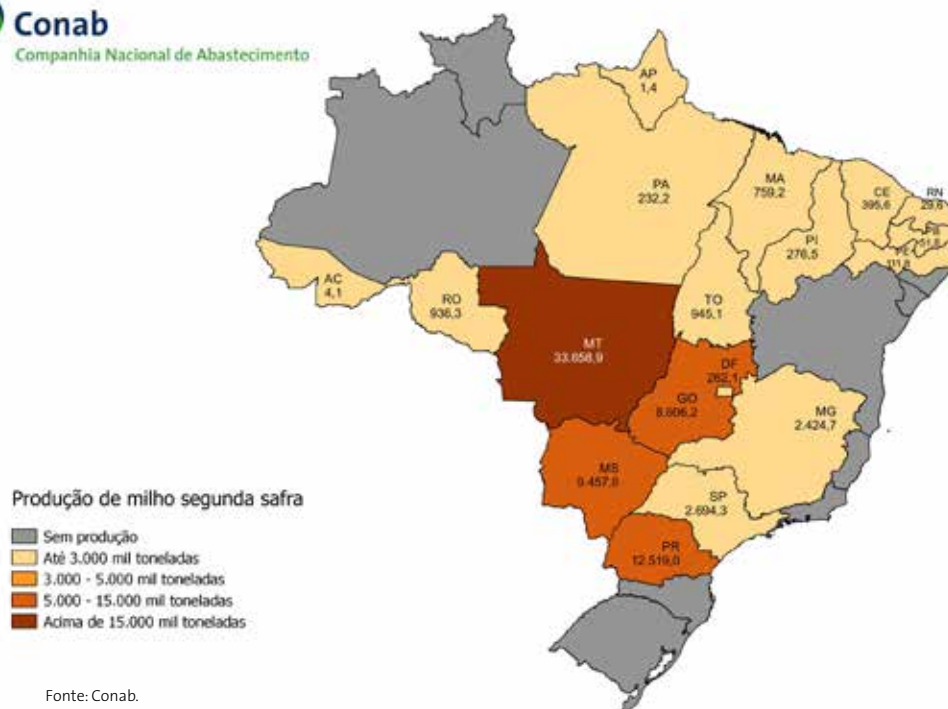
seu andamento acelerado principalmente a partir da segunda quinzena de fevereiro, quando as condições climáticas deram trégua em algumas regiões. Até a semana do levantamento a projeção era que 45% da área estimada para a safrinha estava semeada. A perspectiva é que grande parte das áreas sejam semeadas no período climático recomendado.

Em Minas Gerais, as lavouras de milho safrinha vem sendo semeadas concomitantemente com a colheita das lavouras de soja. Estima-se que a área de plantio seja 7,2% inferior em relação à safra 2018/19. Espera-se que 30% do milho safrinha esteja semeado, em fase de germinação e emergência.

No Paraná, a área prevista para plantio do milho segunda safra é de 2.164,8 mil hectares, 3,7% inferior à safra passada. Se por um lado os altos preços atuais pagos ao produtor pelo milho incentivam o plantio, por outro lado, a época ideal de plantio de acordo como zoneamento agroclimático está se esgotando. Em muitos municípios a época permitida pelo zoneamento encerrou no segundo decêndio de fevereiro. Nesta situação, o produtor não é estimulado a plantar, pois a safra não é coberta por seguro agrícola, e o risco é todo seu, em caso de ocorrência de sinistro. Não houve prorrogação do zoneamento como aconteceu em 2018. Boa parte das áreas não semeadas com milho deverão ser plantadas com trigo, haja vista os bons preços pagos pelo cereal com respaldo no aumento do preço mínimo. Até o momento, cerca de 60% da área inicialmente prevista já está implantada, e as condições das lavouras são excelentes.



Figura 36 - Mapa da produção agrícola - Milho segunda safra



Fonte: Conab.

Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	Mês									
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
RO	Leste Rondoniense - RO	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
TO	Oriental do Tocantins - TO		P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C	
MA	Sul Maranhense - MA		P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C	
PI	Sudeste Piauiense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Centro-Sul Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Oeste Potiguar		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Potiguar			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PB	Sertão Paraibano		PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Paraibano			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PE	Sertão Pernambucano		PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
MT	Norte Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
	Nordeste Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
	Sudeste Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
GO	Leste Goiano - GO		P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - GO	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
MG	Noroeste de Minas - MG		P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
SP	Assis - SP	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
	Itapetininga - SP	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
PR	Noroeste Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
	Centro Ocidental Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
	Norte Central Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
	Oeste Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



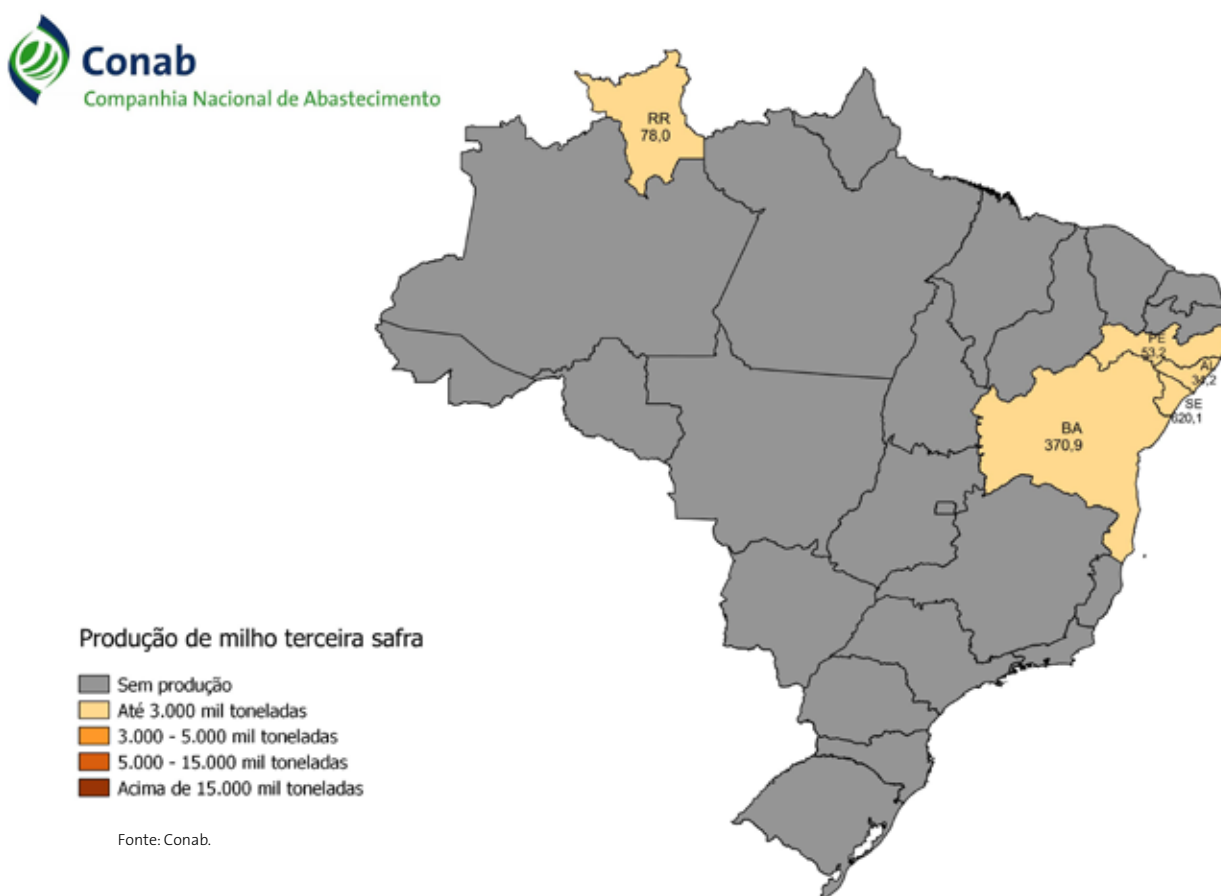
6.1.8.3. MILHO TERCEIRA SAFRA

A Conab constatou o surgimento no país de uma oferta de milho, com tendência a ter rápido crescimento e representatividade. O plantio se concentra no período que se estende de maio a junho, assemelhado ao que acontece com as lavouras plantadas no Hemisfério Norte. Estima-se, na medida em que as lavouras de soja forem se consolidando nessas regiões e, considerando que o milho aparece como a cultura ideal para a necessária rotação de plantio, o crescente aparecimento dessa oferta contribui para a regularização do abastecimento interno e também na geração de excedentes exportáveis. Estamos nos referindo às

produções localizadas nas regiões de Sealba (Sergipe, Alagoas, nordeste da Bahia), Roraima e Amapá. As estimativas iniciais dão conta de uma área plantada em torno de 511 mil hectares, que, a depender das condições climáticas, poderão atingir 1.156,5 mil toneladas.

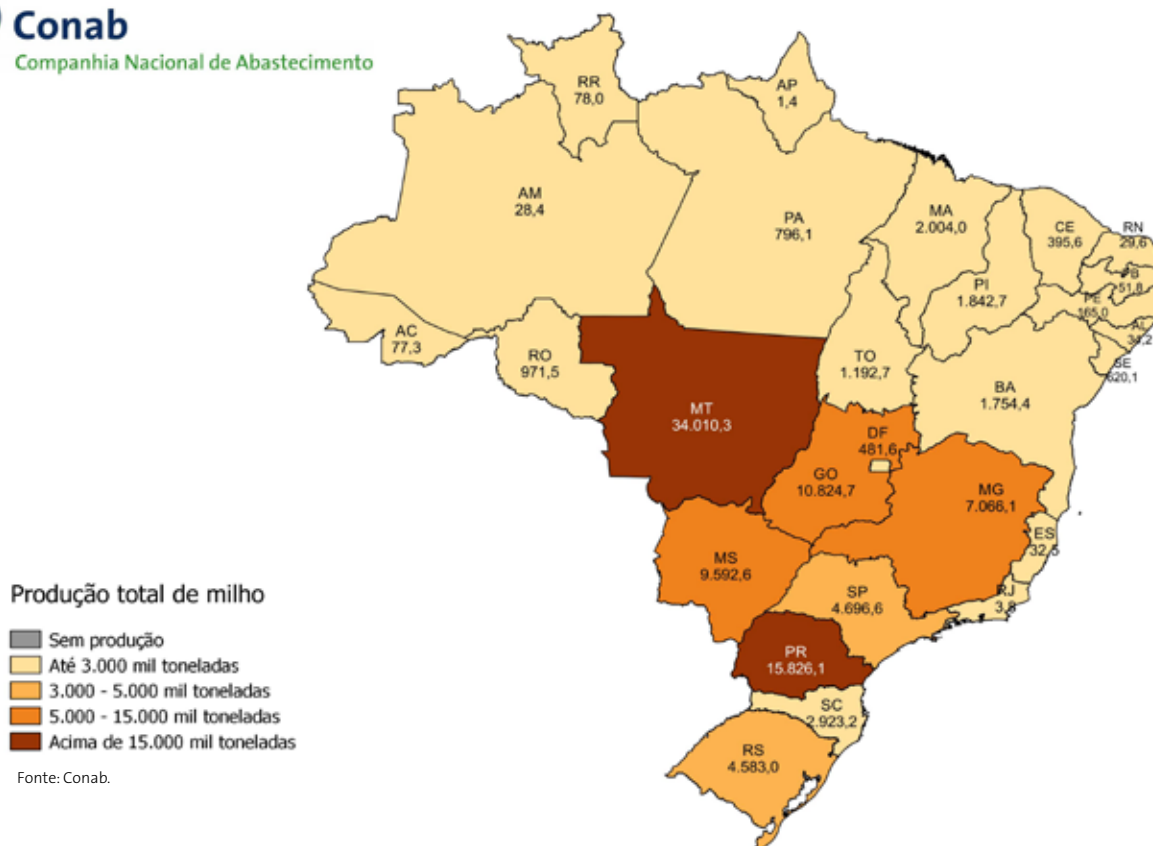
Dessa forma, a estimativa nacional de plantio do milho, considerando a primeira, segunda e terceira safras, na temporada 2019/20, deverá apresentar uma área plantada totalizando 17.894,2 mil hectares, contra 17.492,9 mil hectares, acréscimo de 2,3% sobre o ocorrido na safra passada.

Figura 37 - Mapa da produção agrícola - Milho terceira safra



5.1.8.4. MILHO TOTAL

Figura 38- Mapa da produção agrícola - Milho total



Fonte: Conab.

6.1.9. SOJA

No exercício 2019/20 estima-se crescimento na área plantada de 2,6%, comparando com a safra passada, saindo de 35,874,0 mil hectares para 36,820,8 mil na atual. Esse comportamento é respaldado pela forte liquidez

apresentada pelo produto, comportamento do câmbio, aos embates entre Estados Unidos e China e à epidemia do coronavírus, com suas possíveis repercussões nas cotações futuras da oleaginosa.

6.1.9.1. REGIÃO NORTE-NORDESTE

Chuvvas em atraso e de forma irregular caracterizaram o início dessa safra. Atualmente a regularidade das precipitações, possibilitou de forma ampla o bom suprimento de água na maior parte dos campos de produção. Durante os meses de setembro a dezembro a ocorrência de precipitações isoladas e de baixa intensidade, prejudicaram o pleno avanço do plantio da soja, comprometendo em alguns casos, até mesmo as plantas já germinadas, havendo em algumas situações, a necessidade de replantio. A partir de janeiro pôde-se constatar a volta das chuvas de uma forma generalizada e uma melhora significativa nas lavouras, visualizando a possibilidade de uma boa safra para o exercício 2019/20. As previsões dos diversos organismos que tratam do clima, indica a probabilidade de chuvas acima da faixa normal sobre a região

nordeste, aumentando a crença entre os produtores de que o armazenamento hídrico do solo, possibilitará entrarem com o milho safrinha na sequência da colheita da soja, já que existe indicações de que essas precipitações persistirão até maio, suficiente para o bom desenvolvimento da cultura.

Na Bahia, as lavouras de soja deverão ocupar a área de 1,6 milhão de hectares. As lavouras de sequeiro de ciclo precoce e plantadas no final de outubro tiveram a colheita iniciada atingindo 4% da sua área total, apresentando ótima produtividade, com médias em torno de 3.450 kg/ha. As demais lavouras seguem em estágio de enchimento de grãos e maturação. Nas próximas semanas a colheita deve evoluir de forma acelerada. Foi registrado um foco de ferrugem asiática



ca, sem perdas significativas.

Em Tocantins, a colheita que começou de forma lenta no final de janeiro teve seu ritmo acelerado após a segunda semana de fevereiro, chegando a 16% na semana do levantamento. A colheita encontra-se em ritmo distinto em diferentes regiões, com algumas regiões bem adiantadas, como é o caso de Campos Lindos, Caseara, Porto Nacional e Aparecida do Rio Negro, enquanto que no norte do estado a colheita está no início devido ao atraso e o escalonamento ocorrido na época de plantio. A chuva persistente tem dificultado o andamento da colheita em alguns casos pontuais, mas ainda não foram relatadas perdas de qualidade do produto colhido. As lavouras se encontram em estágios que vão desde o início do florescimento até o produto colhido, em decorrência da irregularidade de chuvas em todo o estado desde o início do plantio. A colheita deve estender-se até o final de abril.

Figura 39 - Colheita de soja no município de Campos Lindos – TO



Fonte: Conab.

No Maranhão, o estabelecimento das lavouras de soja foi encerrado em fevereiro, nas regiões centro, leste e oeste do estado. Houve atraso, devido à dificuldade das máquinas realizarem a operação de plantio em decorrência do excesso de chuvas em janeiro, em algumas unidades produtivas, bem como a necessidade de replantio de parte da área já plantada onde as sementes não germinaram no solo com excesso de umidade. Na região sul do estado, a colheita teve início e conta com aproximadamente 15% da área cultivada. A área plantada mostrou uma redução de 1,6% em relação a última safra, estimando-se 976,4 mil hectares, em função de uma migração da área de soja para as lavouras de milho verão, diante de frustrações ocorridas na semeadura da soja com veranico em outubro e novembro passado. A produtividade média está estimada em 3.181 kg/ha. O sistema de manejo predominante é de plantio direto, com plantio semidireto ou convencional em áreas que precisam passar por descompactação

do solo. As propriedades utilizam várias variedades de ciclo precoce, médio e tardio. A maior parte das unidades produtivas usam cobertura de pousio com culturas com milho e gramíneas.

No Piauí, o plantio da soja teve início a partir do encerramento do vazio sanitário e estendeu-se até o final de janeiro na região norte do estado. A cultura encontra-se totalmente plantada. A irregularidade e baixa intensidade das precipitações pluviométricas ocasionaram um replantio de 11% das áreas. Pouco mais da metade da área replantada, migrou para milho, pois a janela ideal de plantio da soja já havia encerrado e o milho tem apresentado condições de mercado bastante favoráveis ao produtor. Desta forma a área efetivamente plantada foi de 758,9 mil hectares, aumento de 0,1% em relação à safra passada, incremento aquém da expectativa inicial.

Após as intempéries climáticas na fase de implantação da lavoura, as chuvas retornaram com boa intensidade e regularidade, tornando a umidade adequada para o desenvolvimento da cultura. Atualmente 82% das lavouras são consideradas em boas condições e 18% em condições regulares, números estes que apresentaram melhoras em relação ao levantamento passado devido as boas condições climáticas apresentadas durante fevereiro. Com relação as fases da cultura, 12% encontram-se em desenvolvimento vegetativo, 27% em floração, 48% em frutificação, 9% em maturação e 4% colhido. A maior parte das lavouras encontram-se em estágio reprodutivo, o que ainda exige bons índices de umidade para que as expectativas de produtividade se materializem. As previsões climáticas para os próximos meses indicam elevadas chances de o cenário se confirmar.

No Pará, o crescimento da área de soja no pólo de Paragominas poderia ser maior esse ano, mais a finalização da safra 2018/19, contou com uma quantidade de precipitação acima das médias históricas, ardendo de 10 a 20% dos grãos, prejudicando a quem plantou no fim da janela de plantio. Isso impactou a adimplência dos produtores com trades e agentes financeiros, e menos crédito circulou para financiar novas áreas. As chuvas atrasaram e prejudicaram a germinação, principalmente na região de Rondon do Pará, também na BR-010. De 10 a 20% das áreas, principalmente, em Rondon do Pará foram replantadas. A região já está com soja toda plantada e com excelentes condições de desenvolvimento de lavoura. Quanto a região sul do estado, cerca de 40% da soja já foi colhida. As condições climáticas estão muito satisfatórias desde o início do plantio. A região sul do estado responde por cerca de 25% da produção de soja do Pará. A área de soja está estimada atingir 574,9 mil hectares, e a produtividade 3.051 kg/ha.



6.1.9.2. REGIÃO CENTRO-OESTE

Na principal região produtora do país ocorreu importante incremento na área plantada, atingindo 2,9% em relação ao ocorrido no plantio passado, atingindo 16.574,4 mil hectares plantados.

Mato Grosso deve colher a maior safra de sua história, devido à combinação de área recorde e de produtividade média inédita. O espaço alocado à cultura registra 10.004,1 mil hectares, apresentando acréscimo de 3,1% em relação ao ciclo anterior, em que 9.699,5 mil hectares foram plantados. A incorporação de áreas ao processo produtivo da soja segue seu curso, e novas áreas são abertas em distintas frentes, em fronteiras agrícolas diferentes ao longo do estado. No que tange à produtividade média, projeta-se resultado de 3.477 kg/ha, 3,9% maior do que o obtido na safra passada. Maiores investimentos e maior tecnologia empregada são reflexos dos incentivos dados pelo mercado, em conjuntura de dólar elevado, sob a perspectiva brasileira, e de ganho de espaço do mercado mundial da commodity. As condições climáticas também têm favorecido o resultado e a produção estadual é projetada em 34.784,3 mil toneladas, 7,2% maior do que a obtida na temporada anterior. O registro de excesso de chuvas em algumas regiões, especialmente na última semana de fevereiro, não devem impactar o resultado positivo, tendo efeitos restritos, até mesmo porque a colheita se encaminha para seu desfecho. Calcula-se que 86,9% da safra de soja já tenha sido colhida até o fechamento de fevereiro, situação avançada e que favorece a janela de culturas de segunda safra.

Em Mato Grosso do Sul, a área total estimada é de 2.950,7 mil hectares com uma produtividade prevista de 3.420 kg/ha. Do total semeado até este momento (primeira semana de março), 10% encontra-se em floração, 15% em enchimento de grãos, 28% em maturação e 47% já colhido. Há um atraso da colheita da soja em relação à safra anterior, que neste mesmo período era de 65%. As precipitações continuam suficientes no estado e em todas as regiões produtoras. O tempo quente com solo úmido e alta insolação são ideais para o crescimento e desenvolvimento da soja. Praticamente todas as lavouras de soja já não precisam mais de chuva para o seu crescimento e desenvolvimento, ou seja, o clima já não interfere mais para o potencial de produção. As principais pragas que atacam as lavouras atualmente são o complexo dos percevejos que mi-

gram das lavouras colhidas para aquelas em desenvolvimento, demandando atenção por parte do produtor e aplicações extras de inseticidas. Observa-se muita variabilidade das lavouras decorrentes dos diferentes tipos de solos, cultivares plantadas e época de plantio. As chuvas deram uma trégua no último decêndio de março, favorecendo a secagem e colheita dos grãos. As produtividades estão muito variadas, pois o percentual de colheita coincide com a finalização das primeiras áreas semeadas, que sofreram com stress hídrico e resultou em lavouras com baixo stand, desenvolvimento desigual e menor produtividade e o início nas lavouras implantadas a partir de novembro, quando começou a normalização das chuvas e que mantiveram seu potencial produtivo. Ainda assim, a média estimada para o estado é de 3.420 quilos por hectare. Apesar dos problemas climáticos de outubro e novembro, há boas produtividades das lavouras colhidas, e uma das razões é o aprofundamento do sistema radicular das plantas e o efeito compensatório da cultura. Pode-se observar várias frentes de colheita por todo o estado. Ainda há algumas lavouras em enchimento de grãos, de forma que a colheita será estendida até abril. O pico da colheita ocorrerá nas duas primeiras semanas de março, quando a maior parte das lavouras estarão em ponto ideal de umidade dos grãos para a realização da operação e coincide com o encerramento do prazo de semeadura do milho segunda safra definido pelo zoneamento agroclimático na maioria dos municípios. O clima tem se mantido adequado à operação, com precipitações abaixo do desejado pelos produtores quando se considera o cultivo do milho.

Em Goiás, muitas áreas ainda se encontram no estágio de enchimento de grãos ou sendo dessecadas para a colheita. Aproximadamente 52% da soja está colhida. Bons rendimentos começam no momento em que os agricultores entram colhendo a soja de ciclo médio (acima de 62 sacas em muitos municípios). Alguns registros de queda de qualidade: alta umidade e lotes com presença de grãos ardidos. Com relação a região norte do estado, a soja encontra-se em início de colheita, nos diversos municípios da região, aguardando uma estiagem, para sua ampliação. A soja de variedades precoces seguem para esmagamento nas indústrias locais, enquanto na medida em que a colheita avança para materiais de ciclo médio, esses são encaminhados para os portos.



6.1.9.3. REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste, a área plantada com a oleaginosa nesta temporada apresentou a maior elevação percentual do país, com incremento de 7,4% em relação ao período anterior.

Em Minas Gerais, o aumento da área plantada nesta safra ocorre, principalmente pela ocupação de áreas anteriormente destinadas ao feijão, cana e pastagem, motivada pelos bons preços de mercado, bem como a garantia de venda do produto. As condições climáticas possibilitaram um aumento substancial da produtividade, estimada atualmente em 3.555 kg/ha. Lavouras em estágio de maturação e colheita com atraso, em razão do excesso de chuvas.

6.1.9.4. REGIÃO SUL

É esperado incremento percentual na área plantada de 1,7% em relação ao observado no exercício anterior. A região deverá sair do patamar de 11.879,6 mil hectares para 12.085,1 mil hectares.

No Rio Grande do Sul, fevereiro apresentou chuvas abaixo do esperado, agravando a situação das lavouras que sofrem com estiagem desde o início de dezembro. Mais um agravante nessa situação foi a ocorrência de dias muito quentes, com baixa umidade relativa e ventos constantes, que aumentam significativamente a perda de água pelas plantas e solo. Esta ausência de chuvas acabou coincidindo com o período de definição do rendimento da soja, ou seja, floração, fixação de vagens e enchimento de grãos, acentuando as perdas já esperadas pela redução no crescimento das plantas. Até o final de janeiro, quando ocorreram precipitações em volume relativamente alto, que amenizaram a estiagem que vinha desde dezembro, havia expectativa de que, caso regularizasse as chuvas, fosse mantido um bom patamar produtivo das lavouras. No entanto, como novamente houve estiagem, as perdas começaram a se tornar irreversíveis. As perdas se acentuam nas lavouras semeadas em outubro, que representam 10% da área total. Essas passaram por uma sequência de adversidades climáticas que contribuíram para o insucesso das lavouras, desde chuvas na semeadura e estiagem na floração e enchimento de grãos. Já para as lavouras semeadas em novembro, que correspondem a 66% da área do estado, as perdas são mais amenas, mas podem se agravar. Estas lavouras, se encontram em fase de granação, e necessitam de alta demanda hídrica para encher vagem e, mesmo com as chuvas das últimas semanas, já está consolidado perdas de 15 a 20% do potencial produtivo. Em resumo, as regiões Fronteira Oeste, Missões e Alto Uruguai apresentam as menores perdas, até 10%, enquanto que parte do Planalto Médio, Centro e Sul apresentam as maiores perdas, já chegando na casa

Em São Paulo, a colheita já foi iniciada nas diversas regiões produtoras. Acredita-se que até o presente momento foi colhido em torno de 40% e a produtividade da soja se mantém em níveis mais elevados que os da safra anterior, em função basicamente das boas condições climáticas. As lavouras, depois de ter passado pela seca de outubro e meados de novembro, se recuperaram, com as chuvas apresentando grande regularidade. Os produtores que tiveram que refazer o plantio, assim o fizeram sem maiores preocupações. Para a maioria da soja que ainda em campo, o desenvolvimento pleno irá depender do volume de chuvas, uma vez que, na fase de enchimento de grãos, o estoque hídrico no solo é um fator determinante.

dos 20%. No momento, 1% da área foi colhida, 17% está em maturação, 61% em enchimento de grãos, 19% em floração e 2% ainda em fase vegetativa.

Em Santa Catarina, a maioria das lavouras se encontra entre a fase de granação (39%) e maturação (44%), e apenas 13% da área encontra-se colhida. As lavouras tardias, plantadas após colheita do feijão primeira safra e milho, se encontram na fase de floração e respondem pelo restante da área. Observou-se ao longo dos levantamentos que a área da soja apresentou incremento em relação à safra passada, ganhando espaço sobre outras culturas e, também, através da expansão agrícola em áreas de pastagens e reflorestamentos, principalmente sobre florestas de pinus. A principal característica desta safra foram os dois períodos de estiagem, o primeiro em setembro e o segundo entre o final de dezembro e a primeira quinzena de janeiro, os quais atingiram em maior ou menor intensidade as regiões catarinenses, com destaque para a região do planalto sul e meio-oeste, onde se encontra o maior município produtor, Campos Novos. Tendo em vista que o plantio nesta região ocorre mais tarde em função do plantio de trigo e da maior altitude, a estiagem nesta região coincidiu com a floração e granação, o que acabou por afetar a produtividade. Em termos de sanidade, há pouca ocorrência de pragas e doenças, com exceção de ataques pontuais de percevejos e alguns focos de mofo branco em áreas onde não houve rotação de culturas com gramíneas. Na região oeste encontram-se as últimas lavouras semeadas entre janeiro e fevereiro. Estas estão ainda em fase intermediária de desenvolvimento, entre vegetativo e formação inicial de grãos, e dependem muito das condições climáticas para completarem seu ciclo. De forma geral, o resultado da safra ainda não é conclusivo em termos de produtividade e produção, haja vista que as condições climáticas têm sido instáveis ao longo do ciclo da cultura e entre as



regiões. Algumas delas apresentaram perdas já irreversíveis, enquanto outras foram favorecidas pelo clima considerado normal. Assim, perdas em determinadas regiões serão compensadas pelos ganhos em outras.

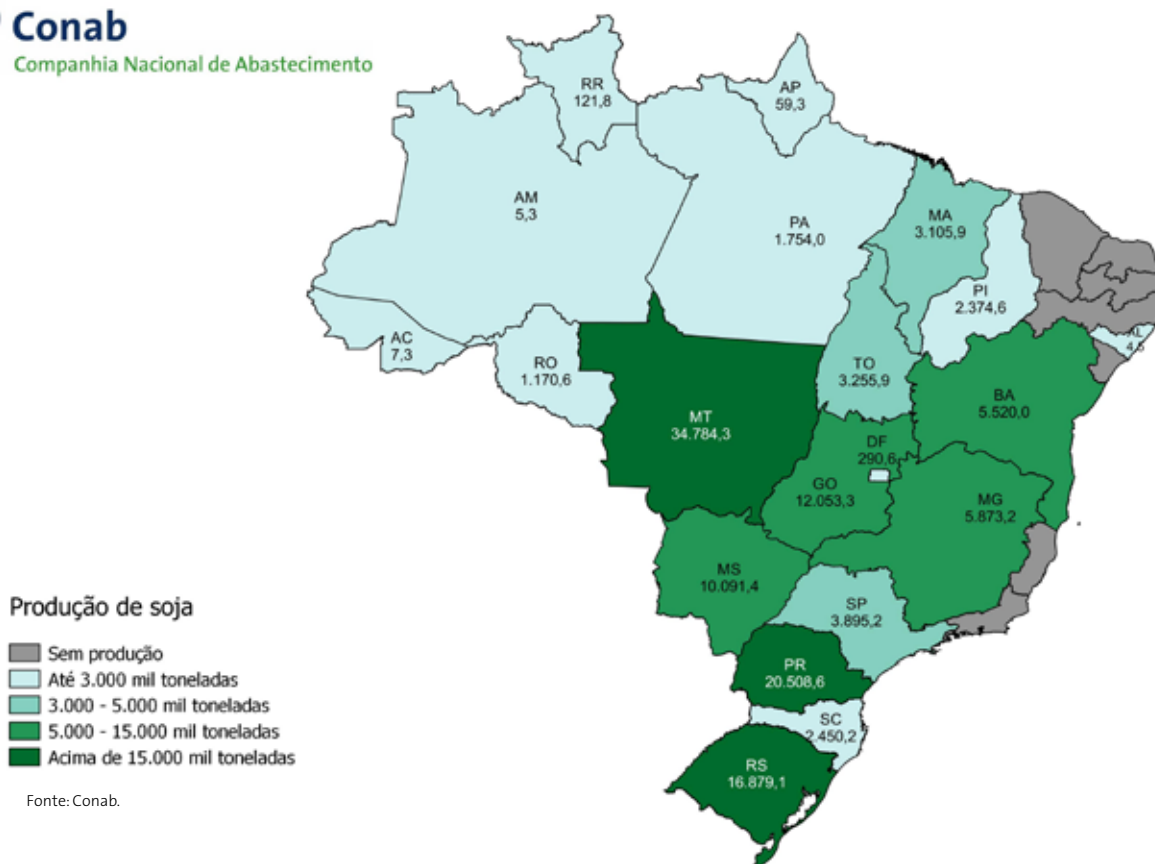
Figura 40 - Lavoura de soja em Xanxerê – SC



Fonte: Conab.

No Paraná a área semeada com a cultura foi recorde nesta safra, passando de 5,5 milhões de hectares. O crescimento se deu sobre milho, feijão, cana e expansão agrícola. As chuvas ocorreram de forma regular em quase todo o ciclo dessa cultura, porém, nas últimas duas semanas, houve deficit hídrico, que pode prejudicar o rendimento das lavouras em fase de frutificação. Cerca de metade das lavouras foram colhidas apresentando ótimas produtividades e qualidade de grãos. A produtividade está estimada em 3.727 kg/ha. Caso se confirme este rendimento, a produção de 20.508,6 mil toneladas será recorde. Os preços pagos ao produtor estão muito bons, mesmo com a elevação da oferta. O câmbio está favorável para os preços que giram em torno de R\$82/sc. Mesmo com estes bons preços, apenas 30% da produção está comercializada, o que indica que os produtores estão capitalizados.

Figura 41 - Mapa da produção agrícola - Soja



Fonte: Conab.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2019/20)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
RR	Norte de Roraima									P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C
RO	Leste Rondoniense		P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C							
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C				
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Oriental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
PI	Sudoeste Piauiense		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C							
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sul Goiano		P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C						
SP	Itapetininga		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C							
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C					
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



6.1.10. SORGO

A área total de sorgo é estimada em 736,4 mil hectares, e deverá apresentar um aumento de 0,6% em relação ao efetivado na temporada anterior.

Na Paraíba, por fatores econômicos, o produtor paraibano tradicionalmente explora o sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. Soma-se a isso, a substituição de áreas destinadas à cultura por outra de maior relevância comercial. Em relação ao sorgo granífero a cultura da safra 2019 está em torno de 0,2 mil hectares, e produtividade com a média de 1.700 kg/ha. Para esta safra a área foi mantida, e a produtividade estima-se 1.600kg/ha.

Na Bahia, estimam-se que sejam cultivados 81,4 mil hectares, redução de 22% em relação à safra passada. Essa redução na área do sorgo, registrada no Centro-Sul, motivada pela mudança de comportamento do produtor, que após sucessivos anos agrícolas com estiagem, optou pela produção de silagem de sorgo ou invés de colher o grão. O plantio foi realizado em 50% da sua área total. Pelo fato do sorgo ser resistente a estresse hídrico, a umidade do solo não resulta em grande preocupação, caso esse fator aconteça na região produtora. Estima-se um aumento de produtividade de 48,9% em

relação à safra passada.

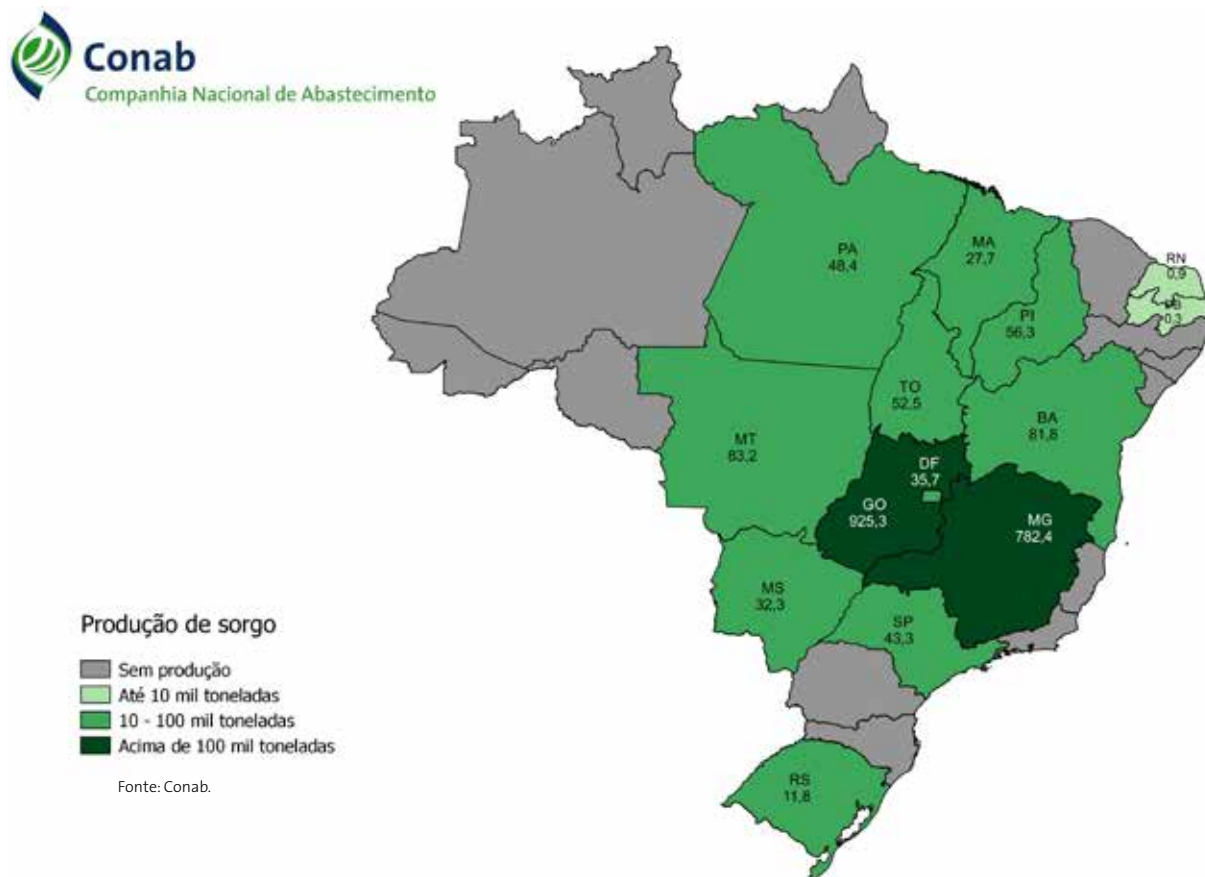
Em Goiás, chuvas com bons volumes estendem a janela de plantio do milho segunda safra. Algumas áreas de sorgo estão em início de plantio no estado, porém, com o atraso do plantio do milho estado safra, o plantio deve se concentrar a partir do início de março, após a finalização do plantio do milho segunda safra.

Alguns informantes relatam o aumento na demanda por sementes de sorgo nesta safra em virtude da proximidade do fim da janela ideal para o plantio do milho segunda safra, o que pode refletir em um aumento da área de sorgo, outras informações apontam, no entanto, que devido aos preços atrativos do milho, ocorrerá um prolongamento do plantio do milho segunda safra até março, podendo, com isso, reduzir a área de sorgo no estado, porém somente a partir do próximo mês será possível aferir essas informações.

As empresas oferecem bons preços para pagamento futuro, acima de R\$ 32 a saca de 60 quilos.

Estima-se que sejam cultivados 264,9 mil hectares, aumento de 1,1% em relação à safra passada.

Figura 42 - Mapa da produção agrícola - Sorgo



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

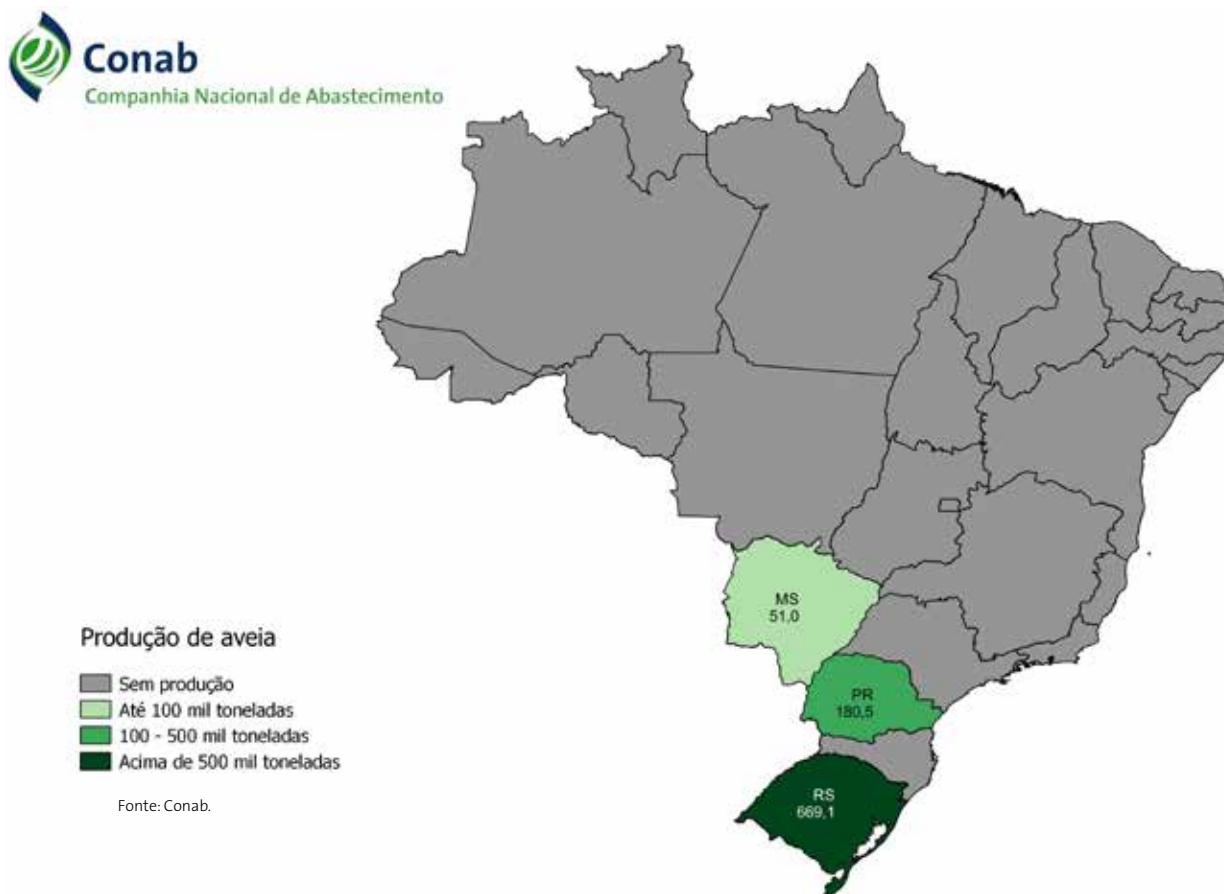
Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

6.2 CULTURAS DE INVERNO

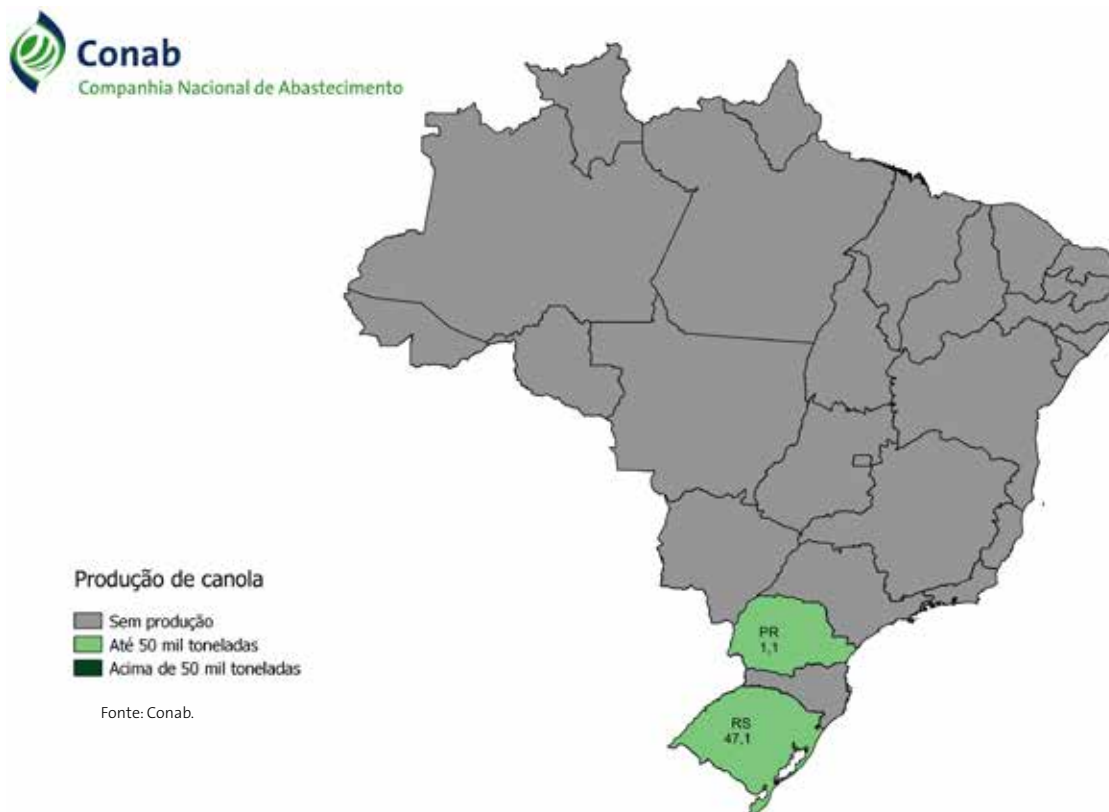
6.2.1. AVEIA-BRANCA

Figura 43 - Mapa da produção agrícola - Aveia



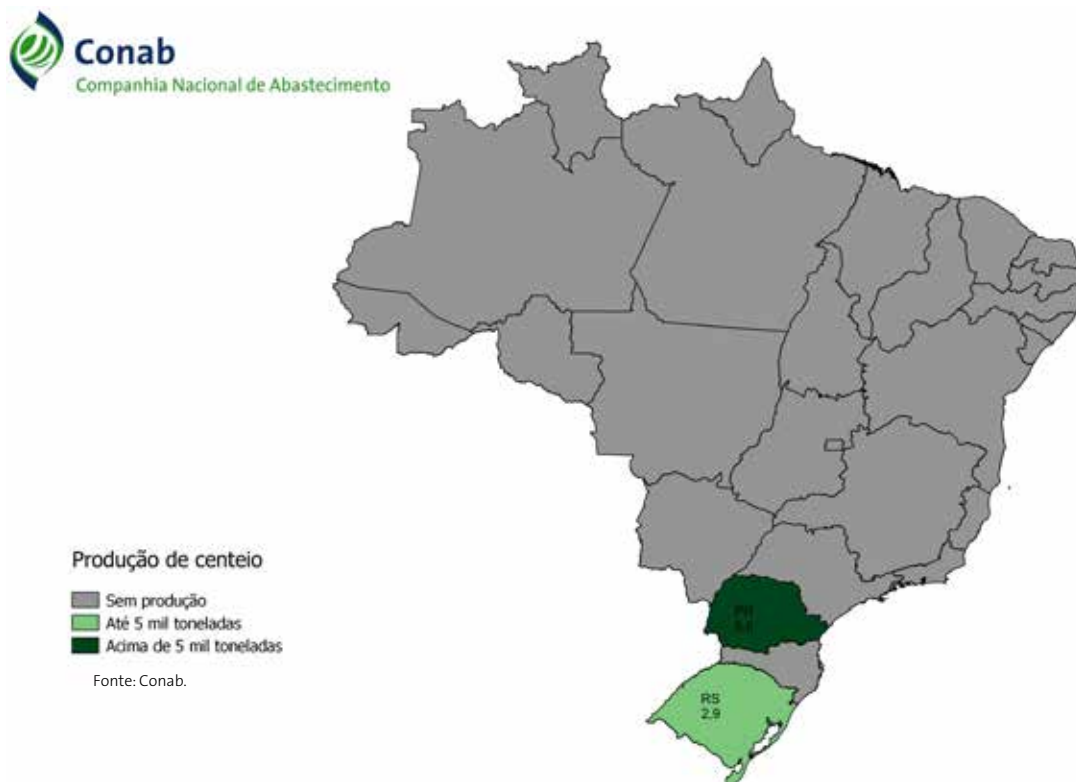
6.2.2. CANOLA

Figura 44 - Mapa da produção agrícola - Canola



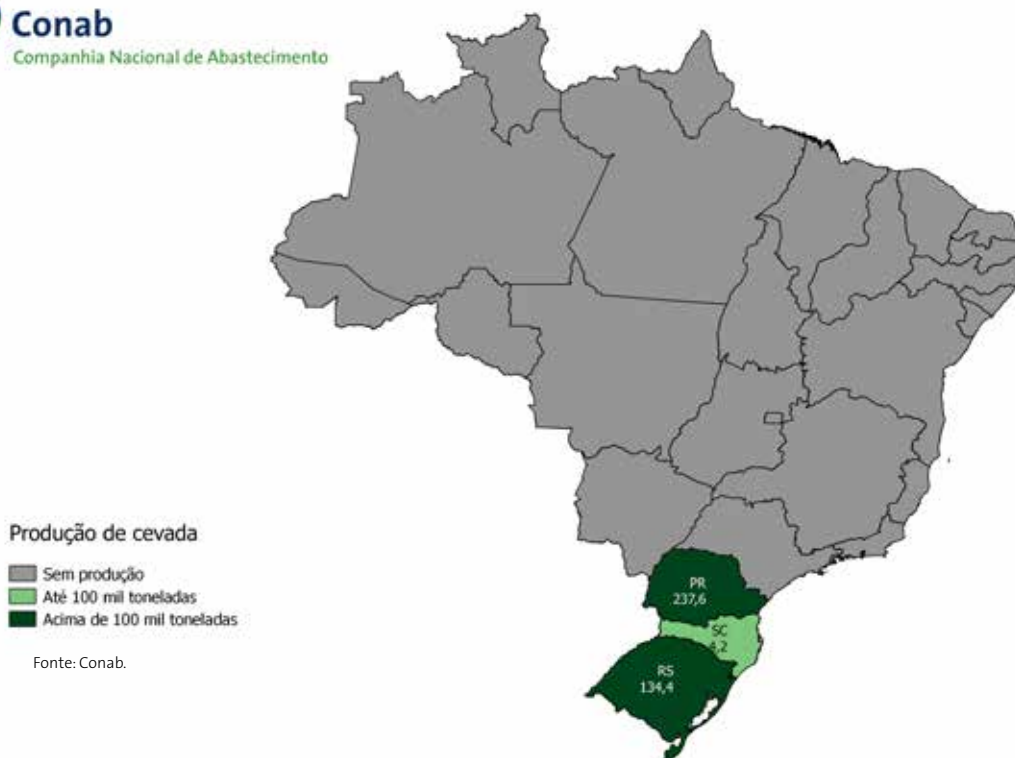
6.2.3. CENTEIO

Figura 45- Mapa da produção agrícola - Centeio



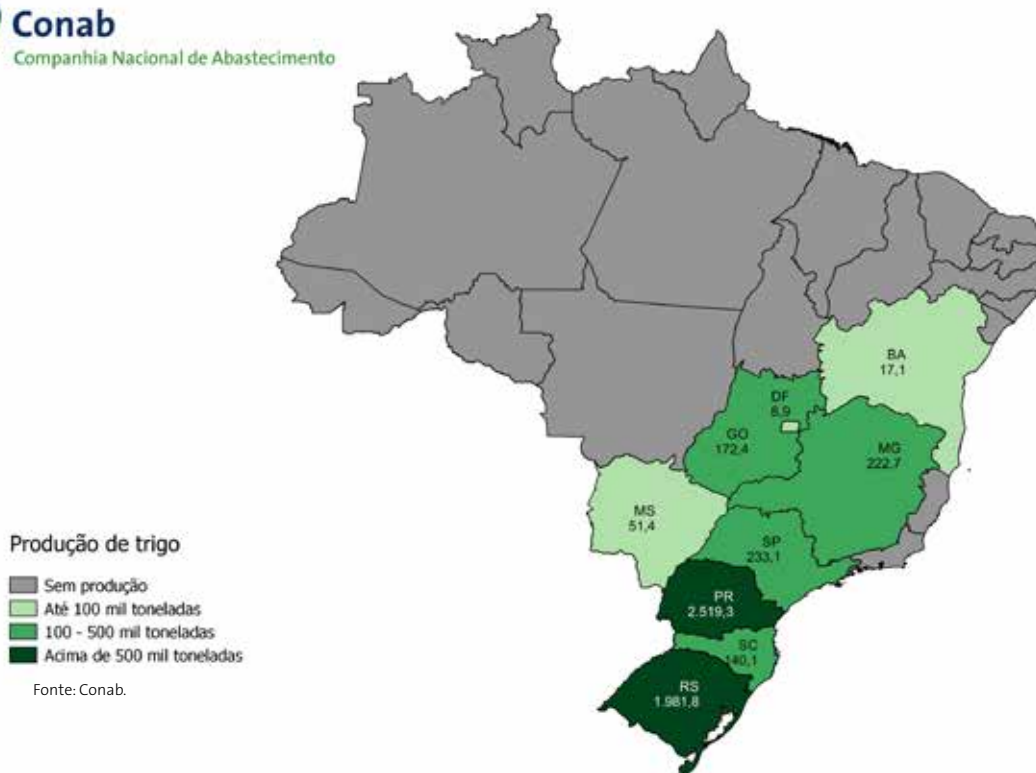
6.2.4. CEVADA

Figura 46 - Mapa da produção agrícola - Cevada



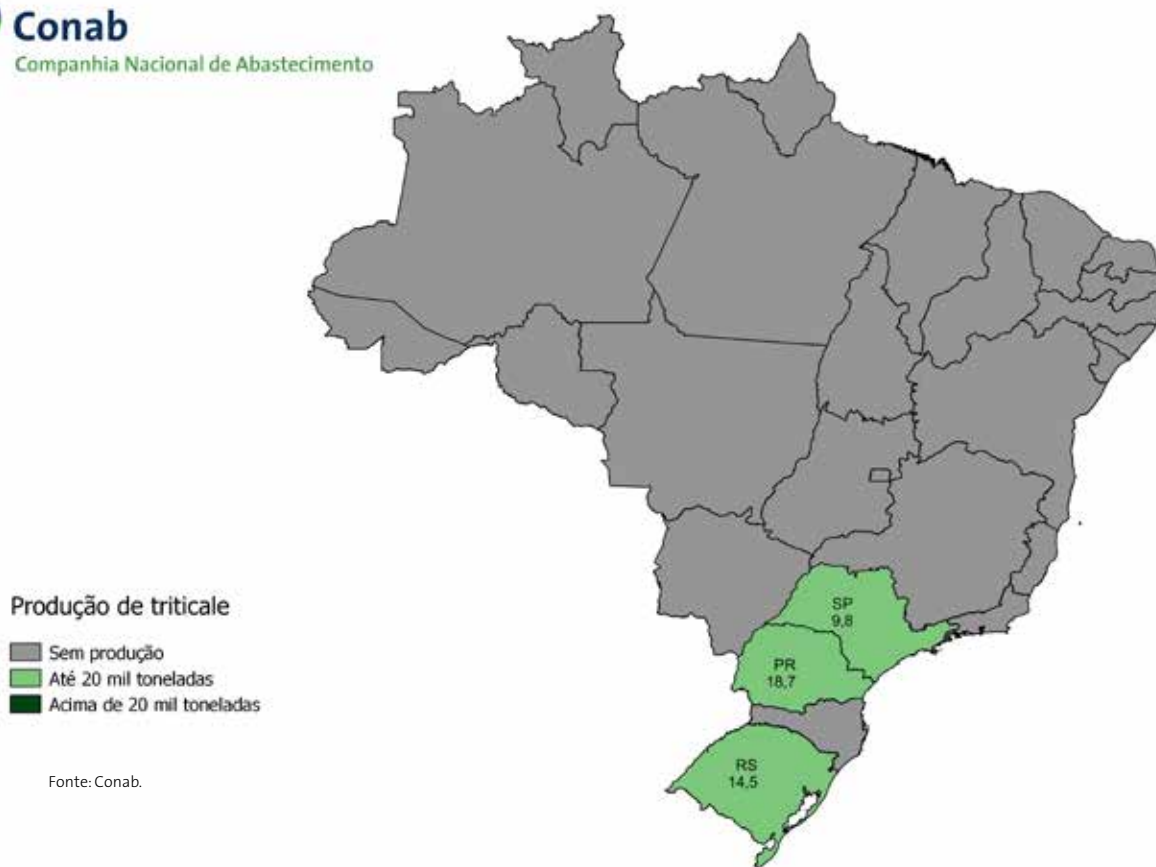
6.2.5. TRIGO

Figura 47 - Mapa da produção agrícola - Trigo



6.2.6. TRITICALE

Figura 48 - Mapa da produção agrícola - Triticale



Fonte: Conab.





7. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

7.1. ALGODÃO

7.1.1. PANORAMA NACIONAL

Depois do ótimo resultado das exportações no último trimestre de 2019 e do recorde batido em janeiro de 2020, quando o Brasil exportou acima de 300 mil toneladas, o ritmo em fevereiro, como esperado, caiu. Foram exportadas pouco mais de 169 mil toneladas até a quarta semana, o que gerou uma receita de US\$ 268 milhões. Ao considerar a temporada de julho de 2019 a junho de 2020, foram exportadas, até agora, 1,68 milhão de toneladas, faltando pouco mais de 300 mil toneladas para se completar um volume de 2 milhões de toneladas até o fim desse período, volume totalmente factível. Com a valorização do dólar, a pluma nacional ganhou competitividade no mercado internacional, fortalecendo as exportações.

No início deste mês, o IBGE anunciou que o crescimento do PIB brasileiro ficou em apenas 1,1% em 2019, bem abaixo da expectativa do início do período. Com isso, segue lenta a recuperação do mercado têxtil brasileiro. Apesar disso, diante da força exportadora no mercado do algodão, a indústria nacional foi obrigada a aumentar seu consumo e se garantir para a entressafra. Esses fatores ajudaram na recuperação dos preços, a despeito da queda no mercado internacional em fevereiro.

De setembro de 2019 a janeiro de 2020, os preços internacionais se recuperaram diante da aproximação entre os Estados Unidos e China, do bom volume exportado pelos Estados Unidos e da valorização do petróleo, mas voltaram a recuar diante da crise do Coronavírus. Só em fevereiro, o contrato de maior liquidez da Bolsa de Futuros de Nova Iorque acumulou perda

7.2. ARROZ

A safra 2018/19 significativamente abaixo da média histórica, no Brasil e no Mercosul, somada aos estoques baixos e ao favorecimento das exportações, com o dólar em patamares históricos de alta, refletem em aumento nos preços no último ano de 26,62% (R\$ 49,80 a saca no Rio Grande do Sul). Esse comportamento deve arrefecer ao longo de março, pois haverá uma intensificação da colheita ao decorrer dos próximos dois meses. Apesar de boa parte dos fundamentos de mercado apontarem para uma forte valorização do grão, a retração do consumo interno irá contrabalançar e amenizar os movimentos de alta.

Para a próxima safra 2019/20, com a expectativa de manutenção de baixo volume colhido, estoques de passagem menores, balança comercial equilibrada e baixo consumo, projeta-se um cenário com preços acima dos cotados ao longo da atual safra.

Em relação à balança comercial, depois de um supera-

7.3. FEIJÃO

A temporada 2019/20 guarda muita semelhança com a safra 2018/19, em termos de produção. A safra se iniciou com baixo estoque de passagem em virtude de perdas causadas por estiagens na segunda safra no Paraná em 2018 e perdas da safra em regime de sequeiro no nordeste da Bahia. Para agravar ainda mais a situação de oferta, que acabaram permitindo uma significativa alta nos preços a partir de janeiro de 2020, as perdas causadas pelas condições climáticas adversas nas regiões produtoras de Goiás e Minas Gerais, reduziu, na prática, o saldo remanescente da primeira safra, pois o feijão de baixa qualidade não atende à demanda dos empacotadores.

A tendência é de que os preços se mantenham relativamente estáveis e em bons patamares aos produtores até meados abril, quando começa a diminuir a produção da primeira safra e a entrada no mercado da produção da segunda safra. Embora as cotações possam sofrer alguma pressão negativa durante o pico de colheita, essas deverão ainda se situar num patamar promissor aos produtores em razão do baixo

de 10%. O algodão foi a commodity mais afetada pela crise infecciosa, além do produtor não ser um bem de segurança alimentar, o principal mercado consumidor da pluma é a Ásia, foco da doença. A região, principalmente a China, sofre com a queda na produção industrial e possíveis problemas logísticos

vit de 865,1 mil toneladas na safra 2017/18, houve uma retração do superavit para 323,1 mil toneladas. Para a safra 2019/20, de março de 2020 até fevereiro de 2021, projeta-se equilíbrio entre o importado e o exportado em 1.100 mil toneladas, com a perspectiva de elevados preços internos e dólar valorizado.

Sobre o fechamento do quadro de suprimento, observou-se uma exportação de 60,9 mil toneladas acima do prevista no último levantamento de safras e uma importação de 12,3 mil toneladas abaixo do previsto. Com isso, realizou-se o ajuste no consumo interno para 10,4 milhões de toneladas, o que corrobora as análises anteriores de desaquecimento do consumo brasileiro de arroz em razão, principalmente, por uma mudança de hábitos por parte da população. Assim, utilizando o mesmo patamar de demanda para a safra 2019/20, estima-se um estoque final de passagem ajustado de 518,2 mil toneladas para fevereiro de 2021.

volume de produção estimado para a safra da seca.

O mercado deverá continuar promissor, pois vamos para o segundo ano com problemas de produção em determinadas regiões, seja por condições climáticas adversas ou redução de área. O fato é que a produção está bem ajustada com a demanda, permitindo que os produtores tenham boa rentabilidade, e tudo indica que o cenário permaneça assim, pelo menos até o final de março.

Como a produção de feijão-carioca é equilibrada entre as três safras, podemos concluir que a segunda safra sofre maior pressão de oferta de feijão novo, por ter um período de meses menor (abril, maio, junho) para atender sua produção.

Em relação à balança comercial, a redução nas importações é reflexo da forte valorização do dólar frente ao real e, ainda em 2019, ocorreu uma maior necessidade de importação, vez que as chuvas excessivas, registradas no final de maio no Paraná, compromete



ram cerca de 30 mil toneladas de feijão-comum preto. Já para as exportações, identifica-se um mercado comprador consolidado, porém sem perspectiva de expansão, dado o limitado de mercado internacional de feijão-caupi, tipo de grão exportado pelo país.

Em suma, para a temporada 2019/20 prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, o volume

7.4. MILHO

Os preços intencionais cotados na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) continuam sob a influência do surto do coronavírus, com um forte vies baixista. Esse cenário também influenciou outros mercados como o do petróleo, mostrando que os investidores estão deslocando investimento, retirando-se dos que possuem alto risco.

No entanto, o fundamento que mais tem pesado é a expectativa causada pela projeção do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) sobre uma robusta safra de milho em 2020/21 nos Estados Unidos.

No mercado nacional a paridade de exportação do milho segue em alta devido não só ao dólar mais elevado,

7.5. SOJA

Os preços (spot) internacionais de fevereiro de 2020 na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) caíram em 32,8 pontos, passando da média de UScents 918,97/bu em janeiro de 2020 para UScents 886,17/bu em fevereiro de 2020.

O fato é que os preços CBOT tiveram fortes altas em dezembro de 2019 diante de uma possível negociação para pôr fim ao embate comercial entre os Estados Unidos e China, chamada de Fase 1 das negociações. Porém todo o mercado de commodities sofreram redução a partir do início do surto de coronavírus no mundo, além disso o mercado continua cauteloso quanto às negociações para pôr fim ao conflito comercial, já que, mais uma vez, ainda não teve um resultado positivo para os americanos.

Os preços nacionais devem continuar baixos em março, ainda sob pressão dos problemas com o coronavírus.

No mercado nacional os preços continuam sustentado pelo dólar, que já alcançou o valor de R\$ 4,60, com isso, os preços médio no Brasil em fevereiro de 2020 foi de R\$ 76,63 a saca de 60 quilos, em fevereiro de 2019 esse valor foi de R\$ 66,84 a saca de 60 quilos,

médio de produção é estimado em 3,1 milhões de toneladas. Nesse cenário, partindo-se do estoque inicial de 245,5 mil toneladas, o consumo em 3,05 milhões de toneladas, as importações em 100 mil toneladas e as exportações de 160 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem da ordem de 275,9 mil toneladas.

que aumenta a competitividade do milho nacional, bem como, a alta dos prêmios dos portos, evidenciando um maior interesse dos demandantes externos sobre o cereal brasileiro.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações de fevereiro de 2020 fecharam em 346,4 mil toneladas, em janeiro esse valor foi de 78,1 mil toneladas e em fevereiro de 2019 foi de 112 milhões de toneladas, com isso, as exportações de milho continuam dentro do esperado para o período. Para 2020 é esperado uma exportação de milho de aproximadamente 34 milhões de toneladas, porém com viés de alta, dependendo de qual o volume de milho segunda safra comercializado antecipadamente deverá seguir para o mercado externo.

ou seja, os preços no mercado interno em fevereiro de 2020 estão 14,64% maiores que o praticado em 2019. Os prêmio de portos estão abaixo dos valores médios dos últimos cinco anos e perto dos praticados em 2019, a tendência é que os prêmios continuem a ficar próximos a 2019, caso não aconteça nenhuma mudança no mercado.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações de fevereiro de 2020 fecharam em 5,15 milhões de toneladas, em janeiro esse valor foi de 1,49 milhão de toneladas e em fevereiro de 2019 foi de 5,26 milhões de toneladas, no acumulado o Brasil exportou, até o momento, aproximadamente 6,06 milhões de toneladas de soja em grãos, enquanto que no mesmo período de 2019 esse valor era de 7,3 milhões de toneladas. Essa pequena diferença ocorreu motivada pela antecipação da colheita de soja em 2019, assim, as exportações também teve o início antecipado. Para 2020, o mercado espera uma exportação de soja em grãos próxima de 75 milhões de toneladas.

No consumo interno cabe salientar a aprovação do uso do B12, percentual de 12% de biodiesel no diesel, sendo assim, segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) estima um au-



mento de 11,53% no consumo de óleo de soja em 2020. Ainda segundo a Abiove, o consumo total de soja em

grãos para 2020 deve ser próximo de 44,5 milhões de toneladas.

7.6. TRIGO

Apesar da baixa liquidez na comercialização, em fevereiro de 2020, o mercado doméstico apresentou elevação nas cotações em resposta ao volume restrito de trigo nacional devido à alta cotação cambial e à valorização do produto argentino, principal fornecedor brasileiro. O trigo pão foi negociado a um preço médio de R\$ 51,37 a saca no Paraná, apresentando valorização mensal de 4,09%, e no Rio Grande do Sul, valorização de 7,37%, sendo a média mensal cotada a R\$ 44,41 a saca.

Já a cotação FOB Golfo apresentou desvalorização,

como em outras commodities, em razão principalmente pelo alastramento do coronavírus. Mas pesou também o fraco desempenho nas exportações norte-americanas. A média mensal foi de US\$ 251,30 a tonelada, apresentando desvalorização de 1,96%.

Para suprir a demanda interna, em fevereiro, foram importadas 526,1 mil toneladas, sendo 87,58% de origem argentina, 6,91% de trigo norte-americano, 4,73% de trigo proveniente do Paraguai e 0,78% da França. No mesmo período foram exportadas 106,7 mil toneladas para a Arábia Saudita (58,51%) e Vietnã (41,49%).



Tabela 5 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPOR-TAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2013/14	445,5	1.734,0	31,5	2.211,0	810,0	748,6	652,4
	2014/15	652,4	1.562,8	2,0	2.217,2	670,0	834,3	712,9
	2015/16	712,9	1.289,2	27,0	2.029,1	640,0	804,0	585,1
	2016/17	585,1	1.529,5	33,6	2.148,2	685,0	834,1	629,1
	2017/18	629,1	2.005,8	30,0	2.664,9	670,0	974,0	1.020,9
	2018/19	1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.669,0	1.432,4
	2019/20	Fev/20	1.432,4	2.824,0	2,0	4.258,4	710,0	2.000,0
	Mar/20	1.432,4	2.853,7	2,0	4.288,1	710,0	2.000,0	1.578,1
Arroz em casca	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
	2017/18	711,6	12.064,2	845,2	13.621,0	11.239,0	1.710,2	671,8
	2018/19	671,8	10.445,1	1.037,7	12.154,6	10.400,0	1.360,9	393,7
	2019/20	Fev/20	416,9	10.510,7	1.100,0	12.027,6	10.450,0	1.100,0
	Mar/20	393,7	10.524,5	1.100,0	12.018,2	10.400,0	1.100,0	518,2
Feijão	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
	2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
	2018/19	287,4	3.022,5	149,6	3.459,5	3.050,0	164,0	245,5
	2019/20	Fev/20	249,9	3.058,0	130,0	3.437,9	3.050,0	145,0
	Mar/20	245,5	3.140,4	100,0	3.485,9	3.050,0	160,0	275,9
Milho	2013/14	6.246,4	80.051,7	789,2	87.087,3	53.676,0	20.882,8	12.528,5
	2014/15	12.528,5	84.672,4	315,4	97.516,3	54.650,9	30.131,3	12.734,1
	2015/16	12.734,1	66.530,6	3.336,2	82.600,9	54.837,1	18.847,3	8.916,5
	2016/17	8.916,5	97.842,8	952,5	107.711,8	57.643,9	30.813,1	19.254,8
	2017/18	19.254,8	80.709,5	900,7	100.865,0	60.945,1	23.742,2	16.177,7
	2018/19	16.177,7	100.046,3	1.596,4	117.820,4	65.243,3	41.173,2	11.403,9
	2019/20	Fev/20	11.403,9	100.485,9	1.000,0	112.889,8	70.451,8	34.000,0
	Mar/20	11.403,9	100.083,3	1.000,0	112.487,2	70.451,8	34.000,0	8.035,4
Trigo	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.262,1	6.387,0	13.179,2	11.287,4	206,2	1.685,6
	2018	1.685,6	5.427,6	6.753,1	13.866,3	12.481,4	582,9	802,0
	2019	Fev/20	802,0	5.154,7	7.000,0	12.956,7	11.806,1	300,0
	Mar/20	802,0	5.154,7	7.000,0	12.956,7	11.806,1	300,0	850,6

Fonte: Secex, importação e exportação até a safra 2017/18; Conab, demais dados.

Notas: Estimativa em março/2020/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



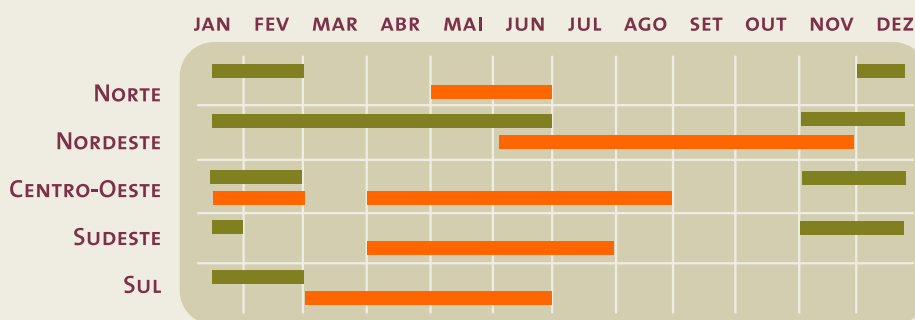


8. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

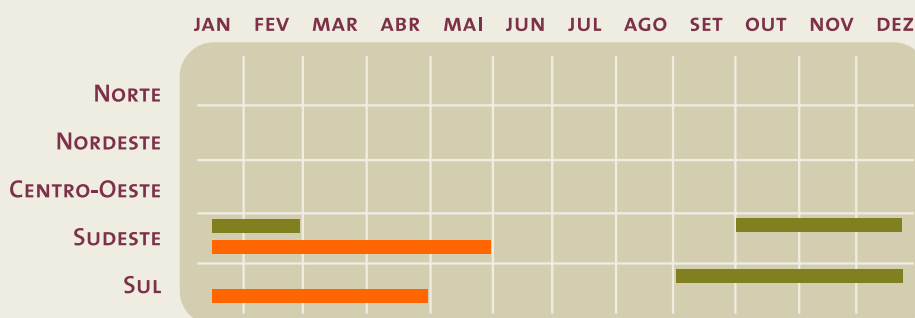
Plantio Colheita



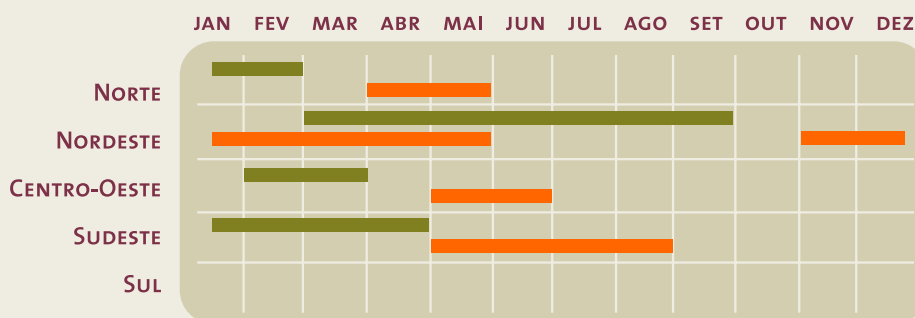
Algodão



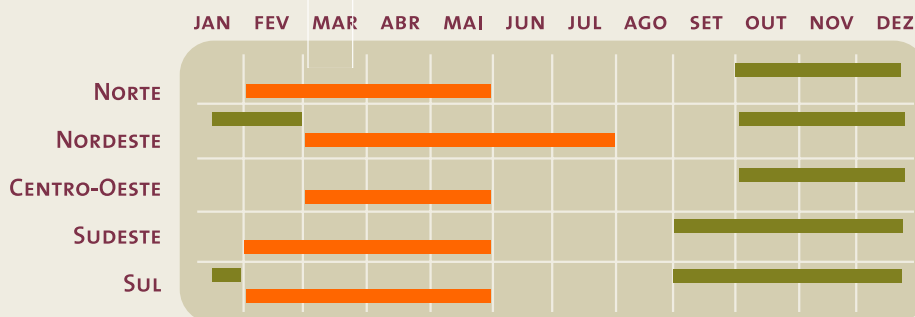
Amendoim 1ª safra



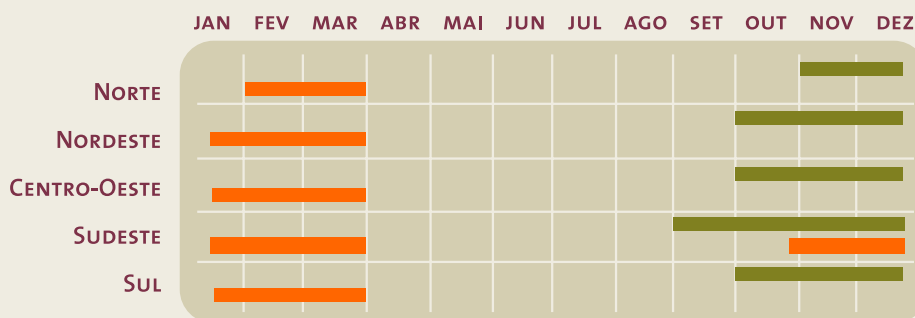
Amendoim 2ª safra



Arroz

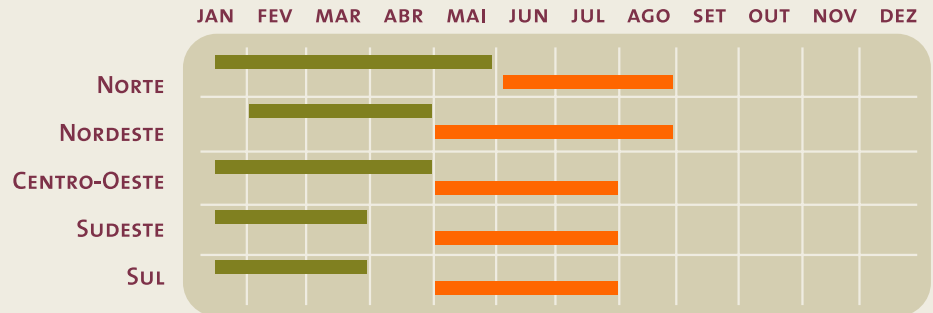


Feijão 1ª safra

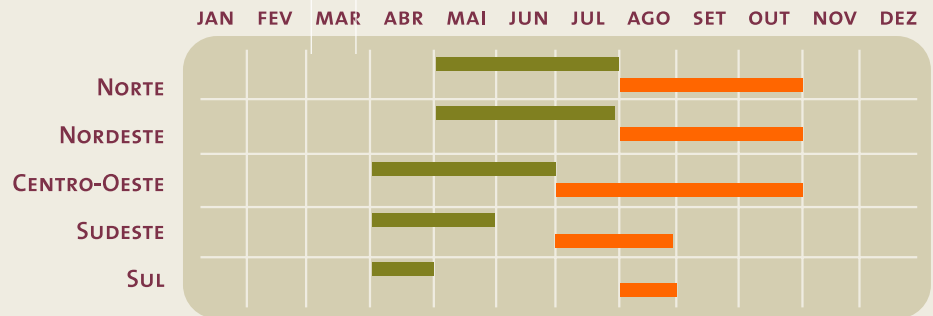




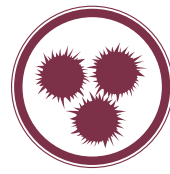
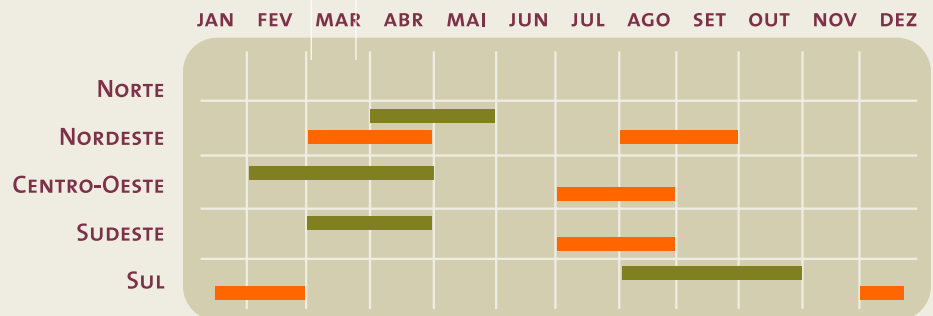
Feijão 2ª safra



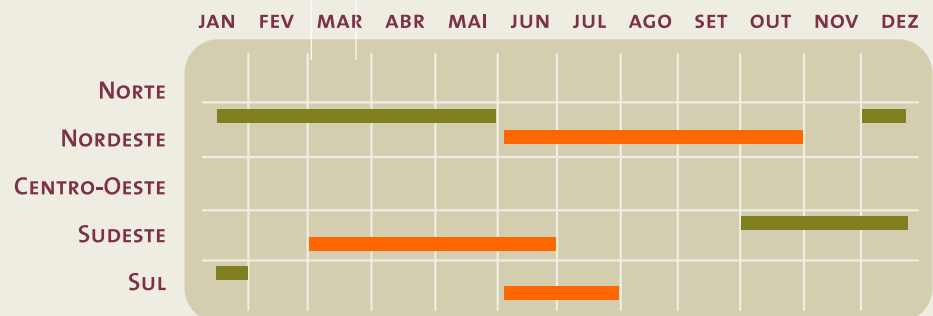
Feijão 3ª safra



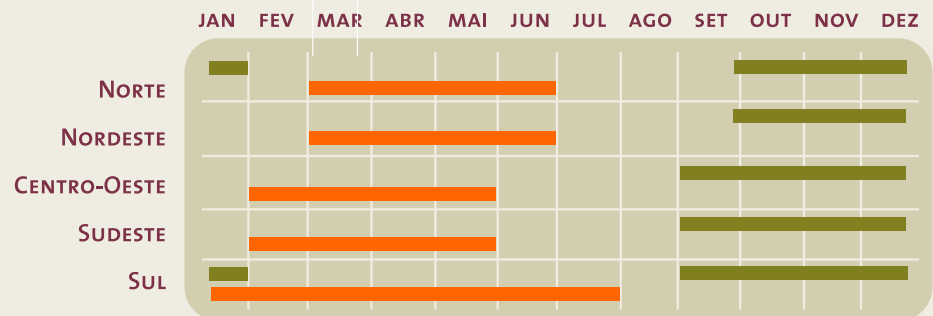
Girassol



Mamona

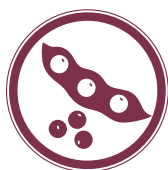
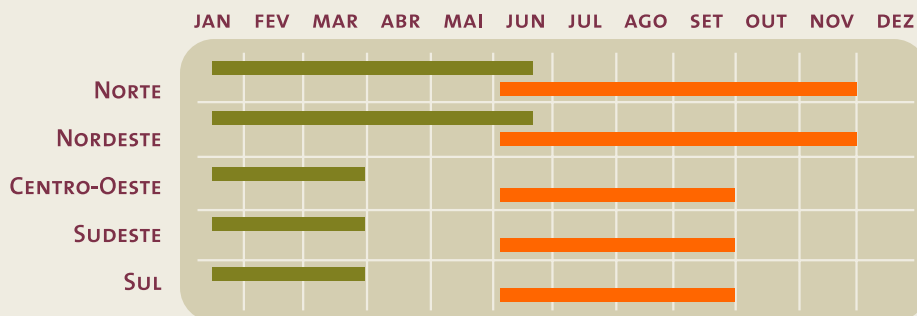


Milho 1ª safra

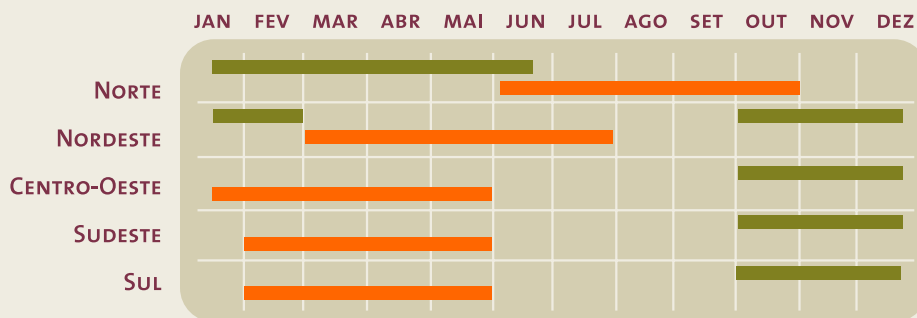




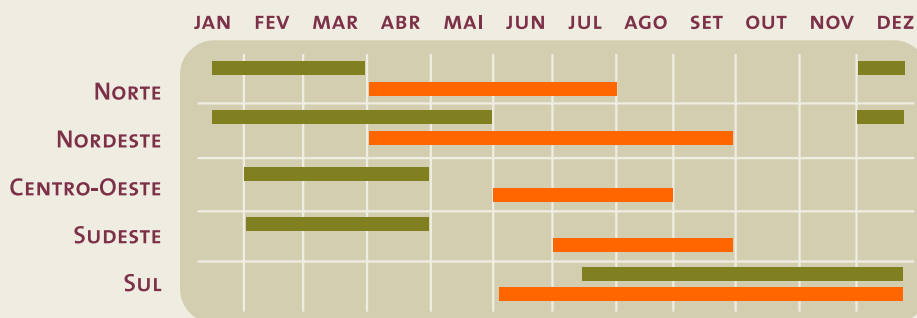
Milho 2ª safra



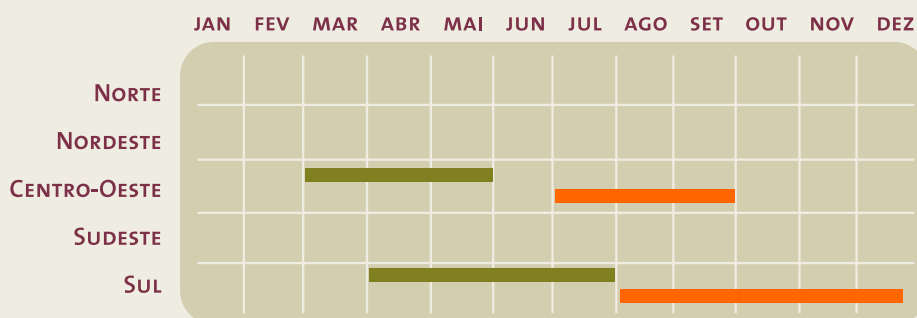
Soja



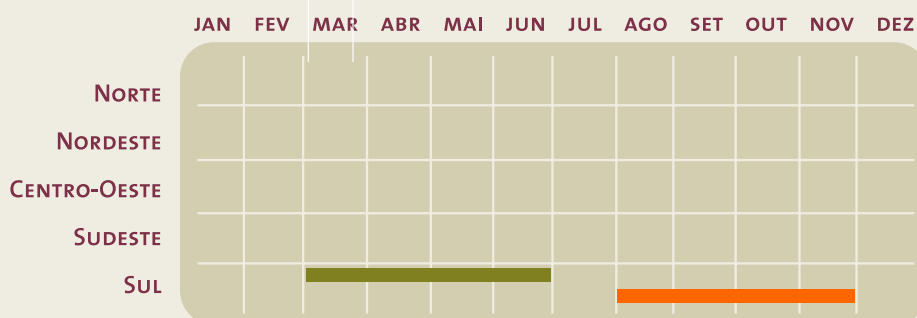
Sorgo



Aveia

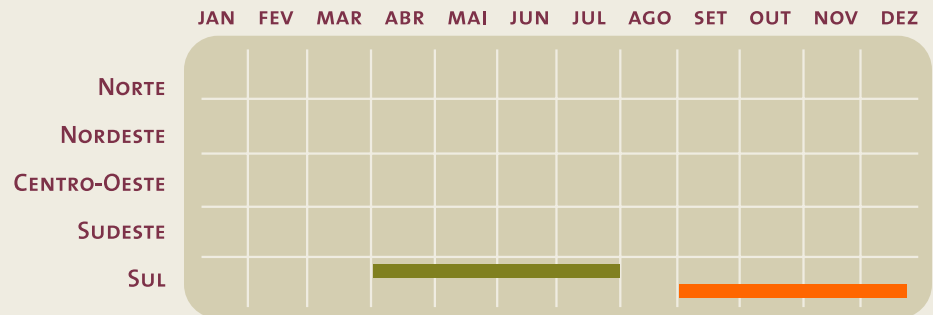


Canola

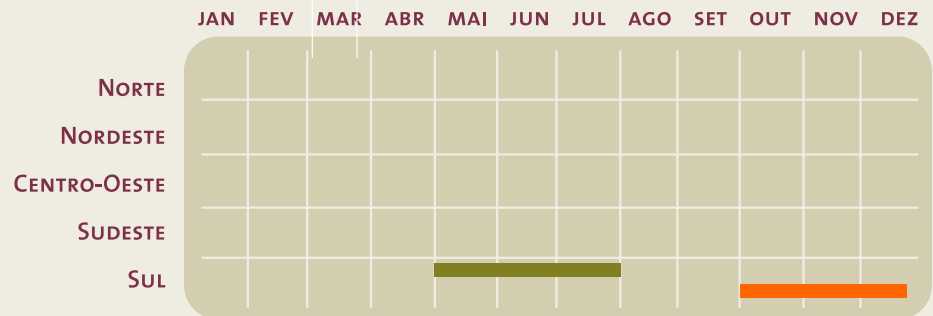




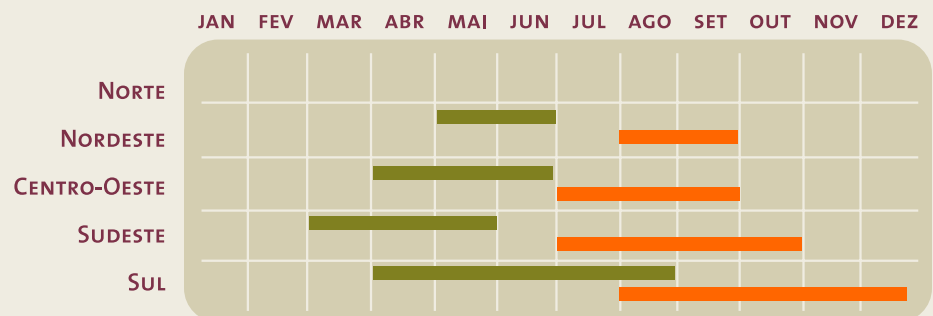
Centeio



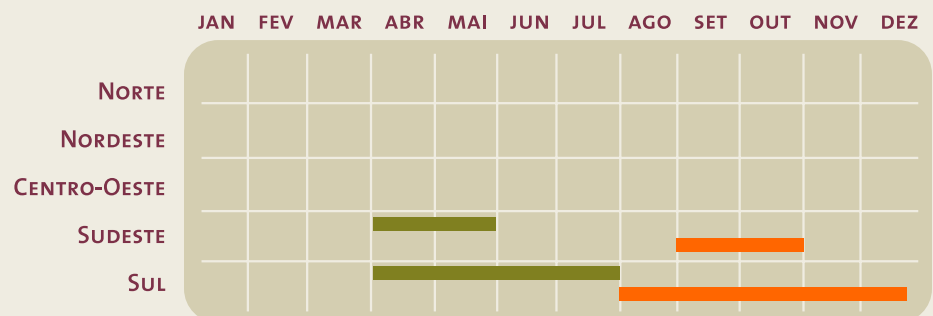
Cevada



Trigo



Triticale







Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

